



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E ENSINO DE PÓS-
GRADUAÇÃO – PPG
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO– CAMPUS II-
ALAGOINHAS/ BAHIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA
CULTURAL PÓS-CRÍTICA
Turma Especial de Canudos BA



Márcio Ronaldo Rodrigues Vieira

A DIMENSÃO DIONISÍACA DAS PERSONAGENS SUBALTERNIZADAS EM
“CARTOGRAFIA DE CANUDOS” DE JOSÉ CALASANS

Canudos/BA
2025

**A dimensão dionisíaca das personagens subalternizadas em “Cartografia de Canudos”
de José Calasans**

Márcio Ronaldo Rodrigues Vieira

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural do Departamento de Linguística, Literatura e Artes – DLLARTES II da Universidade do Estado da Bahia, como requisito final para obtenção de grau de Doutor em Crítica Cultural.

Orientador: Professor Dr. Osmar Moreira dos Santos

Canudos/BA
2025

FICHA CATALOGRÁFICA

Biblioteca Professor Raimundo Nonato da Silva Fonseca - UNEB – Campus V
Bibliotecária: Adriana Silva Freitas Sampaio – CRB5/1218

V657d Vieira, Márcio Ronaldo Rodrigues
A dimensão dionisíaca das personagens subalternizadas em “cartografias de Canudos” de José Calasans / Márcio Ronaldo Rodrigues Vieira.- Canudos - Ba, 2025.

165 f.: il.

Orientador: Osmar Moreira dos Santos.

Tese (Doutorado) – Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural-Pós-Crítica. – , Campus II. 2025.

Contém referências e apêndice.

1. História Local. 2. Canudos-Sertão. 3. Cartografia de Canudos. 4. José Calasans-historiador. 5. Crítica Cultural. I. Santos, Osmar Moreira dos. II. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II. III. Título.

CDD: 981.42

A dimensão dionisíaca das personagens subalternizadas em “Cartografia de Canudos” de José Calasans.

Márcio Ronaldo Rodrigues Vieira

Folha de Aprovação – Data da Defesa: 25/07/2025

Professor Dr. Osmar Moreira dos Santos –UNEB
Orientador e Coordenador do Pós Crítica.

Professor Dr. Everton Carneiro Nery Carneiro- UNEB
Membro Interno

Professor Dr. Patrício Batsikama Mampuya Cipriano
ISPT- Luanda –Angola - Membro Internacional

Professor Dr. José Carlos Félix- UNEB
Membro Interno

Professor Dr. Emanuel Luís Roque Soares- UFRB
Membro Externo

Professor Dr. Cláudio Pinto Nunes- UESB
Membro Externo



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
Autorização Decreto nº 9237/86. DOU 18/07/96. Reconhecimento: Portaria 909/95, DOU 01/08-95



Crítica Cultural

CERTIDÃO DE ATA

Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural - PÓS-CRÍTICA

Certificamos, para os devidos fins, que consta da Ata da Sessão de Defesa da Tese apresentado ao Programa de Pós-Graduação PÓS-CRÍTICA, realizada em 25 de Julho de 2025, às 09 hora(s) e 30 minuto(s), no(a) SALA DE VIDEOCONFERÊNCIA - GOOGLE MEET do Departamento de Linguística, Literatura e Artes, Campus II da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, que MARCIO RONALDO RODRIGUES VIEIRA defendeu o trabalho intitulado "A DIMENSÃO DIONISÍACA DAS PERSONAGENS SUBALTERNIZADAS EM “CARTOGRAFIA DE CANUDOS” DE JOSÉ

CALASANS", perante a Banca Examinadora composta pelos professores: Dr.(a) EVERTON NERY CARNEIRO - UNEB, PATRÍCIO BATISIKAMA MAMPUYA, JOSE CARLOS FELIX - UNEB, EMANOEL LUIZ ROQUE SOARES - UFRB, CLAUDIO PINTO

NUNES - UESB e, presidida pelo(a) Professor(a) Orientador(a) Dr.(a) OSMAR MOREIRA DOS SANTOS, a qual emitiu o seguinte parecer:

A tese apresenta objeto, problemática, urdidura teórico-metodológica, resultados relevantes, e sob o crivo do rigor científico. Atende aos requisitos e aderência da linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida e, por todo esse valor, a banca sugere a sua publicação após revisões gramaticais e de ABNT, sempre necessárias. Aprovado

COORDENADOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CRÍTICA CULTURAL
PORTARIA Nº 424/2024
MATRICULA 74002370-2

Dedicatória

Dedico a Marcia Rocha, o amor de toda minha vida, aos meus dois filhos, Marvin e Juan, minha existência.

Agradecimentos

Ao Professor Dr. Osmar Moreira dos Santos, meu orientador, aos professores que estão colaborando com este projeto nas bancas, Dr Patrício Batsikama- ISPT ANGOLA, Dr. Cláudio José Pinto – UESB, Dr Emanuel Luís Roque Soares – UFRB, Dr José Carlos Felix – UNEB, Dr Luiz Paulo Neiva – UNEB, Dr. Everton Nery Carneiro - UNEB (um irmão de verdade).

Aos professores do Doutorado em Crítica Cultural Pós Crítica na pessoa do Dr. Wander Melo Miranda.

Ao Professor Dr. Everton Nery Carneiro, Amigo e colega de Departamento, que me apoia nas horas difíceis.

A Edilma Cotrim da Silva, mulher forte e Guerreira, uma irmã que amo e admiro pela amizade, há décadas, e suas duas filhas maravilhosas.

A Anny Carneiro e Rafael pelo carinho e solidariedade e seus dois filhos maravilhosos.

Aos meus pais, Joana e Martiniano, aos sogros, Maria Trindade e Manoel (*in memoriam*).

Aos Colegas de Doutorado: Telma, Leda, Sidimar, Cleide, Alexandra, Tonivaldo, Jailma, Ivete, Josileide, Otavio, Marluce, Karpio, Rose, Ilza, Kelly, Anderson, Rose. Vandearley Borges, um amigo e colega da UNEB de Guanambi, que não mede esforço para servir e ser generoso.

À minha família de Valença: Cristiane, Cesar e Andreia, Suely e filhos, parte da família de Márcia que adotei como família.

Aos meus médicos, Dr. Ivan Agra, Dr. Lucas Gomes, Dra. Yasmin Guimarães, Dr. Rodrigo Andrade, Dr. Roberto Ludovico, Dr. Augusto Mota e ao corpo de médicos e enfermeiras, técnicos e funcionários do Hospital Córdio Pulmonar e Clínica Florence.

Aos meus irmãos, Paulo Vieira, Celene e filhos, Anísia Maria de Jesus, João e Ivelize, Inês e Preto, Maura e filhos, Clarismundo e Cristina, Marcos, Marcelo, Valmique. (*in memorian*): José Carlos, Maria, Elzir e Olympia.

A Girley, pelo zelo e cuidado conosco.

Pensamento

"A solidão é para mim uma fonte de cura que faz minha vida valer a pena. Falar costuma ser um tormento para mim e preciso de muitos dias de silêncio para me recuperar da futilidade das palavras." Carl Jung

RESUMO

Trata-se de um estudo sobre as personagens na obra "Cartografia de Canudos" do historiador José Calasans, problematizando a sua construção, bem como, estabelecendo um novo olhar a partir de um critério filosófico e nietzschiano. Assim, o objetivo geral é tornar visível a força simbólica, a capacidade de expressão, criação, organização estética e política de personagens subalternizadas tanto pela lógica cultural do ocidente e seu imaginário cristão, genocida, escatológico, como pela realidade da casa grande, senzala, seus barões donos de "terras e gentes" e sua elite intelectual. E, como objetivos específicos: descrever e problematizar as principais conclusões de comentadores e estudiosos da obra de José Calasans; tornar visível a lógica da abordagem histórica do autor, destacando suas contradições, seu ponto de vista quanto à força de sertanejos contra o aparato positivista do Estado brasileiro, o modo de vida dessas personagens no processo de resistência a toda forma de agressão; esvaziar o discurso religioso oficial pela emergência de uma religiosidade popular, forjada numa sabedoria milenar; demonstrar como a dimensão dionisíaca atualiza os dilemas da organização política de povos sertanejos e subalternizados. Partindo de referências teóricas tais como Aras (2003), Bosi (2006), Barthes (2012), Cunha (1978), Nietzsche (1960), Carneiro (2018), Ricoeur (2017), Vargas Llosa (2021), Calasans (2015), Santos (2016), dentre outros, a metodologia, conta com pressupostos da Crítica Cultural, procura estabelecer uma espécie de encruzilhada epistemológica, uma zona de fronteiras em que filosofia nietzscheana, fenomenologia heideggeriana, história oral, semiologia saussuriana, que nos permitiu embaralhar os dados e encontrar a língua subalternizada e sertaneja em sua potência transgressora e como reserva epistêmica. O resultado alcançado: o mapeamento das contradições de José Calasans e, ao mesmo tempo, o estabelecimento de um olhar para o desenvolvimento estético e político das forças sertanejas subalternizadas. Conclusão: entre o sertanejo amarelo, tomado como inimigo interno pelos aparatos de repressão do Estado brasileiro, do qual Calasans fazia parte, e o sertanejo, "sobretudo um forte", aprisionado em sua "gaiola de ouro", só resta ao povo sertanejo subalterno à sua língua, em sua potência de organização estética e política, como máquina de guerra simbólica, ensaiada e praticada nos movimentos sociais contemporâneos e na Canudos atual.

Palavras-Chave: Narrativas; Subalternidade; Sertão; História Local; Literatura.

Abstract

This study investigates the characters in *Cartografia de Canudos* by historian José Calasans, critically examining their construction and proposing a new perspective grounded in a Nietzschean philosophical framework. The main objective is to highlight the symbolic strength, expressive power, and aesthetic-political creativity of characters historically subjugated by both the Western cultural logic shaped by a Christian, genocidal, and eschatological imaginary, and by the socio-political structures of the *casa-grande*, *senzala*, landowning barons, and the intellectual elite. The specific objectives include describing and problematizing the main conclusions of scholars and commentators on Calasans's work, exposing the underlying logic of the author's historical approach, its contradictions, and his perspective on the resistance of sertanejo communities against the positivist apparatus of the Brazilian state. The study also examines their way of life as an act of resistance to multiple forms of violence, challenges the legitimacy of official religious discourse by emphasizing a popular religiosity rooted in ancient wisdom, and shows how the dionysian dimension reshapes the political organization of marginalized sertanejo peoples. Based on theoretical contributions from Aras (2003), Bosi (2006), Barthes (2012), Cunha (1978), Nietzsche (1960), Carneiro (2018), Ricoeur (2017), Vargas Llosa (2021), Calasans (2015), Santos (2016), among others, the methodology adopts principles from Cultural Criticism. It aims to establish an epistemological intersection where Nietzschean philosophy, Heideggerian phenomenology, oral history, and Saussurean semiotics intersect. This enables a disruption of dominant narratives and the emergence of the sertanejo subaltern voice as a transgressive and epistemically valuable force. The results include mapping the contradictions within Calasans's narrative while advancing a perspective that reveals the aesthetic and political development of subaltern sertanejo forces. The conclusion asserts that, positioned between the stigmatized sertanejo treated as an internal enemy by the repressive apparatuses of the Brazilian state and the idealized "strong man" imprisoned in his "golden cage," the subaltern sertanejo people are left with their symbolic weapons: their language and their capacity for aesthetic and political self-organization, practiced within contemporary social movements and in present-day Canudos.

Keywords: Narratives; Subalternity; Sertão; Local History; Literature

Resumen

Este estudio analiza las figuras presentes en la obra *Cartografía de Canudos* del historiador José Calasans, cuestionando su construcción y proponiendo una nueva lectura desde un enfoque filosófico de raíz nietzscheana. El objetivo general es visibilizar la fuerza simbólica, la capacidad expresiva y el potencial estético-político de personajes históricamente subalternizados tanto por la lógica cultural del imaginario occidental cristiano, genocida y escatológico, como por las estructuras sociales de la casa grande, la senzala, los barones terratenientes y la élite intelectual. Entre los objetivos específicos se encuentran describir y problematizar las principales conclusiones de los estudiosos de la obra de Calasans, evidenciar la lógica que subyace en su abordaje historiográfico, sus contradicciones y su postura frente a la resistencia de los pueblos sertanejos frente al aparato positivista del Estado brasileño. También se analiza el modo de vida de estos personajes como forma de resistencia a múltiples formas de agresión, se deslegitima el discurso religioso oficial a favor de una religiosidad popular anclada en una sabiduría ancestral, y se muestra cómo la dimensión dionisiaca resignifica la organización política de los pueblos sertanejos marginados. Con base en referentes teóricos como Aras (2003), Bossi (2006), Barthes (2012), Cunha (1978), Nietzsche (1960), Carneiro (2018), Ricœur (2017), Vargas Llosa (2021), Calasans (2015), Santos (2016), entre otros, la metodología adoptada, sustentada en la Crítica Cultural, busca establecer una intersección epistemológica donde convergen la filosofía nietzscheana, la fenomenología heideggeriana, la historia oral y la semiología saussureana. Esto permite subvertir narrativas dominantes y rescatar la voz subalterna sertaneja como fuerza transgresora y reserva epistémica. El estudio logra mapear las contradicciones en el relato de Calasans y al mismo tiempo construir una mirada sobre el desarrollo estético y político de las fuerzas subalternas del sertón. En la conclusión, se afirma que, situados entre el sertanejo estigmatizado como enemigo interno por los aparatos represivos del Estado brasileño y el sertanejo idealizado como "el fuerte", prisionero en su "jaula de oro", al pueblo sertanejo subalterno solo le resta, como máquina simbólica de guerra, su lengua y su potencia organizativa, tanto estética como política, que se manifiesta en los movimientos sociales contemporáneos y en la actual Canudos.

Palabras clave: Narrativas; Subalternidad; Sertão; História local; Literatura.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 01- Claude Santos 1989, acervo do autor, exposta no Campus Avançado de Canudos, UNEB José Calasans no Trabalho de campo.....	43
Figura 02 - Retrato do escritor Euclides da Cunha — Foto: Reprodução.....	36
Figura 03- Foto reprodução: Auditório do Campus Avançados da UNEB Canudos-BA.....	42
Figura 04 - Plínio Salgado.....	54
Figura 05– Caminho da Santa Cruz -Monte Santo BA, “Deus e o Diabo na Terra do Sol” Filmagem de Glauber Rocha Cinema Novo.....	61
Figura 06 - Cena de sati, guache indiano do século 19, de autoria desconhecida- foto revista.....	69
Figura 07 – Beato Antônio Conselheiro- pelo pintor Joel	81
Figura 08 – 400 Jagunços prisioneiros, ou “as prisioneiras” por Flávio Barros.....	96
Figura 09- Sardoal: Mostra bibliográfica relembra o Holocausto- antenalivre.pt jan 22.....	97
Figura 10 -Trabalhadora de Canudos Exposição Flican 2024.....	106
Figura 11 Trabalhadora de Canudos Flican Expo 2024.....	107
Figura 12-“7º Batalhão de Infantaria nas Trincheiras” ou “Acampamento dentro de Canudos”.....	109
Figura 13- Uma casa em Canudos. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Acervo Museu da República/Ibram/MinC.....	134
Figura 14 - Igreja do Bom Jesus (igreja nova). Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Acervo Museu da República/Ibram/MinC.....	136
Figura 15 Cadáver de Antônio Conselheiro, exumado pelo exército, próximo às ruínas da Igreja do Bom Jesus. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Acervo Museu da República/Ibram/MinC.....	142
Figura 16 - Prisioneiras. Os sertões, de Euclides da Cunha as do arraial de Canudos com soldados ao fundo. Foto publicada na 1ª edição de com a legenda “ os prisioneiros”. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Os Acervo Museu da República/Ibram/MinC.....	14

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIB- Ação Integralista Brasileira

CEEC- Centro de Estudos Euclides da Cunha

ESG- Escola Superior de Guerra

Ibram- Instituto Brasileiro de Memória

IBGE- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IGHB- Instituto Geográfico e Histórico da Bahia

LDN- Liga de Defesa Nacional

MINc- Ministério da Cultura

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

UFBA – Universidade Federal da Bahia

UFS – Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1. CARTOGRAFIA DE CANUDOS E A FORTUNA CRÍTICA DE JOSÉ CALASANS.....	31
1.1. A Formação Cultural de José Calasans e sua dedicação e estudo da história, Folclore e Cultura nordestina.....	41
1.2. O professor pesquisador e sua relação com a obra literária do seu tempo.....	47
1.3. José Calasans e sua relação com a religiosidade, o integralismo, crítica cultural aos que pesquisavam Canudos.....	49
2. UM CONCEITO DE LITERATURA, NARRATIVA, DIONISÍACO, MEMÓRIA E SUBALTERNOS.....	62
2.1. A literatura com apresentação dos sertões, a linguagem e identidade de um povo.....	69
2.1.1. Cultura popular e a identidade na vida de Canudos.....	81
2.2. O signo da cultura da violência no sertão.....	87
2.3. Como entender o dionisíaco na obra “Cartografia de Canudos” através das narrativas e falas.....	90
2.4. Memória de um povo subalternizado em busca de liberdade.....	91
3. O DIONISÍACO E OS SUBALTERNOS NOS PERSONAGENS DA “CARTOGRAFIA DE CANUDOS”.....	100
3.1. Para compreender a Subalternidade e a propaganda de guerra.....	108
3.2. Características de uma comunidade e sua organização teocrática em Canudos.....	111
3.3. O ser diaonisiáco e desobediência civil, rupturas de uma cultura colonial.....	115
4. OS PERSONAGENS SUBALTERNIZADOS E SUAS NARRATIVAS NA OBRA CARTOGRAFIA DE CANUDOS.....	120
4.1. A relação entre o Dionisiaco e o modo de vida existente nas narrativas da literatura atual.....	127
4.2. A relação entre o subalternizado e o modo de vida existente nas narrativas da literatura atual.....	132
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	145
6. REFERÊNCIAS.....	148
7. ANEXOS.....	159

INTRODUÇÃO

Ao dedicar-me ao estudo sobre a Memória e Cultura no Mestrado de Memória, Cultura e Desenvolvimento Regional - (UNEB) Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas- DCH V de Santo Antônio de Jesus –BA, e após ter trabalhado como servidor técnico da própria UNEB, em Salvador, na Gerência de Pesquisa da Pró Reitoria de Graduação (PPG), tive a honra de conhecer o Prof. Dr. José Calasans, através do Centro de Estudos Euclides da Cunha - CEEC, tendo participado de Seminário de Pesquisa, onde ele foi o palestrante principal, tendo encontrado ele, em alguns pequenos encontros na UNEB.

José Calasans Brandão da Silva¹ foi um dos primeiros pesquisadores a chegar em Canudos², após o grande movimento de violência e agressão que compreende sendo um Genocídio e uma agressão ao povo sertanejo que discordava da política, da forma de vida imposta ao povo da época, uma vida de seca, violência, fome, opressão e só restava esse povo se organizar e defender de toda essa violência do Capital, do Estado, da Igreja, dos poderes e autoridades da época.

Em 1957, fez a primeira visita de campo e se deparou com moradores assustados sobre

¹ Sergipano de Aracaju, onde nasceu a 14 de julho de 1915, era também baiano de coração. Se na terra natal cursou as primeiras letras e fez o secundário no Liceu Sergipense, foi em Salvador que estudou na Faculdade de Direito, diplomado em 1937. Neste mesmo ano, foi admitido como Sócio Efetivo do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, onde pontificava outro notável sergipano, Bernardino José de Souza, Secretário Perpétuo da Casa da Bahia. Chegara a esta capital com apenas 17 anos, em 1932, integrando-se no meio social baiano graças à sua capacidade de comunicação e de entrosamento na comunidade. Após a formatura, no entanto, voltou a Aracaju, passando a lecionar no Colégio Estadual de Sergipe e na Escola Normal Rui Barbosa. Nesta última, atuou como catedrático, aprovado com distinção, de História do Brasil e de Sergipe. Corria o ano de 1942. Em Aracaju, tal era a sua projeção intelectual que assumiu a presidência do Instituto Histórico e, em Salvador, passou a ensinar na Faculdade Católica de Filosofia e na Faculdade, então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Bahia, hoje de Ciências Humanas da Ufba. Em 1951, submeteu-se a concurso de Livre – Docência de História do Brasil, defendendo a tese: "O Ciclo do Bom Jesus Conselheiro". Na mesma Faculdade, em 1959, concorreu à Cátedra de História Moderna e Contemporânea, tendo apresentado o estudo: "Os Vintistas e a Regeneração de Portugal".

² Município brasileiro do estado da Bahia. Está a uma altitude de 402 metros e encontra-se inserido no Polígono das Secas e no vale do rio Vaza-Barris. O município possui uma área de 3.565,377 km² e sua população, conforme estimativas do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2021, era de 16 832 habitantes. Conforme Euclides da Cunha, em sua obra *Os Sertões* (1902), o local era, em 1876, uma fazenda às margens do rio Vaza-Barris, chamado também de Arraial de Belo Monte. O povoamento da região de Canudos se deu nos séculos XVII e XVIII, com a expansão dos currais da Casa da Torre, da família Garcia d'Ávila, pelo atual noroeste baiano, incluindo pela bacia do Rio Vaza-Barris. A pecuária traz vaqueiros baianos. Ao mesmo tempo, jesuítas criam missões para a proteção e catequese dos indígenas kiriris. No século XVIII, surge, nos arredores da Fazenda Canudos, pertencente à Casa da Torre, nas margens do Rio Vaza-Barris, uma pequena aldeia, nomeada "Canudos", devido à planta canudo-de-pito, típica da região. Em 1890, a aldeia de cinquenta casas estava abandonada. Três anos depois, em 1893, o líder religioso cearense Antônio Conselheiro e seus seguidores, após longas andanças pelo sertão nordestino, acabam chegando no povoado abandonado, repovoando-o e rebatizando-o de "Belo Monte". Chegou a possuir 25 mil habitantes, Palco de um genocídio perpetrado pelo Governo Brasileiro, em 1896.

esse tema, mesmo fazendo décadas depois do ocorrido. Suas conversas na feira, visitas a alguns idosos da época, ao interpelar sobre a Guerra de Canudos³, causava espanto nos moradores. Entre suas buscas na literatura, Euclides da Cunha e outros relatos de jornais e documentos, o tornaram um robusto pesquisador e excelente referência sobre o tema.

Ao me identificar com a linha um: “Literatura, Produção Cultural e Modos de vida”, encontro conexão nos escritos e pesquisa contidos na obra "*Cartografia de Canudos*" de José Calasans onde é apresentado um retrato complexo e profundo das personagens subalternizadas que habitam nesse universo literário. Daí busquei incluir um toque filosófico e conceitual, observando as categorias que o Programa me ofereceu conhecer e aprender. Essas personagens, marginalizadas pela sociedade, encontram na dimensão dionisíaca uma forma de expressar sua resistência e força. Através de suas escolhas, suas vozes são amplificadas, suas experiências são valorizadas e a narrativa ganha uma nova camada de significados que já existia e tento expressar com minha humilde colaboração. Tendo em perspectiva esse entendimento, levantamos a seguinte questão: Qual a importância da dimensão dionisíaca das personagens subalternizadas presentes na obra “Cartografia de Canudos” de José Calasans ?

Conhecer e comparar os trabalhos de pesquisas do Professor José Calasans e buscar perceber, através da literatura posterior, a realidade da existência de como este povo se encontra hoje, e representa um grande desafio. Essa é uma pesquisa de caráter histórico-social no campo da literatura, pois tem em perspectiva as diferentes personagens, que são re-significadas nas narrativas de Calasans.

Optamos pelo trabalho com as fontes escritas, sendo uma das principais fontes escritas, a obra “Cartografia de Canudos” e outras tantas fontes escritas, na área da literatura sobre Canudos. Nesse percurso, vamos conhecendo personagens subalternizados, pertencentes às narrativas de dimensão dionisíaca, buscando fundamentar com documentos que possam possibilitar conhecermos melhor o universo e o local onde foi pesquisado.

Conforme Guattari (1986, p. 67), a subjetividade humana é uma captura do desejo. Neste sentido, produzir é uma forma de mergulhar no prazer da vida e, dessa forma, cria um sentimento de satisfação pessoal e humana, significa para muitos uma identidade social, uma colocação no mercado:

O que é produzido pela subjetividade capitalística, o que nos chega através da família, enfim de todos os equipamentos que nos rodeiam, não são apenas a idéias; não é a transmissão de significações através de enunciados

³ O termo Guerra eu não considero apropriado por entender que não era um ato beligerante entre Estados, mas um massacre ao povo em disparidades de armas e condições.

significantes; nem são modelos de identidade ou sistemas e conexão direta, entre, de um lado, as grandes máquinas produtivas e de controle social e, de outro, as instâncias psíquicas, a maneira de perceber o mundo. (GUATARRI; 1986; p.67)

Como esse povo viveu e vive ainda hoje em uma comunidade distante da capital, num território de muitas dificuldades, com o clima e as conquistas modernas e pode perceber e possuir seus próprios desejos de consumo? O que é o consumo para estas pessoas? O seu modo de viver e sua renda permite desfrutar de bens e serviços tecnológicos? São dúvidas que compõem o universo destas pessoas e estas respostas nos interessam, pois desejamos entender como é viver de modo simples, mas com a inserção do celular, internet, música digital, eletroeletrônicos, que já estão inseridos no cotidiano e realidade destas pessoas.

Consuelo Pondé de Sena (1998; p.01) escreve sobre José Calasans, em uma homenagem prestada a ele no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia: Uma Página a José Calasans:

“Por sua vez, em "Calasans um depoimento para a História", o historiador Marco Villa, estudioso de Canudos, faz curiosas observações sobre conversas entretidas com aquele respeitável "causer", de cuja amizade e convívio muito se beneficiou. Eis o que escreve Vila na Introdução do referido trabalho, escrito com a colaboração de José Carlos da Costa Pinheiro: "José Calasans é um pesquisador que tem um comportamento raro para os atuais padrões brasileiros, pois, ao invés de esconder as informações, faz questão de divulgar o que sabe à disposição dos estudiosos. A generosidade e o companheirismo, a vontade de saber mais e a sábia disposição ao debate, fazem parte da sua personalidade. Eu, um historiador paulista, somente há pouco tempo tive a oportunidade de conhecê-lo, apesar de há muitos anos ter aprendido nos seus livros as melhores lições sobre a história de Canudos” .

Continua em sua homenagem à Professora Consuelo Pondé (1998;p.01) de Sena. Discurso feito no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia - (IGH BA):

“Marco Antônio Villa fez cinco entrevistas com Calasans, em Salvador, entre os dias 4 a 8 de agosto de 1997. Na oportunidade, perquirir exaustivamente o maior especialista de Canudos, indagando-lhe acerca do inicial interesse pelo tema até as discussões historiográficas daquele momento. Soube, por exemplo, que Calasans visitou a localidade, pela primeira vez, em 1950. Ali conversou com os sobreviventes do arraial, tais como: Pedrão, Manuel Ciríaco e D. Francisca. Graças a seus estudos foram iniciadas as discussões em torno do grande assunto. Com efeito, deve-se-lhe a divulgação do tema Canudos, antes ausente das páginas da historiografia oficial. Hoje, são muitos os estudiosos que ainda incursionam pelos sertões da Bahia, em busca de informações sobre o episódio sangrento. De igual modo, os autores da literatura de cordel também se debruçam sobre a tragédia de Canudos, o Conselheiro e sua gente, não sendo estranhável que, cantadores do Nordeste, tantos anos após o final daquele triste episódio, relata, nos seus versos, a

grande saga sertaneja do final do século XIX.”

Desde Platão e Aristóteles, há referência à memória como presença/ausência, também em termos de lembrança, rememoração ou sempre relacionada ao termo “*anamnesis*” e, quando essa busca termina, chama-se *reconhecimento*. Bergson toma como um dado fenomenológico e nada pode nos assegurar como presença real da ausência do passado. Mesmo recorrendo ao passado, é reconhecido como tendo estado lá. A memória nos dá a certeza de que algo passou, mesmo que esteja lembrando do ocorrido. É o reconhecimento um privilégio da memória, nesse sentido, a história não abarca. A história pode fornecer dados, construções, mas o reconhecimento sempre existirá no fosso fenomenológico. Segundo Ricoeur (2009, p.43):

“A propósito da história como epistemologia. Não podemos economizar esta etapa na medida em que a ressecção da história, como modo de apropriação do passado pela memória, constitui o contraponto de toda operação historiográfica. É na possibilidade e pretensão de reduzir a memória a um simples objeto da história entre outros fenômenos culturais que se diferenciam muito claramente das duas abordagens. Essa redução é um dos efeitos mais surpreendentes da inversão dos papéis gerados pela emergência e desenvolvimento da história como ciência humana.”

Refere-se à história e à escrita, como meio de sistematização da experiência humana sobre um suporte material, dado a partir de desenhos, marcas, traços, tijolos, papiros, pergaminhos, material arqueológico, monumentos, vestuários, memórias que se apropriam do passado. Sobre os três fenômenos da história elencados por Ricoeur: o papel do testemunho refere-se à historiografia, à investigação documental, é assim um sentido extenso da memória. Só existe testemunho quando existe narrativa, quando alguém, na sua individualidade, afirma: “eu estava lá”, “creiam ou não em mim”, as relações de um testemunho e sua forma de existência. No compromisso de testemunhar de novo, vai afirmando um esclarecer a verdade e trazer à luz, até elaborarmos uma confiança na palavra do outro, elevando-a a um registro documental.

A história envolve uma perspectiva de acontecimentos passados mais amplo do que a memória, o alcance é reduzido e pode ser destruído pelo tempo histórico. Isto pode afetar as memórias dolorosas mencionadas por Ricoeur, ao observar que a memória coletiva não está privada de recursos de representação do passado. Estas ainda concorrem com outros textos escritos de ficção, dentre eles, adaptações para teatro, trabalhos escritos dos historiadores, quadros, fotos, expressões escritas e filmes.

Os aspectos escritos sobre a categoria memória e o modo como se constitui na obra

clássica de Paul Ricoeur e autores que escrevem a acerca do pensamento ricoeuriano, têm acompanhado a evolução destes saberes tácitos hoje, e como eles vêm sendo abordados na academia e nas produções filosóficas nos círculos hermenêuticos e fenomenológicos, bem como nos artigos e produções científicas sobre o pensamento de Paul Ricoeur, dentre outros importantes pensadores da literatura e linguagem. Com estes objetivos, buscamos aprofundar e amadurecer este tema num futuro, transformando-o em um texto mais aplicado e dedicado sobre estes significados.

A experiência do conhecimento para Platão constitui no sentido da produção e esta relação com a “*poiesis*”² tem construído, na escola, uma discussão que se reflete no corpo. Na ótica fenomenológica, o educador não é um mero especialista. Antes disso, é um ser humano lançado no mundo, frente às possibilidades de definição deste, é um *dasein*³. Ser na busca de esclarecimento, em seu sentido ontológico, sobre si a partir das relações tensivas (e conflitivas) com o outro. Da relação ser-mundo, o ser-*aí*, o *Dasein* Heideggeriano, brota outra de natureza triádica, ser-mundo-conhecimento.

Conhecimento que, em francês, significa *connaissance*, ou seja, nascimento do Ser. Onde o Ser se levanta e se mostra ao pensamento. O pensamento faz com que o ser se conheça e se presentifique. O conhecimento aqui é descrito não a partir da visão metafísica produtora do sujeito que conhece ou sujeito consciente. No sentido ontológico heideggeriano, o conceito de ser no vazio e abstrato, resultado da lógica formal escolástica, deve ser repensado. Em seu lugar, a partir do método fenomenológico, o ser se dá a conhecer imediatamente na e pela experiência. Superar essa visão é assumir o sentido do ser enquanto perspectiva ontológica da presença. O ser, ontologicamente pensado, coincide com presença, não com sujeito consciente, bem como o sentido de mundo difere do sentido de objeto. Essa relação costurada entre sujeito, objeto e conhecimento, que se apresenta pela metafísica, dificulta nossa compreensão do ser no sentido de corpo e consciência no mundo, mas não na Fenomenologia. Não deve existir corte no processo de conhecimento. Segundo Heidegger (2002, p. 98):

“Se o for-no-mundo é uma constituição fundamental da presença em que ela se move não apenas em geral, mas, sobretudo, no modo da cotidianidade, então a presença já deve ter sido sempre experimentada onticamente. Incompreensível seria uma ondulação total, porque a presença dispõe de uma compreensão ontológica de si mesma, por mais indeterminada que seja, e logo que o ‘fenômeno do conhecimento do mundo’ se apreende em si mesmo, sempre recai numa interpretação formal e ‘externa’. Um índice disso é a suposição, hoje tão corrente, do conhecimento como uma ‘relação de sujeito e objeto’, tão ‘verdadeira’ quando vã. Sujeito e objeto, porém, não coincidem com presença e mundo. ”

Seria o mesmo afirmar que, entre presença e mundo, há um acordo firmado e é, a partir desse acordo, que deveria se constituir também na humanidade, escola, família, lugar da produção. Ou seja, é preciso pensar a partir do seu próprio ser situado na dinâmica do mundo, na educação do corpo, como afirmava Anísio Teixeira. À medida em que eu conheço meu corpo como consciência do mundo, eu me conheço.

Podemos citar como exemplo: Quando alguém reclama de dores no estômago, esta pessoa pode fazer um chá de boldo, que era receita usada pelas avós, sem conhecer o princípio ativo das folhas. Quando atravessamos uma rua, nós não estamos com uma calculadora, mas estimamos a distância e a velocidade dos carros que vêm em nossa direção. Toda esta observação é uma preservação do corpo, uma super-proteção do corpo. Até mesmo a prostituta preserva o seu corpo, quando ela cuida dele como uma fonte de renda ou sobrevivência, na nossa condição moral, afirmamos ser uma estupidez o que ela faz com o corpo, quando poderá ela ter outra interpretação, por exemplo, ao se perguntar: por que não devo fazer? Para deixar meu corpo morrer mais rápido?

A relação de memória, fatiada pelos acontecimentos, permeia a vida das pessoas, dando-lhes sentidos de existência e identidade: como afirma Guarinello (1995, p. 187):

“Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, porque ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevive no presente, condição mesma do tempo presente. É a trama dos vestígios, oriundos de diferentes épocas e condições de produção, que constitui a espessura mesma daquilo que existe, como cristalização e permanência do que não morreu, daquilo que nos liga aos mortos na medida em que sobrevive no presente.”

A história humana é vivenciada pelos acontecimentos da humanidade, permeada de signos e significados, é uma memória que caminha lado a lado com a história, feita por seres humanos e suas ações concretas. Memória não é algo fantasmagórico, segundo Paul Ricoeur, mas algo para ser remetido ou “se fazer remeter”, como algo que está preso na consciência humana, ou na mente humana.

Concluindo, trazemos o sentido de “*ars memoriae*” (em latim, arte da memória) como um referencial do passado. Este passado expresso como ausente no presente. Podemos assim definir a saudade como ausência da Presença. Sempre recorreremos à memória como algo que fizemos e fica registrado na memória e que podemos recorrer a estes dados, para recorrermos ao passado e esclarecemos a dúvida quanto ao presente. A representação do presente para Husserl está referida por Henri Bergson “... não temos nada melhor que a memória para

significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou antes que declaramos nos lembrar dela. ” Ricoeur (2007; p. 40).

Buscamos aqui compreender o Modo de Vida do Povo que viveu e fundou Canudos, a partir da dimensão dionisiaca das narrativas das personagens subalternizadas, presentes na obra “Cartografia de Canudos” de José Calasans; Discutir o conceito de literatura, narrativa, dionisiaco, memória e subalternos; Relacionar o dionisiaco com os subalternos; Tratar sobre as narrativas das personagens subalternizadas na obra “Cartografia de Canudos”; Relacionar o dionisiaco com o modo de vida existente nas narrativas das personagens subalternizadas da obra “*Cartografia de Canudos*”;

Esta pesquisa se propôs a se apoiar no vetor da investigação qualitativa, visto que este comporta o processo de pesquisa exploratória em fontes primárias e secundárias, documentos bibliográficos, levantamento de referências bibliográficas, leituras de teses realizadas pelos pesquisadores sobre o tema, em especial, a obra de José Calasans. Como tipologia, será feita pesquisa exploratória e como método: estudo de caso. A obra de José Calasans sobre a Guerra com abordagem qualitativa.

Nos procedimentos, foram feitas as pesquisas: a) bibliográfica em livros, revistas, periódicos, bancos de dissertações e teses congêneres; b) documental – através de documentos do CEEC/UNEB/UFBA; c) eletrônica (sites especializados e outras espécies de mídia).

Para os caminhos metodológicos adotados para a realização desta pesquisa, será adotada a pesquisa de natureza aplicada que se define por “[...]gerar conhecimentos para aplicação prática dirigidos à solução de problemas específicos”. Isso envolve verdades e interesses locais. ” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51).

A partir da contribuição de Prodanov e Freitas, observando os objetivos traçados para esta pesquisa, os procedimentos técnicos adotados para a realização desta pesquisa são voltados para a obtenção de fontes através de pessoas (diferentes sujeitos), adotando-se assim a pesquisa participante para o delineamento desta pesquisa. Ainda em Prodanov e Freitas (2013, p.67), destaca-se a definição de pesquisa participante “[...]quando se desenvolve a partir da interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. ”

A história da humanidade é vivenciada através dos eventos que moldam a experiência coletiva, enriquecida com símbolos e significados que compõem a memória coletiva. Esta memória está intimamente ligada à história construída pelos seres humanos e suas ações concretas. Para Paul Ricoeur, a memória não é um conceito etéreo, mas algo que pode ser relacionado e evocado, algo que está ancorado na consciência e na mente humanas.

Quando precisamos, acessamos esses dados para elucidar dúvidas ou compreender o presente. Conforme Henri Bergson, citado por Husserl, "não temos nada melhor do que a memória para afirmar que algo aconteceu, ocorreu, antes de declararmos nos lembrar disso" (Ricoeur, 2007, p. 40).

O conceito de "appartenance" (pertencimento) implica uma relação abrangente entre o sujeito e o objeto, bem como o de "distanciation" (distanciamento). Segundo Ricoeur (1990; p.119): "As pessoas devem ser respeitadas porque têm valor, não preço." Sobre o valor, o filósofo refere-se à dignidade da pessoa, sua singularidade e insubstituibilidade, e preço refere-se à capacidade de substituição, típico de mercadorias, aplica-se à coisa, não ao ser, expressando uma distinção de ética profunda entre o que é meramente utilitário e o que é intrinsecamente digno.

Além disso, o esquecimento desempenha um papel crucial na relação entre memória e história, evocando o dever da memória, que é expressar um compromisso de não esquecer. O esquecimento é, por si só, um tema relevante. "O dever da memória é uma reivindicação de uma história criminosa feita pelas vítimas; sua justificação final é o respeito que devemos às vítimas."

A obra de José Calasans sobre Canudos é uma exploração mais aprofundada deste conceito e, em seus vários pronunciamentos, ele critica escritores que se apropriaram do tema de Canudos, incluindo estrangeiros. Desenvolver um discurso que entrelace literatura e estilo de vida, conectando-se à cultura local, requer um exercício de memória e oralidade, alcançável por meio de uma compreensão mais profunda do mundo, da realidade e da contribuição da pesquisa científica.

Este estudo buscou compreender o modo de vida do povo de Canudos a partir da dimensão dionisíaca das narrativas das personagens subalternizadas, presentes na obra "Cartografia de Canudos" de José Calasans. A pesquisa aborda conceitos como literatura, narrativa, dionisíaco, memória e subalternos, estabelecendo conexões entre eles. A pesquisa também investiga a relação entre o dionisíaco e o modo de vida presente nas narrativas das personagens subalternizadas da obra.

Para atingir esses objetivos, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa e bibliográfica, envolvendo a realização de análise de documentos bibliográficos, registros fotográficos e revisão da literatura científica e investigar documentários e artigos correlatos.

Em relação aos procedimentos metodológicos, este estudo foi caracterizado como uma pesquisa aplicada. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Gil (2008), tem o interesse na aplicação

e utilização dos conhecimentos na prática como característica fundamental. Por ser uma pesquisa de intervenção, busca-se uma aplicação em uma determinada realidade.

Já no que se refere ao objetivo da pesquisa, este estudo é explicativo/analítico, visto que abordou o fenômeno do Compreender o Modo de Vida do Povo de Canudos a partir da dimensão dionisíaca das narrativas das personagens subalternizadas, presentes na obra “Cartografia de Canudos” de José Calasans. Este tipo de pesquisa preocupou-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2008). Ou seja, esta espécie de investigação busca explicar o porquê das coisas, através dos resultados oferecidos.

No tocante à abordagem, é uma pesquisa qualitativa, sendo que esta não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc. Os (as) pesquisadores (as) que adotam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, já que as ciências sociais têm sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os (as) pesquisadores (as) qualitativos recusam o modelo positivista, aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o (a) pesquisador (a) não pode fazer julgamentos, nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1997, p. 34).

Já no que concerne ao método de pesquisa, adota-se o método fenomenológico que, para Husserl (1986), trata-se de uma descrição da estrutura específica do fenômeno. A fenomenologia constitui as significações e os significados naturais. Nesse sentido, toma-se a subjetividade transcendental como absoluta e manifesta com suas estruturas essenciais no processo teleológico da história. Portanto, a fenomenologia investiga o mundo enquanto é vivido pelo sujeito e não apenas o sujeito, tampouco apenas o mundo segundo Husserl, (1986; GIL, 2008).

No interior da fenomenologia, trabalharemos com o conceito de História Local, sendo um dos princípios constitutivos dela possibilitar uma visão indagadora sobre o mundo, na intencionalidade de saber-se mais sobre o sentido das coisas. Tanto como conteúdo, quanto na prática pedagógica, o tema da dimensão local na construção do conhecimento histórico coopera no desenvolvimento de uma atitude investigativa que principia a ser construída, possivelmente na intimidade do espaço familiar e vai-se alargando aos poucos. O ponto de partida são as próprias histórias que integram o cotidiano: brinquedos, histórias em quadrinhos, diários e outras fontes mais são arquivos “da vida diária”, como as chamou o historiador francês Philippe Artières (1998), que preservam experiências individuais e coletivas e erguem um determinado

conhecimento de uma dada comunidade, relacionando-as com histórias mais amplas. Desse jeito, arquivos pessoais passam a ser percebidos como fontes documentais relacionadas à memória social, política e cultural de uma dada localidade. Conforme Schmidt (2007), além de potencializar as formas pelas quais o saber histórico é produzido, o trabalho com fontes em estado de arquivo familiar também faz perceber que a História Local “[...] não se restringe ao conhecimento veiculado principalmente pelos manuais didáticos, instrumento que tem imposto um conhecimento histórico homogeneizador e sem sujeitos; que o conteúdo da História pode ser encontrado em todos os lugares; e que o conhecimento histórico está na experiência humana (Schmidts, 2007, p.195).

A partir dessa concepção, os conteúdos de História Local tornam inteligível o processo histórico de épocas e lugares distintos, movimentando a interação entre a cotidianidade, a memória, a história e o esquecimento, tal como abordados por Ricoeur (2007; p. 49); auxiliando na compreensão do global com o local (Glocal); conectando história individual com coletiva; tratando permanências e rupturas no tempo; potencializando o pensamento crítico, apreendido, no caso da história, como sendo a consciência histórica. Essa definição de Rüsen (2001) assinala para a formação do conhecimento histórico, a partir de uma correlação entre conteúdo e método, ou seja, a associação entre conteúdos de História com o cotidiano dos alunos possibilitaria uma aprendizagem construída a partir das “práticas de narração histórica” de diversas fontes como a literatura, os relatos orais de pessoas mais velhas da comunidade, músicas, poemas, cartas, etc., entendendo que nenhum conhecimento histórico é neutro, sendo preciso entender a retomada do passado, com os olhos do presente, como destaca Sandra Jatahy Pesavento (1990, p.78):

“Na prática da sala de aula, a problemática acerca de um objeto de estudo pode ser construída a partir das questões colocadas pelos historiadores ou das que fazem parte das representações dos alunos, de forma tal que eles encontrem significado no conteúdo que aprendem. Dessa maneira, pode-se conseguir dos educandos uma atitude ativa na construção do saber e na resolução dos problemas de aprendizagem.”

No que diz respeito aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é classificada como pesquisa aplicada. Esse tipo de pesquisa, de acordo com Gil (2008), tem o objetivo de aplicar e utilizar os conhecimentos, na prática, como sua característica fundamental. Por ser uma análise de intervenção, busca-se a aplicação dos resultados em uma realidade específica.

Quanto ao objetivo da pesquisa, este estudo é de natureza explicativa/analítica, pois explora o fenômeno de compreender o Modo de Vida do Povo de Canudos, a partir da dimensão

dionisíaca das narrativas das personagens subalternizadas, presentes na obra "Cartografia de Canudos" de José Calasans. Esse tipo de pesquisa busca identificar os fatores que determinam ou contribuem para a ocorrência dos fenômenos (GIL, 2008), ou seja, visa explicar o porquê das coisas por meio dos resultados obtidos.

No que se refere à abordagem, trata-se de uma pesquisa qualitativa, na qual o foco não está na representatividade numérica, mas sim no aprofundamento da compreensão de um grupo social, organização, etc. Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa se opõem ao modelo positivista, aplicado ao estudo da vida social, reconhecendo a necessidade de uma metodologia própria para as ciências sociais (Goldenberg, 1997, p. 34).

Entendemos assim que, na narrativa histórica, onde se assume o lugar como objeto e referência do conhecimento, o termo local é relativo a um lugar possivelmente associado a diferentes conformações. Neste sentido, é possível compor o local tanto como um lugar político-administrativo (cidade, bairro, distrito) quanto uma aldeia indígena, ou até mesmo uma instituição, como escola, hospital, presídio, tal como estudado por Foucault (2002) em seu panóptico. Nesse sentido, o local é mais que o recorte de uma unidade.

Nas práxis da história local, podemos perceber os sentidos conferidos aos espaços públicos tais como as praças, ruas, clubes recreativos, buscando desvendar as histórias inscritas nas placas da rua, os objetos exibidos nos museus, nos bustos e estátuas das praças, nos pratos típicos, na culinária, enfim, histórias que por bastante tempo foram esquecidas de serem narradas.

Entendida como método dos estudos históricos, capaz de conectar o singular e o geral na compreensão de questões culturais, econômicas, sociais e políticas dos mais diferentes grupos sociais (BARROS, 2007), a História Local apresenta-se nos Parâmetros Curriculares Nacionais –PCNs (1998, p. 09) como “...recurso pedagógico privilegiado que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, o olhar indagador sobre o mundo de que fazem parte”, favorecendo uma sistematização do conhecimento que percebe a diversidade de sujeitos e objetos no processo histórico, apontando para a compreensão das realidades históricas, como sendo elas circunscriptas numa temporalidade não linear, permeada pela intersecção das experiências individuais e coletivas.

Segundo Bittencourt (2004, p. 172):

Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de determinado passado, mas de procurar identificar a dinâmica das transformações do espaço e articular esse processo às relações externas, a outros lugares.

Para Schmidt e Cainelli (2004), a História Local é tal como uma “estratégia de aprendizagem” e acreditam que ela estaria voltada para “[...] garantir uma melhor apropriação do conhecimento histórico baseado em recortes selecionados do conteúdo, os quais serão integrados no conjunto do conhecimento” (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.113).

Problematizar a História é primordial para torná-la interessante, tanto para alunos quanto para professores. Segundo Schmidt (2004, p. 60), compreendemos, portanto, que na narrativa histórica para a qual o local é objeto e referência do conhecimento, esse termo "local" é relativo a um lugar que pode abranger diversas formas de configurações. Nesse sentido, podemos conceber o local tanto como uma unidade política e administrativa (cidade, bairro, distrito) quanto uma aldeia indígena ou até mesmo uma instituição, como uma escola, hospital ou presídio, conforme explorado por Foucault (2002), em seu estudo sobre o panóptico. O local transcende o simples recorte de uma unidade; é um espaço de sociabilidade onde as experiências individuais e coletivas dos sujeitos se desenvolvem, permitindo a conexão entre passado, presente e futuro. (GONÇALVES, 2007).

História Local é um recurso pedagógico privilegiado que possibilita aos estudantes adquirirem, progressivamente, uma perspectiva investigativa sobre o mundo em que vivem, favorecendo a sistematização do conhecimento que reconhece a diversidade de sujeitos e objetos no processo histórico. Conforme Bittencourt (2004, p. 172).

Não se trata, portanto, ao se proporem conteúdos escolares da história local, de entendê-los apenas na história do presente ou de um passado específico, mas de procurar identificar a dinâmica das transformações do espaço e articular esse processo às relações externas, a outros 'lugares'.

A História Local é considerada uma estratégia de aprendizagem por Schmidt e Cainelli (2004) e acredita-se que ela visa "garantir uma melhor apropriação do conhecimento histórico, com base em recortes selecionados do conteúdo, que serão posteriormente integrados ao conjunto do conhecimento" (SCHMIDT; CAINELLI, 2004, p.113). Problematizar a História é essencial para torná-la interessante, tanto para os alunos quanto para os professores. Conforme observa Schmidt (2004, p. 60):

Na prática da sala de aula, a problemática acerca de um objeto de estudo pode ser construída a partir das questões colocadas pelos historiadores ou das que fazem parte das representações dos alunos, de forma tal que eles encontrem significado no conteúdo que aprendem. Dessa maneira pode-se conseguir dos educandos uma atitude ativa na construção do saber e na resolução dos problemas de aprendizagem. (SCHMIDT; 2004, p. 60).

Para a análise dos dados, é utilizada a perspectiva semiótica que, segundo Peirce (2005), estuda os significados das linguagens e os sentidos dos textos. Esta perspectiva busca conhecer como acontece a construção de sentido ao apreciar um signo, seja ele imagem, texto, pessoas, situações ou lugares.

A semiótica tem base em outras ciências, como a fenomenologia, a linguística e a antropologia, e configura-se como uma teoria da significação, ao dar ênfase à construção de sentidos e o significado das linguagens em diferentes textos. Para Peirce (2005), discursos são signos e, portanto, podem ser analisados através da semiótica discursiva.

Conforme Fiorin (2013), a grande contribuição da semiótica discursiva refere-se a uma metodologia direcionada para a leitura e análise de textos em que é possível analisar um texto a partir de níveis, sendo esse conjunto de níveis chamado Percurso Gerativo de Sentido (PGS). Aqui entendemos texto como vida, sendo, portanto, análise de vida, tal como o texto que estamos nos propondo a fazer. Nesse sentido, a amostra deste estudo compõe-se de 10 (dez) diferentes sujeitos, que apresentam características peculiares de vida, no que se refere ao modo de vida em Canudos, no que tange ao dionisíaco e à subalternidade.

Diante do problema proposto para ser estudado/pesquisado neste projeto de pesquisa, alguns conceitos são de extrema importância para serem visitados e devidamente estudados/discutidos, sendo eles: literatura, dionisíaco, memória, narrativa, personagens e subalternidade.

Existe uma variedade de autores/as que tratam/estudam/concebem os conceitos propostos neste projeto. Dentre eles, elegemos alguns especialmente importantes dentro do nosso ponto de vista, a partir de uma perspectiva hermenêutica, que trafega pelo diálogo e pela crítica.

Em relação aos conceitos que vamos trabalhar e sendo os mesmos percebidos em nosso projeto a partir de um determinado grupo de teóricos, podemos fazer algumas considerações a respeito da concepção e contribuição de alguns deles no que se refere a estes conceitos.

O nosso trajeto inicia com Roland Barthes, concebendo literatura como sendo a utilização da linguagem não submetida ao poder e isto deve-se ao fato de que a linguagem literária não necessita de regras de estruturação para se fazer compreender. Enquanto a utilização da linguagem cotidiana requer uma estrita obediência de sua estrutura – deve-se enquadrar o pensamento nas estruturas linguísticas, para que haja uma perfeita comunicação, a linguagem literária não obedece a qualquer regra estrutural fixa. O autor, que se utiliza dessa linguagem, não é obrigado a emoldurar seus pensamentos nas estruturas linguísticas; ele é livre

para escolher e criar uma estrutura própria, que proporcione a ele uma clara expressão de seus sentimentos e ideias. Assim, construindo o texto de acordo com seus próprios desejos, o escritor consegue que sua criação tenha um novo valor, passa da simples utilização comunicativa da linguagem a uma utilização artística da mesma de onde procede um novo poder. O poder assumido pela nova linguagem é um poder ligado ao novo valor artístico.

A linguagem literária assume aspectos de representação e demonstração. Através dessa linguagem, pode-se refletir sobre a própria língua com liberdade. A linguagem literária permite que as palavras assumam vida própria, com novas significações diferentes daquelas conferidas a elas usualmente. A linguagem passa a ter “sabor”. Enquanto no discurso científico, a linguagem é direta e não permite ambiguidades, na linguagem literária, as palavras assumem novos significados e representações.

Assim, uma das funções da literatura é a representação do real. Esta representação, no entanto, é feita de um modo especial, uma vez que o real não pode ser plenamente representado em um plano unidimensional, por ter uma natureza distinta, pluridimensional. Neste trilha, Segundo Barthes (1978; p.34)

“A literatura é utópica, pois permite a criação de novas realidades, conferindo às palavras uma *verdadeira heteronímia das coisas*. Essa heteronímia pode ser melhor entendida quando se pensa que esta linguagem, como já dito anteriormente, é livre para conferir novos significados às palavras”. Ela joga com os signos ao invés de reduzi-los a um universo já determinado”.⁴

Trazendo a tona o argumento de Gadamer em “*Verdade e Método*”, a arte ofereceria à hermenêutica um paradigma de acesso e de vivência da verdade que pouca relação teria com as preocupações metodológicas mediante as quais a ciência moderna propunha o controle técnico do mundo - o método científico reduziria a verdade ao poder, ao controle sobre as coisas. Para Gadamer (1996), existem diversos autores que se dedicam ao estudo e à concepção desses conceitos, mas selecionamos alguns que consideramos especialmente relevantes à nossa perspectiva hermenêutica, centrada no diálogo e na crítica.

Outra função da literatura, segundo Barthes, é a representação do real. No entanto, essa representação ocorre de maneira especial, pois o real não pode ser plenamente retratado em uma dimensão unidimensional, uma vez que possui múltiplas facetas. A linguagem literária, portanto, assume características de representação e demonstração, permitindo uma exploração

⁴ BARTHES, Roland. Aula. Trad. De Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978,

livre dos signos. No que diz respeito ao conceito de arte, a perspectiva de Gadamer se destaca. Ele relaciona a verdade (aletheia) ao ato de trazer algo da escuridão para a luz, enfatizando que a verdade não se limita à demonstração discursiva. A linguagem desempenha um papel central na busca da verdade, revelando e ocultando ao mesmo tempo. Portanto, Gadamer argumenta que toda verdade é interpretação e inclui não apenas o que é explicitamente afirmado, mas também os pressupostos e o não dito. Para Gadamer, o entendimento vai além do conhecimento científico, sendo um encontro com uma tradição que pressupõe a experiência pessoal de estar no mundo. Todo enunciado é uma resposta a alguma pergunta, e cabe ao intérprete descobrir a qual pergunta o texto está respondendo.

No contexto da hermenêutica, a arte oferece um paradigma para vivenciar a verdade, que difere das abordagens metodológicas da ciência moderna. Gadamer sugere que a ciência se concentra no controle técnico do mundo, reduzindo a verdade ao poder de controlar as coisas. A arte, por outro lado, oferece uma experiência de verdade que não está vinculada às mesmas preocupações metodológicas da ciência. Gadamer, (2004, p.60).

“O mesmo vale para a experiência da arte. Aqui é a pesquisa científica, que se dedica à chamada ciência da arte, que se encontra desde o princípio conscientizada de que não pode substituir nem suplantar a experiência da arte. O fato de sentirmos a verdade numa obra de arte, o que não seria alcançável por nenhum outro meio, é o que dá importância filosófica à arte, que se afirma contra todo e qualquer raciocínio. Assim, ao lado da experiência da filosofia, a experiência da arte é a mais peremptória advertência à consciência científica, no sentido de reconhecer seus limites.”

Como resultado e intervenção desta pesquisa ao conhecer a importância do Modo de Vida do Povo de Canudos a partir da dimensão dionisíaca das personagens subalternizadas presentes na obra “Cartografia de Canudos” de José Calasans na construção da história local; Esperamos podermos contribuir com a região de Canudos, tão necessitada de formação de novos pesquisadores, mestres e doutores, além de fomentar uma formação cultural e de literatura e linguagem e artes junto à UNEB e o Campus avançado de Canudos-BA, um projeto que coroa a importância da Universidade e sua função social na região.

Buscar responder o problema: Qual a importância da dimensão dionisíaca das personagens subalternizadas presentes na obra “Cartografia de Canudos” de José Calasans para o estudo da história local?

Conhecer e comparar os trabalhos de pesquisas do Professor José Calasans e buscar perceber através da história oral a realidade da existência de como este povo se encontra hoje representa um grande desafio. Essa é uma pesquisa de caráter histórico-social no campo da

literatura, pois tem em perspectiva as diferentes personagens, que se faz presente na História de Canudos e na pesquisa de Calasans.

Pretendemos aqui: Compreender o Modo de Vida do Povo de Canudos a partir da dimensão dionisíaca das personagens subalternizadas presentes na obra “Cartografia de Canudos” de José Calasans; discutir o conceito de literatura, Crítica Cultural, identidade, dionisíaco, memória e subalternos; relacionar o dionisíaco com os subalternos, personagens na Cartografia de Canudos.

Uma análise hermenêutica da arte é aprofundada e alargada por uma análise ontológica à luz do pensamento de Heidegger, que oferece uma nova dimensão de compreensão. Nesse contexto, a hermenêutica da arte é concebida como uma experiência ontológica que revela a finitude. Ela se baseia em categorias essenciais, como jogo, símbolo e festa que, por sua vez, proporcionam *insights* sobre a natureza intrínseca da arte. No cerne da obra "Verdade e Método," observa-se uma interação entre três domínios da experiência: arte, história e linguagem. Esse entrelaçamento permite considerar a experiência da arte a partir do princípio da história dos efeitos e da determinação do fenômeno universal da linguisticidade. Destacamos o aspecto declarativo da arte, dado seu *status* histórico-temporal e sua natureza interpretativa.

CAPÍTULO - I

1. CARTOGRAFIA DE CANUDOS E A FORTUNA CRÍTICA DE JOSÉ CALASANS.

Na *Cartografia de Canudos*, José Calasans cita autores que influenciaram na sua formação e contribuíram muito para seus estudos, a exemplo de Gilberto Freyre, Joaquim Nabuco, Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Luís Câmara Cascudo. É importante observarmos que, mesmo sendo um advogado não praticante, Calasans dedicou-se à história e todo seu arcabouço intelectual transitava pelo movimento cultural do folclore popular da Bahia e Sergipe.

Ao adotar o conceito para descrever “o movimento de Canudos” através de uma cartografia, destacamos a definição de Deleuze como um princípio de Rizoma⁵, na condição de uma filosofia da multiplicidade, termo também utilizado por Guatarri, conceito que abre uma nova perspectiva para a compreensão da vida. Em um sentido mais amplo, considerando a complexidade, o conceito de multiplicidade e/ou imanência é atribuído aos filósofos da diferença. Eles compreendem a própria construção do conceito como um *devenir*. Segundo Deleuze e Guatarri (1991, p.10), “[...] A filosofia é a arte formar, de inventar fábricas de conceitos [...]”, é o lugar onde os conceitos revelam uma tentativa de compreender as circunstâncias e dos acontecimentos e não uma definição da realidade como ela é.

“A cartografia e a decalcomania são os dois últimos princípios de um sistema rizomático.” (OLIVEIRA; CARRIERI; ROMAGNOLI, 2020). Na biologia, em botânica especificamente, o rizoma é uma oposição de uma árvore como eixo central. Conforme o modelo da planta, a raiz é *decolgue*, a reprodução de rizoma é “mapa” que, segundo Deleuze e Guatarri (1996, p. 17-22):

“Voltado para uma experimentação ancorada no real, aberto, desmontável, reversível, sujeito a modificações permanentes, sempre com múltiplas entradas, ao contrário do decalque que volta sempre ao mesmo. Se Rizoma é mapa, nada melhor do que a cartografia para expressá-lo. ”

⁵ O termo rizoma aparece pela primeira vez no texto “Rhizome”, sendo posteriormente publicado como capítulo inicial de Mil Platôs (1980), a partir do qual se tornou mais conhecido. Refere-se a uma forma de compreensão da vida - no sentido mais amplo - como um sistema de conexões, sem início e nem fim, permeado por linhas, estratos, intensidades e segmentaridades. Como explicitado anteriormente, a ideia imagem de rizoma é oriunda da botânica e consiste em uma haste subterrânea com ramificações em todos os sentidos, como os bulbos e os tubérculos. De forma antitética tem-se a árvore, com o caule e ramificações que se desdobram desse eixo central (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

Quando escolhe definir uma Cartografia nos seus estudos e pesquisas sobre a história da Canudos, José Calasans vislumbra, com clareza, outra possibilidade de apresentar a história numa perspectiva diferente do oficial, tendo em vista uma metodologia e linha de perspectiva alicerçada na oralidade, documentando e não esquecendo a narrativa poética e a cultura e modo de vida do sertanejo. Isto se torna possível numa dinâmica de escrita literária, como na obra *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia* de autoria de Deleuze e Guatarri (1995). Ao buscar fugir do dogmatismo científico, que opera em uma realidade única do momento que sucedeu na História de Canudos. Como uma nova interpretação e um novo olhar, segundo os fatos históricos e mapeando realidades controversas. Segundo Deleuze e Guatarri (1992; p.170-171):

“Uma filosofia é o que tentamos fazer, Félix Guattari e eu, em *O anti-Édipo* e em *Mille Plateaux*, sobretudo em *Mille Plateaux* que é um livro volumoso e propõe muitos conceitos. Cada um de nós tinha um passado e um trabalho anterior: ele em psiquiatria, em política, em filosofia, já rico em conceitos, e eu com *Diferença e repetição* e *Lógica do sentido*. Mas não colaboramos como duas pessoas. Éramos sobretudo como dois riachos, que se juntam para “um”terceiro, que teria sido nós.”

A afirmativa “esses riachos que se cruzam” reflete *Mil Platôs* da desterritorialização ou rizom , ou cartografia, heclidades, etc. São tessituras que José Calasans realiza, na sua escritura de fatos e fenômenos da realidade do conhecimento, confrontando dados, apurando falas, documentos conferidos, analisando objetos da herança do conflito e o que ainda não está explicado. Há muita história para contar e interpretar, são muitas dúvidas abertas de feridas abertas. Quanto mais o tempo passa, mais motivos surgem e temos que investigar. O movimento, ordens proferidas, atos realizados, atitudes perpetradas, as fases da Guerra em suas etapas.

Ao dedicar-se a Canudos, o professor José Calasans depara-se com a literatura de cordel. Em cada entrevista, uma fonte sabia ou lembrava algum verso, lembrava um repente, um aboio, um poema ou canção que registra e faz parte da cultura nordestina. No trabalho, na labuta, na guerra, na fé, faz parte do povo que elimina o cantar. Os pesquisadores da época não valorizavam essa oralidade, Calasans se destaca no uso dessas fontes. Odorico Tavares e Nertan Macedo recolheram depoimentos dos sobreviventes do conflito. Calasans conseguiu realizar essa tessitura e utilizar a literatura de cordel, inclusive como celebração de vitórias ou lamentos de derrotas.

As primeiras trinta páginas sobre a *Cartografia de Canudos*, escrita por José Calasans, faz um relato sobre o papel que teve a imprensa em uma guerra cultural contra Antônio Conselheiro e seu povo, um levantamento de sua vida no Ceará seus “Crimes”, onde se via

uma forma de “cancelamento” da época, se é o que podemos chamar. Além de jornais, hoje ainda renomados e da época tem os rabudos ou jornais da região e provincianos que ajudam a desconstruir a imagem de SANTO de conselheiro e faz a opinião pública pensar contra ele e o movimento religioso. Construindo uma justificativa para a guerra. Segundo Calasans,(1997 p.85): (Bahia Euclides da Cunha), Poeta desconhecido:

“Bem desgraçados são eles

Para fazerem eleição

Abatendo a lei de Deus

Suspendendo a lei do cão

62

Casamento vão fazendo

Só para o povo iludi

Vão casar o povo todo

No casamento civil

63

Saiu D. Pedro II

Para o Reino de Lisboa

Acabou-se a monarquia

o Brasil ficou atôa

64

Este povo está perdido

Está sem arrumação

O culpado disso tudo

É o chefe da nação. ”

As estrofes acima refletem uma forma de manifesto sobre as principais ideias do movimento, a construção da eleição é a “Proclamação da República”, colocada entre aspas pois uma República como é de origem da palavra “*Res Publica*”. Primeiro, é uma expressão feminina, mas proclamada por homens e militares. Segundo, significa: “*Coisa do povo*” é um movimento que deve ser atribuído ao povo em massa, como na Revolução Francesa. E, por fim,

o Rei é uma instituição divina, logo é dado por Deus, a Bíblia todo antigo testamento é permeado de monarquias. “Abatendo a lei de Deus, suspendendo a lei do cão”, Deus maiúsculo único, monoteísta, cão no minúsculo, são muitos. Retirar o poder da Igreja de realizar o casamento católico, uma aliança bíblica, e instituir um casamento civil é uma afronta. Com a partida de D. Pedro II, um vazio se formou e um país à toa, uma forte oposição no mandatário, substituto, que não representava o povo.

Numa safra de vinte e dois textos do autor, fruto de suas pesquisas, começa em 1986 a 1996, no interior do sumário, aparecem textos de 1959, dentre outros. Ao iniciar com “Canudos não Euclidiano”, o autor reforça sua teoria de que as fontes não podem ser apenas uma definitiva, mas resultados de várias lavras. Reforça o valor da História e memória, a escuta incessante e cuidadosa dos fatos, mesmo porque a linha do tempo das coletas de dados e informações reflete um largo espaço de tempo do acontecimento. Nem sempre é possível construir um trabalho de memória de um episódio que acontece um século depois. Hoje é impossível ouvir as testemunhas do episódio, uma vez que todos já faleceram. Resta os documentos, fragmentos, poesias, canções, atas, notas, livros de tombos, registros que ainda existem e como está preservado.

Quando Antônio Conselheiro começa a destacar no cenário político, religioso, social, sua história progressa é levantada. “Antônio Vicente no Ceará “ é uma tentativa de intimidar a caminhada de Conselheiro, onde recuperam fatos da sua vida, temas até mesmo fantasmagóricos, para iniciar uma depreciação da sua índole. “O aparecimento e a prisão de um “Messias” faz parte de uma das etapas de perseguição pelos jornais e imprensa da época. Nem todos sabiam ler, mas bastava um morador que recebia o periódico e lia algo sobre o tema, saía contando na barbearia, feira, bares da cidade e espalhando as falsas notícias plantadas com o objetivo de frear sua missão.

Durante a escrita desse texto, vou postando e comentando cada capítulo em separado e, oportunamente, dando ênfase ao nosso objeto de pesquisa. Em “O surgimento de Antônio Conselheiro” é reforçado dados da sua biografia e seu modo de vida.

Apresentar a obra e o autor, de forma sensível, é a ideia principal deste capítulo, considerando a sua formação cultural e acadêmica, sua dedicação e empenho ao estudo da história, folclore e cultura nordestina e suas leituras da época de pesquisa. Um homem religioso e dedicado, católico, tinha como princípio se distanciar do objeto pesquisado com respeito e sempre fundamentava, com muitos documentos e referências, suas falas e escritas.

A obra começa ressaltando a importância de uma leitura de Canudos feita de forma

questionável: "Canudos não Euclidiano", abordagem de uma história oral e local, contada nas perspectivas da fala de não "heróis", "dos grandes feitos e sobrenomes nobres"; mas produzida pelos que viveram ou são herdeiros diretos do drama da "Guerra de Canudos". Segundo Vieira (2014. p18):

Hoje, tal memória, de certa forma, está esquecida pela literatura e construção intelectual das produções científicas da Academia. Ao trabalharmos com depoimentos orais, acreditamos que eles só são possíveis graças ao trabalho e esforço de indivíduos, ou seja, a memória é exatamente pessoal. (VIEIRA. 2014. P.18).

Um dos modos para percebermos a forma de pesquisa de José Calasans é a sua abordagem sensível com pessoas do povo. Em um tempo que se desenvolve a partir da oralidade, a condição de ciência faz compreender a memória como algo de pertencimento do coletivo. À medida em que falamos e pronunciamos os feitos do passado, construímos registros, mas não existe o mesmo registro como existe a mesma digital, as falas e os fatos são sempre inéditos. Segundo Portelli (1997, p.16):

A essencialidade do indivíduo é salientada pelo fato de a História Oral dizer a respeito a versão do passado, ou seja, à memória. Ainda que esteja sempre moldada de diversas formas pelo meio social, em última análise, o ato e a arte de lembrar jamais deixam de ser profundamente pessoais. A memória pode existir em elaborações socialmente estruturadas, mas apenas os seres humanos são capazes de guardar lembranças. Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderá constatar que, a semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas verbalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes. Contraditórias ou sobrepostas. Porém, em hipótese alguma, as lembranças de duas pessoas são assim como impressões digitais, ou, a bem da verdade, com as vozes exatamente iguais. (PORTELLI.1997, p.16):

A História Oral sobre a Guerra de Canudos, há mais de 100 anos, é muito desafiadora, pois não há personagens vivos na safra dos conselheiristas. Foram escutadas as últimas fontes por José Calasans, um dos primeiros pesquisadores a pisar no cenário da Guerra, além de ser um conflito que deixou poucos sobreviventes, os que conseguiram sair do cerco ou, entre um fogo e outro, aproveitaram a chance. Os demais são vizinhos em cidades distantes ou povoados, inclusive a imprensa da época cobria o evento da capital sem vir ao campo de batalha. Os relatos do povo são uma preciosa fonte, como lendas, contos, anedotas, parlendas, um folclore de riqueza incomensurável.

A obra “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha⁶ foi a principal obra de referência sobre a “Guerra de Canudos” até 1950, sucesso entre os intelectuais e acadêmicos, a exemplo da obra de César Zama :”*Libelo Republicano acompanhado sobre a campanha de Canudos* (1899), Manoel Benício :”*O Rei dos Jagunços*” (1899), Almir Martins Marcondes: “*Descrição de uma viagem a Canudos*” (1899), e Aristides Milton:” *A Campanha de Canudos*”(1901). Essa denominação de narrativa euclidiana é citada por José Calasans, na introdução ao seu trabalho: “*O Ciclo Folclórico do Bom Jesus Conselheiro*”. “*Os Sertões*” é um clássico não só na historiografia de Canudos, mas faz parte da interpretação da sociedade brasileira no que se refere ao homem.

Ao descrever o universo sertanejo, o autor constrói um perfil da nossa cultura nordestina no que se refere à etnia, e quanto ao social, demarca uma identidade nacional brasileira, segundo o exemplo de grandes pensadores brasileiros.

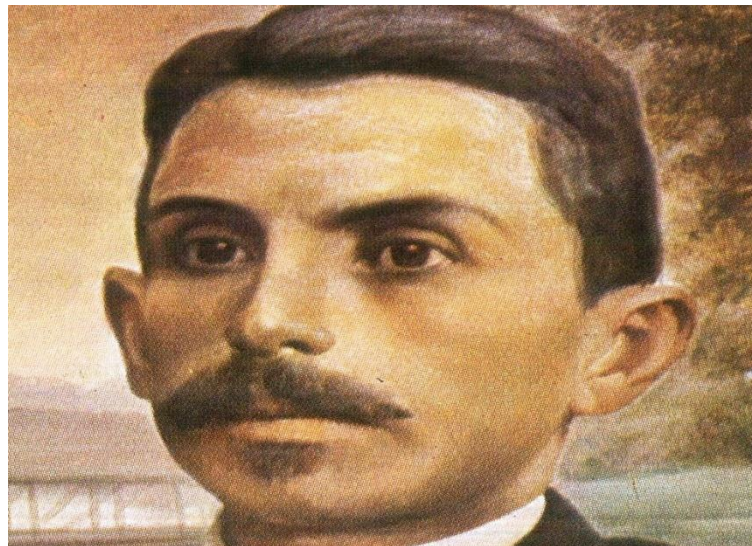


FIGURA 02. Retrato do escritor Euclides da Cunha — Foto: Reprodução ⁷

⁶ Euclides da Cunha nasceu em Cantagalo, Vale do Paraíba do Sul, no Rio de Janeiro, No ano de 1866. Em 1890 casa-se com Ana Emília Ribeiro. Depois de seus estudos de engenheiro, é elevado ao nível de tenente no exército brasileiro no ano 1891. Em 1897, estando já desvinculado do exército por motivos de saúde, recebe um convite para servir como repórter de "O Estado de São Paulo", na quarta expedição do exército brasileiro contra Canudos. Em 1902 publica o livro "Os Sertões". Em 1905, realiza uma expedição ao Purus, na selva amazônica. Em princípios de 1906, regressa ao Rio de Janeiro e encontra sua esposa grávida do cadete Dilermando de Assis. Faleceu no dia 15 de agosto de 1909, depois de trocar tiros com o aspirante Dinorá e seu irmão Dilermando de Assis, amante de sua mulher. Roberto Ventura, Euclides da Cunha. Esboço biográfico, Mario César Carvalho e José Carlos Barreto de Santana (Organização) São Paulo: Companhia das Letras-Editora Schwarcz Ltda., 2003.

⁷ Esse retrato foi publicado no G1 da Globo em 09/11/2018, divulgando a FLIP 2019, Feira Literária de Paraty-RJ, que homenageou Euclides da Cunha, a Globo TV lançou um seriado *Desej*. Que contou a vida do escritor brasileiro.

Sobre Antônio Conselheiro, fez uma biografia “rasa”, um perfil que atende à propaganda de guerra: “infeliz”, que se opõe ao progresso e, ao mesmo tempo, recomendado ir perfeitamente para um hospício. Essa afirmação Euclides da Cunha faz em “*Os Sertões*”, certamente, influenciado pelo determinismo e racionalismo, advindo da Europa, descreve uma biografia nebulosa de Antônio Conselheiro, termos como “infeliz” que tenta barrar o progresso, impede a civilização, e isto se baseia nos estudos de Nina Rodrigues: ” A loucura epidêmica de Canudos, Antônio Conselheiro e os jagunços”, publicado na *Revista Brasileira* em novembro de 1897, Euclides da Cunha traça esse perfil psicológico do conselheiro. Quanto à guerra, utilizou de elevados tons literários e lúdicos.

Ao buscar a literatura do folclore, tem-se uma compreensão de releitura de Canudos, mostrando uma imagem onde o povo descreve como via o Conselheiro e sua importância na história. Valorizando a oralidade e os recursos e elementos da memória, faz justiça aos fatos reais. Pode-se então recuperar uma outra imagem na perspectiva do testemunho ou o que restou dele. A Guerra de narrativas presentes no cordel, estrofes, versos, trovas, uma vivência da história local em Sergipe e na Bahia os fatos aconteceram.

Apresentar Antônio Conselheiro e sua atuação junto às comunidades do Sertão, restaurando cemitérios, construindo capelas, a exemplo da Capela Rainha dos Anjos, no município de Itapicuru-BA, citado por Manuel Lopes de Sousa, sem dúvida alguma o primeiro jornal a falar do futuro ao mencionar “rei dos jagunços”, *O Rabudo*, “periódico crítico”, anedótico, chistoso, noticioso,” publicado aos domingos, dedica quase metade das suas quatro pequenas páginas a “Antônio dos Mares” que seus numerosos seguidores chamavam “Santo Antônio dos Mares”, termo a ser revisto, dado ao tamanho da agressão seu vínculo de Estado. *O Rabudo* levanta uma pauta que é mencionada por Euclides da Cunha e a suspeita de incriminar o “peregrino” algum crime que ele busca se penitenciar, mais tarde é abordado o matricídio praticado por Antônio Vicente Mendes Maciel uma história horrível e marcante na vida religiosa de Conselheiro.

A presença da imprensa escrita na época, seja nas capitais como Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo ou grandes cidades como Aracaju, sempre chegava no sertão, dias ou meses depois. Uma abordagem sobre os arquivos do Arcebispado de Salvador e informes de seus vigários da região próxima a Canudos na época, observou-se que livro de tombo, ou cartas encontradas por Calasans nos arquivos da Igreja, onde o vigário de Aporá, Abrantes, delegado de polícia e sacerdotes já cumpriam um papel de inteligência ao monitorar as ações de Antônio Conselheiro, levantando dados, notícias de sua presença e sermões, dados que trazem ao

conhecimento a sua atividade de Beato, até a sua prisão em 1875. Conforme o arquivo do Arcebispado de Salvador, “o messias” foi preso e levado para a capital baiana por ordem do delegado de polícia de Abrantes: José Pereira Azevedo e do Dr. João Bernardo de Magalhães, chefe da polícia da Bahia que trocou correspondência com o vigário capitular Monsenhor Louis de Amour. Depois conduzido ao Ceará com escolta em face do crime que teria ocorrido em sua terra natal.

Outra prisão do “Santo”, em junho de 1876, na Vila de Itapicuru, aparece na imprensa de Salvador. A fama de Conselheiro se espalha em artigos de Silvio Romero, conhecido e divulgado como “Santo Antônio Aparecido” e assim propagavam sobre a figura de Conselheiro.

Sílvio Romero era de Lagarto - SE, recém advogado formado, promotor em Estância-SE, com muitos nomes, rotulava Antônio Conselheiro, uma forma de guerra cultural da época. A escrita foi uma das primeiras máquinas de guerra contra o povo de Canudos e Conselheiro. Na Cartografia de Canudos está claro, nas primeiras páginas, nos Sertões, sempre aparece a forma como a imprensa distorce as informações e promove a depreciação da comunidade do Sertão e ações de Conselheiro.

Ao fazer uma referência a um Canudos não Euclidiano, as fases que compreendem o ensaio, segundo Calasans (2015, pags.27 e 28) :

Podemos considerar, por isto mesmo, que a historiografia relativa a Antonio Conselheiro e seu grupo messiânico compreende três importantes fases. A primeira, que vai de 1874 á 1902 desde o surgimento, no centro das então Províncias da Bahia e Sergipe, do peregrino cearense, até a publicação do trabalho de Euclides da Cunha; A segunda da hegemonia Euclidiana, que se estende a década de 50; A terceira e última, quando se iniciou uma revisão do assunto com pesquisas esclarecedoras, à luz de modernas contribuições de feição histórica e sociológica. (CALASANS, 2015, págs.27 e 28).

Esta compreensão do autor é uma forma metodológica para abordar sua compreensão sobre o evento “Guerra de Canudos” e seu significado no seu tempo de pesquisa e recursos ao seu alcance. Hoje, com os avanços da tecnologia, podemos ampliar essa pesquisa que não se esgota, muitos esforços têm sido feitos de análise do solo, realidade, condições climáticas, trabalho antropológico, estudos diversos e muitas publicações de pesquisas sobre o evento que o Professor José Calasans não possuía em sua época de pesquisa. Mas sua classificação acima constrói um método para estudar suas descobertas e investigações.

Numa abordagem mais clara, não podemos definir como “Guerra”, pois houve resistência, houve confronto e enfrentamento, o que percebemos é não ter respeito as regras de

uma “Guerra”⁸. Existiu resistência e não houve paridades de armas, houve confronto, mas sem de maneira desigual, já que o Exército Brasileiro, mesmo sob supervisão e armas modernas, não respeitou as regras de um armistício. Foi um combate violento e desproporcional, o resultado foi um genocídio completo, sem obedecer às regras de rendição, ao dizimar a população, em meio a diversos registros da crueldade, inclusive a comprovação de degola, um crime perpetrado que jamais poderia ter sido usado pelo Exército Brasileiro. Assim ao ser dizimada, a população de Canudos (Belo Monte) sofreu um verdadeiro genocídio.

Calasans descreve uma ação que recebeu muito combustível da imprensa escrita da época, como do jornal “*O Rabudo*”, que utilizava provocações como “rei dos jagunços” e investia na condição de noticioso periódico que dedica muito espaço para o assunto com denúncias a “Antônio dos Mares” sobre o Conselheiro, nesse primeiro texto, que aborda a Cartografia de Canudos. Aqui há uma descrição de fontes da região como freguesias de Abrantes, Aporá, Itapicuru e atrai a desconfiança de uma vida, de possível crime como o “Matricídio”, praticado por Antônio Vicente Mendes Maciel, “O conselheiro”. Consta, no Arcebispado de Salvador, entre 1875 e 1976, que o Conselheiro foi preso em Itapicuru, onde as falas recorrentes já o intitulavam de “Messias”, segundo jornais e meios da época noticiava. Segundo Sílvio Romero, em 1879, na Revista Brasileira, na série de artigos sobre a poesia popular, reservada a Antônio Conselheiro era também conhecido como “Antônio Aparecido”. Após ampla investigação, ele alcançou a liberdade, pois não havia nada que o incriminasse.

A ideia de que reflete o Céu como um Reino de Deus, refere-se, no imaginário católico do povo, à morada de Deus, e ele um enviado de Deus a mando de Jesus Cristo a este mundo. Assim como o Céu é um lugar do sagrado, o inferno é morado do inimigo aqui se refere ao “pai da mentira”, o Satanás. As pregações eram, nesse contexto de pecado e purificação, santidade e maldade, Luz e Trevas.

Ao esboçar o messianismo de Antônio Conselheiro, num Sertão às margens do Rio Vaza Barris, havia caricaturas lugares de beatos⁹, onde percorriam uma vasta região que a assistência religiosa não alcançava. Um personagem que se destacou e fustigou contra o movimento de Canudos foi o Bacharel Cícero Dantas Martins. O Barão de Jeremoabo vem denominar, no tempo da campanha de Canudos, a expressão “Revoltação” de Canudos, uma palavra de

⁸ Em seu fragmento 53, Heráclito Filósofo da Antiguidade chamou: “Mãe e rainha de todas as coisas”. Ele afirma que: “A Guerra e Justiça são conflitos e por meio do conflito todas as coisas são geradas e chegam à morte.” (Fr. 80, Dies) Abbagnano (1999; págs.492-493).

⁹ Tem a sua origem no latim *beatus* que significa "santo", "feliz", "rico" e "bem-aventurado" e, no passado, era bastante comum nos países católicos. Significa também que alguém foi beatificado pela Igreja. Geralmente, é um processo criterioso realizado após a morte do cristão. A expressão era uma forma de reconhecimento que o povo fazia sem a autorização da Igreja.

expressão não “dicionarizada”, onde ele expressa que as atividades e o movimento de Antônio Conselheiro, ”o messias cearense”. Segundo Calasans (2015, p.76):

No tempo da campanha de Canudos, o Bacharel Cícero Dantas Martins, Barão de Jeremoabo, abastado proprietário no Município de Itapicuru, onde o messiânico cearense viveu grande parte de sua vida de peregrino atuante, recordou o aparecimento do santo no nordeste baiano, seu depoimento, de um modo geral, confirma aquilo que já conhecemos. (CALASANS, 2015, p.76).

A citação acima refere-se ao domínio que o Conselheiro tem, sobre o povo sertanejo, na sua “perenal missão”, afirma o Barão de Jeremoabo, que o acusa de desorganizar o trabalho e prejudicar os donos de terras naquela Zona Política, 3º Distrito. Ficava claro que não se entendiam, em suas publicações e artigos com repercussões na Bahia, publicados em 4 e 5 de março de 1897, no *Jornal de Notícias*, onde sempre abordava sua insatisfação com o Deputado Geral no Rio de Janeiro, o Barão de Jeremoabo. Segundo Calasans (2015, p. 76):

Estava em 1874 no Rio de Janeiro, quando aportou neste termo Antônio Conselheiro. Ao regressar, tive conhecimento de que este indivíduo, cujo os precedentes eram ignorados, com orações, terços e prédicas, sugestionava o povo, que, em multidão, acudia pressuroso a ouvi-lo, abandonando suas casas e afazeres.

As falas de Conselheiro começam a incomodar o capital da época e alterar a rotina da produção, já que suas pregações, em pleno dia, alteravam a rotina do trabalho e irritavam o patronato. O terço, no fim da tarde, o ofício de Nossa Senhora, de madrugada, suas pregações contra o luxo, e os apetrechos da moda, figurava uma ação de contestação à riqueza em meio à seca e miséria da região. Doutrina acentuada pelo Padre Ibiapina¹⁰, que influenciou muito a vida religiosa de Antônio Conselheiro, o padre é um símbolo da religiosidade e fé no Nordeste, fundador das casas de caridade. Onde se refere nas quadras: Segundo Calasans (2015, p.76):

*“Ibiapina deixou
Duas saudades plantadas
O terço no fim da tarde
O ofício de madrugada. ”*

Sua espiritualidade era um combustível para suportar as constantes perseguições e ameaças que sofriam, ele contava com muito apoio a exemplo do Sr Miguelzinho, o povo emprestava casa, barracão, espaços para as rezas e ofícios, a oração era uma forma de agrupar

¹⁰ Informações fornecidas ao autor em março de 1965, pelo Sr. Antônio Marques da Silva, funcionário do IBGE.

as pessoas que o escutavam e praticavam sua fé.

O registro da prisão de Conselheiro sua ida para Salvador e as constantes conversas de suas atividades no passado, foram todos os fatos esclarecidos, deixando-o livre para continuar suas andanças e missões. Nascido em 22 de maio de 1930, em Quixeramobim, no Ceará, o seu biógrafo Nertan Macedo, alguma dúvida sobre o ano exato foi esclarecida apresentando o seu batistério. A família Maciel era influente e tinha rixa com os Araújo com conflito de terras e acusações da prática de “Vaqueirice” ou roubo de gado, gerando conflitos e sentença de mortes, com decisões tomadas pelos juízes de paz da região, bem como fuzilamento e enforcamento. Uma vida atribulada de Comércio, Antônio Conselheiro foi professor, rábula, advogado, provisionado, dentre as diversas atividades exercidas. Enfim, casamentos desfeitos, adultérios, uma personalidade sofrida que encontra, na fé, um refúgio e equilíbrio.

Conselheiro ganhou notoriedade com a edificação de capelas, reformas de igrejas, construção de cemitérios, obras feitas em mutirão com apoio do povo e das pessoas que o seguiam ou escutavam em suas missões. Ele alcançava prestígio, junto ao clero da época e da região por onde passava. Em meio ao grande conflito, se inspirava nas sagradas escrituras sobre a Guerra.¹¹ Os padres escreviam ao bispo de Salvador que noticiava os passos do movimento liderado por Antônio Conselheiro.

A Cartografia de Canudos registra outras seções que pretendo abordar nos subitens e capítulos dessa tese com fonte de análise e pesquisa.

1.1. A Formação Cultural de José Calasans e sua dedicação e estudo da história, Folclore e Cultura nordestina.

José Calasans nasceu num ambiente de cidade, Aracaju, capital do Estado de Sergipe, sempre se manteve próximo ao campo, passa a estudar folclore, investigar as tradições, crenças o torna um apaixonado pela Cultura, viveu ainda criança o período da Primeira Guerra Mundial, conviveu com a Segunda Guerra Mundial, conviveu e entendeu a época dos coronéis, jagunços, e o cangaço nordestino.

Estudou Direito em Salvador - Bahia, na Faculdade de Direito da Bahia, hoje Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde se tornou professor e ensinou História em

¹¹ 6 E ouvireis de guerras e de rumores de guerras; vede que não vos assusteis, porque é necessário que isso tudo aconteça, mas ainda não é o fim. 7. Porque se levantará nação contra nação, e reino contra reino, e haverá fomes, e pestes, e terremotos, em vários lugares. 8 Mas todas essas coisas são o princípio das dores. Mateus 24 (6-7) Bíblia Sagrada.

Aracaju até vir definitivamente, em 1947, para Salvador. Lecionou em diversas escolas da capital baiana e tornou-se professor da UFBA. A sua pesquisa é um grande olhar sobre a Guerra de Canudos. Foi presidente da Academia de Letras da Bahia, dirigiu o Departamento de publicação do Museu Eugênio Teixeira Leal. Escreveu várias biografias de homens públicos como do professor Miguel Calmon¹², político, banqueiro, Reitor da UFBA. Além disso, estudou sobre o Brasil e a Bahia colonial, a Revolução de 1930.

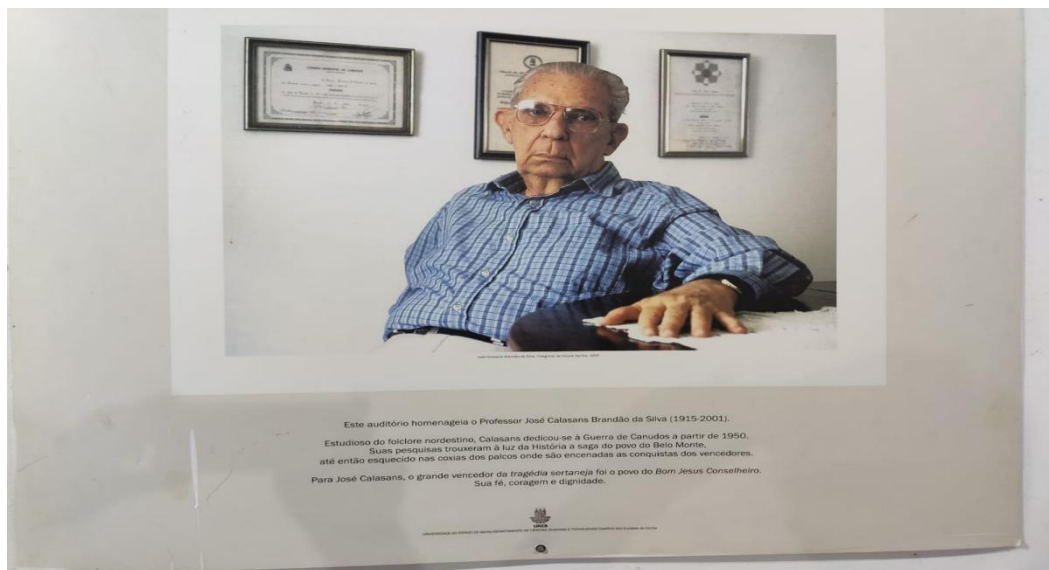


FIGURA 03-Foto reprodução: Auditório do Campus Avançados da UNEB Canudos-BA.

A partir de 1950, o Professor José Calasans percorreu o Sertão, em busca de desvelar a saga de Antônio Conselheiro, a campanha de Canudos, viajou do Ceará a Bahia, realizando pesquisas e garimpando dados históricos sobre fragmentos dos episódios, aprofundando-se nos estudos de Euclides da Cunha, na obra *os Sertões* e suas notas, percorrendo uma historiografia acerca da obra. Ao mencionar, em uma de suas obras, *Ciclo do Folclórico, Bom Jesus Conselheiro, contribuição ao estudo da campanha de Canudos*, Calasans afirma (1950, p.14):

“Depois da publicação do grande ensaio, tudo que se tem feito, salvo artigos sobre pormenores do famoso embate, é cópia servil de Euclides da Cunha ou interrogação das manifestações do desventurado escritor. Estuda-se Canudos via Euclides da Cunha. A obra renomada como que extinguiu a capacidade da pesquisa em torno do doloroso momento da evolução da História do Brasil.”

¹² Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho (1912 - 1967) foi o terceiro reitor da Universidade Federal da Bahia (UFBA), cargo que ocupou de 1964 até sua morte. Miguel Calmon foi um engenheiro civil, político e professor universitário. Deputado federal, Ministro da Fazenda, Presidente do Banco Econômico .

Suas observações sobre a escrita euclidiana eram críticas. “Os Sertões” como registro imperativo sobre Canudos não eram suficientes para ele. Em uma entrevista ao historiador Marco Antônio Vila, Professor José Calasans explica sua opinião. Villa (1998, p.46) pontua:

“Eu me libertei de Euclides. Eu sinto que fui me libertando sem perder a admiração que todo brasileiro deve ter por ele...eu comecei a ver o sertanejo real, não aquelas tiradas de Euclides. Tiradas que o povo aceitou e todo mundo no Brasil sabe: “O sertanejo é antes de tudo um forte. ”

Nestas afirmações e tantas outras, reflete a independência e valorização do sertanejo, a condição da oralidade que revela mitos de sociedade igualitária, a quantidade de habitantes e origens do povo de Canudos, a visão de Conselheiro como agente social, a opinião sobre a escravidão dentre tantos temas que, por épocas, foram mal compreendidos. Busca valorizar a oralidade popular, acerca dos fatos e fenômenos vistos. Faz entender a memória como elemento de história e sua riqueza encontrada na epistemologia que Calasans desenvolveu, através da história cantada e contada pelo povo do sertão ou o que restou dele após o conflito, descrito no cordel, poemas, canções, lamúrias como fontes. Ele consegue, nas entrevistas, ainda com alguns personagens que testemunharam o massacre, a exemplo de Pedrão.

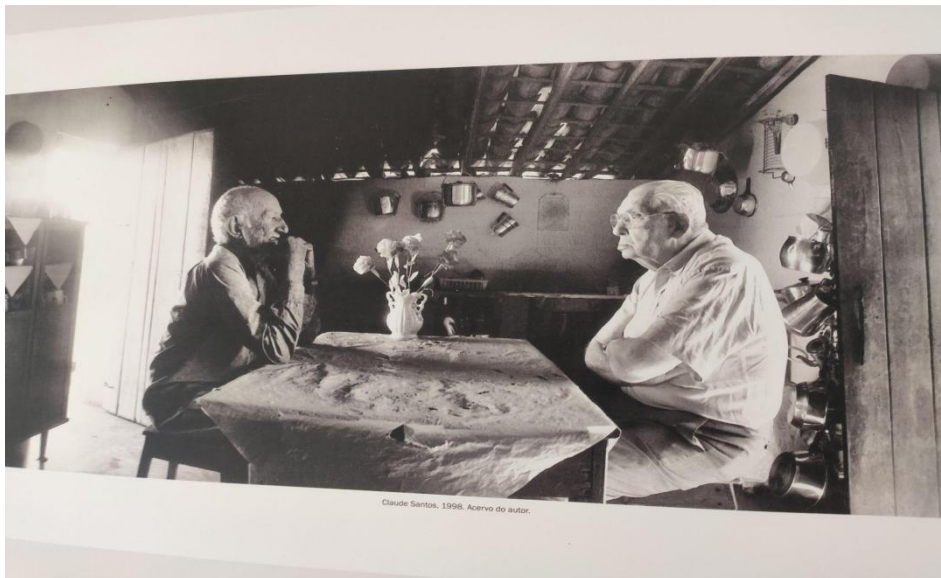


FIGURA 01-Claude Santos 1989, acervo do autor, exposta no Campus Avançado de Canudos¹³

Uma das observações importantes que devemos constatar são as afirmações do

¹³ José Calasans entrevista Pedrão sobrevivente de Canudos. Pedro de Regis um conselheirista, esta foto está exposta no Memorial de Canudos sob a direção da UNEB.

Professor José Calasans, dentre elas: Canudos não era “Uma sociedade igualitária”. Havia comerciantes com posses; o seu embate com o clero da época; sua postura diante da escravidão; sua posição favorável à Monarquia e contra a República; a sua forma de condenar a luxúria e os excessos da época; o ascetismo; temas fortes a serem observados em um estudo mais profundo.

Ao dedicar-se ao Núcleo Sertão na UFBA e participar da fundação do Centro de Estudos Euclides da Cunha – CEEC, na UNEB em 1983, encontram-se elementos da Fortuna Crítica de José Calasans. Conhecer e interpretar a obra de Calasans, suas publicações hoje requerem considerar sua formação cultural no seu tempo e espaço de atuação, sua vivência social. Ele toma distância da interpretação euclidiana da história, o que é muito comum nas Universidades do Sul e Sudeste do Brasil, reconhece a obra e o valor como afirmou acima, mas a sua obra mais modesta adota um outro procedimento metodológico e empírico. Segundo Pierre Bourdieu (1996), para entender uma obra é fundamental, seja qual for a formação do estudioso, considerar a sua vida e seu percurso intelectual, seu mundo e seu lugar social, onde ele viveu.

A Cultura dá, ao povo, uma força incomensurável para enfrentar a crua e dura realidade do combate. “O inacabado é parte constitutiva do cabedal teórico de Saussure e o conceito de *fala* participa dessa construção na sua qualidade de parte do processo de Saussure, na constituição da Linguística tal como reconhecemos hoje” (Silveira, 2013, p. 56).

A Cultura do Sertão de forma rica, diversa, folclórica, expressão maior do povo, variada, fortalece o povo ampliando sua crença no sagrado, alimentando sua alma na fé religiosa e mística, cultivando exemplos de santos e profetas guerreiros que resistiram às perseguições do Império Romano ou da Monarquia que preenche e inunda o velho testamento da Bíblia. Mas, além desta contradição, o povo de Canudos era crente na figura do “REI”, como instituição divina, e contrariar esse princípio era contra a vontade de Deus. A defesa da monarquia foi crucial para argumentar o combate ao movimento de Canudos. Era inconcebível, em plena república, um reduto monarquista rebelde e messiânico. Elementos da contemporaneidade fortalecem a identidade cultural do povo e enobrecem sentimentos de resistências. Segundo Agamben (2009 p.59):

“A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela

Ao citar esse exemplo, é muito comum a frase “quem está de fora enxerga melhor”; então esse princípio é a base e legitimação para que procuremos ou aceitemos qualquer tipo de conselho. Ao buscarmos conselhos, amenizamos os estragos na nossa relação, porém, o grupo de Conselheiro não possuía um aparato de inteligência, mas uma rede de informação feita por comunidades vizinhas, amigos, admiradores, fornecedores e comerciantes ambulantes que tinham contato com os Vila Novas e as famílias que possuíam o direito de comércio na comunidade.

Há uma percepção de que a cultura é uma categoria que o povo controla e o Estado tenta conduzir ou manipular e esta ideia é contestada por Williams (2008 p,55) que afirma: “ Em algumas sociedades capitalistas e, na maioria das sociedades pós capitalistas, as instituições culturais tornaram-se de Departamentos do Estado, particularmente nos modernos meios de comunicação de massa”. Uma das fragilidades do povo de Canudos foi enfrentar uma guerra sem um jornal ou meio de propaganda. A palavra escrita sempre foi uma arma a ser conduzida numa batalha.

Os jornais da capital e da província da Bahia relatavam os fatos na perspectiva do Governo, com fatos sempre contra o Movimento Conselheirista, retratando glórias ao Exército Brasileiro e seu Ministro da Guerra, até os cordéis favoreciam aos generais. Mas o Povo de Canudos reagia com cordéis e poemas de contestação, mostrando os generais de “Pés de Barro”. Segundo: Calasans: (2000 p.68) descreve: Mercador e combatente, o segundo Vilanova era também poeta. Gostava de versejar e declara: “sempre gostei de versejar”, ” Era minha diversão”, ” Tirou uns versos da cabeça” com quando Moreira César morreu¹⁴.

“ Morreu o Moreira César /
Lá no Alto da Favela/Foi ficar nas Umburanas/
Ao redor dos canaviais/
Mais não chupou das canas”.

Os Vilanova eram comerciantes que fizeram fortunas em Canudos com comércio, eles saíram antes da guerra terminar. O cordel era uma fala em versos e prosa de uma linguagem nordestina sertaneja, uma fonte de resistência até os dias atuais.

A mesma lógica perpassa a concepção de que a intempestividade é característica indispensável ao contemporâneo. Não escutar alguns conselhos custou aos seguidores de Conselheiro um preço alto, buscar a parcimônia nas orações foi uma forma de reunir e agregar

¹⁴ General que comandou a Guerra de Canudos e morreu no campo de batalha.

o povo em volta do Bom Jesus, religiosos foram dialogar com os conselheiristas e autoridades tentaram evitar o confronto. Mas sempre dando ao povo a pior opção de escolha, se render, destruir tudo, humilhação, renúncia à sua identidade e história, renegar seus princípios já firmados no batismo de sangue. Ao buscar conselhos ou opiniões externas, recorreremos não a qualquer um, mas ao amigo, àquele que trará o olhar de fora, mas que só pode fazê-lo, por conhecer os elementos envolvidos; ele é externo, mas nunca alheio. Segundo Viveiros-de-Castro (2002 p.237):

“Deixemos claro: os animais e outros entes dotados de alma não são sujeitos porque são humanos, mas o contrário — eles são humanos porque são sujeitos. Isto significa dizer que a Cultura é a natureza do Sujeito; ela é a forma pela qual todo agente experimenta sua própria natureza. O ‘animismo’ indígena não é uma projeção figurada das qualidades humanas substantivas sobre os não-humanos; o que ele exprime é uma equivalência real entre as relações que humanos e não-humanos mantêm consigo mesmos: os lobos vêem os lobos como os humanos vêem os humanos — como humanos. O homem pode bem ser, como sabemos, um “lobo para o homem”; mas, em outro sentido, o lobo é um homem para o lobo. Pois se, como sugeri, a condição comum aos humanos e animais é a humanidade, não a animalidade, é porque ‘humanidade’ é o nome da forma geral do sujeito.”

A cultura do Sertanejo é eco forte e insistente, ecoa alto, nunca desiste e acredita no seu destino, seu coração, era tarde demais para renunciar ao reino, se arrepende só de seus pecados, a palavra não tem volta. O signo da Cultura e elementos que constituíram a comunidade de Belo Monte, os pesquisadores procuram entender as relações estabelecidas entre os integrantes e habitantes de Canudos na época e no contexto da Guerra. Havia índios? Escravos alforriados? Estrangeiros ou migrantes de outros países ou etnias? É possível que houvesse mulçumano? Religiões de matrizes africanas? Prostitutas? Ou era uma sociedade sem nenhuma diversidade? São temas para uma longa pesquisa ou que já foram respondidos nos milhares de pesquisas sobre Canudos. Segundo Calasans (1997, págs.65-66):

“O Dr. Edgar Albertazzi, médico da expedição Febrônio de Brito, declara, em suas memórias inéditas, ter visto muitos feridos de flecha. Um saudoso pesquisador, Valentim Calderon, obteve depoimentos significativos de caboclos de Mirandela a respeito dos seus antepassados lutando ao lado da jagunçada. Segundo a tradição, que ouvimos no sertão, veio gente da aldeia de Rodelas, bem assim de Massacará. Em tais aldeamentos havia muita reclamação contra o tratamento que era atribuído aos descendentes de índios e por isto, provavelmente, a posição tomada ao lado do Bom Jesus Conselheiro. Pelo que nos foi possível constatar, alicerçado sobretudo na voz popular, o séquito do Bom Conselheiro reunia todas as “nações” do sertão. E pela presença de ex- escravos se pode até aventar a hipótese de ser Canudos o “último quilombo.”

Essa afirmativa constata uma composição do tecido social do movimento, a reunião de todos os que eram excluídos e oprimidos pelo sertão a fora. Quem seguiu Conselheiro, buscava alento material e espiritual, seguia as promessas proféticas de uma “Terra com rios de leite e montanhas de cuscuz”. Imagina esse paraíso. Para definir o Sertão, segundo Cunha (2003, p.40) afirma com seu testemunho da beleza que o representa numa linguagem poética e literária, usando um misto de fala e transcendência da linguagem expressa na paisagem da savana nordestina.

“E o sertão é um paraíso...Ressurge ao mesmo tempo a fauna resistente das catingas: disparam pelas baixadas úmidas os caititus esquivos; passam, em varas, pelas tiguerras, numas estrídulos estrepitar de maxilas percutindo, as queixadas de canela ruiva; correm pelos tabuleiros altos, em bandos, esporeando-se com os ferrões de solo de asas, as emas velocíssimas; e as seriemas de vozes lamentosas, e as sericóias vibrantes, cantam nos balseados, a fimbria dos banhados onde vem beber o tapir estacando um momento no seu trote brutal, inflexivelmente retilíneo, pela catinga, derrubando arvores; e as próprias suçuaranas, aterrando os mocós espertos que se aninham aos pares nas luras dos fraguados, pulam alegres, numa macegas altas, antes de quedarem nas tocaias traiçoeiras aos veados ariscos ou novilho desgarrados.”

A sua forma em plena linguagem de jornalista de guerra torna-se uma descrição fiel para posteridade do que já foi a mata, o bioma da caatinga no passado, e hoje destruída pelo fogo, erosão e a mão humana. O relato não nega a seca, ou aridez do solo e calor infernal, mas afirma que tem vida e muita vida sobre esse pedaço de chão. Ao descrever todas as espécies que visualiza, não descreveu todas as que existem, apenas o que foi possível descrever. O povo Nordeste é resiliente na sua moradia, mas a partir da colonização do Brasil, os conflitos de terras sinalizam-no como um povo Nômade, sempre em busca de um pedaço de terra, um povo que anda muito e a pé. Nas marchas¹⁵ de Conselheiro, ele apresenta muitos lugares que passou e deixou uma marca até chegar a Belo Monte. Engenhos, Aldeias, Quilombos, povoados, às margens do Rio Vaza Barris, pelo Sertão à fora.

1.2. O professor pesquisador e sua relação com a obra literária do seu tempo.

Ao se divorciar dos estudos jurídicos, José Calasans dedica-se aos estudos da história e estudos do folclore, tornando-se um notável especialista nesta área do conhecimento. As Ciências Sociais, em especial, a História e a Sociologia são as escolhas do mestre nos seus

¹⁵ Semelhança na história antes dele e depois são variadas epopeias a exemplo como Moisés no deserto do Egito a Palestina rumo a terra prometida, Alexandre Magno, Genghis Khan fundador do Império Mongol, Napoleão Bonaparte, pós Conselheiro temos exemplos como Mao-Tse Tung sobre a China; Virgulino Ferreira, O Lampião e seu cangaço, A coluna Prestes. Simon Bolívar na América, Emiliano Zapata México, muitos exemplos.

estudos e pesquisas. Destaca-se sua adesão ao integralismo¹⁶ e ao ideário nacionalista, corrente que defendia um protecionismo e soberania do País. Estas leituras influenciam José Calasans que faz parte deste movimento. Nas suas obras, autores como Alberto Torres, Oliveira Viana fazem parte do seu itinerário de leituras, em livros como “Evolução do Povo Brasileiro” e “O Problema Nacional Brasileiro”, leituras recorrentes diante do clima político vivido no Brasil e no Mundo que enfrentava uma corrida armamentista e nuclear, o que antecede a Segunda Grande Guerra Mundial.

Clássicos como Gilberto Freyre, em 1933, “Casa Grande e Senzala” eram teorias literárias de conceitos culturais racial do Brasil naquela conjuntura. Caio Prado Júnior afirma que “Evolução Política do Brasil” foi uma inovação à luz do materialismo histórico e existencialismo. Os Anos 30 trouxeram leituras novas e contribuições culturais importantes, instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro com autores vinculados, como Euclides da Cunha, Nina Rodrigues, Francisco Adolfo, Varnhagen e inauguram um debate da história nacional. Sérgio Buarque de Holanda, Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha marcam a formação cultural de José Calasans e o direciona para o estudo da Guerra de Canudos.

Sua formação, na segunda fase de sua produção e vida intelectual, começa a se desenrolar em 1950. Quando escreve a obra: “O Ciclo folclórico de Bom Jesus Conselheiro”, ao pesquisar a “A Guerra de Canudos” e seus principais personagens, tendo como metodologia a oralidade e a memória coletiva do povo baiano e sergipano, inaugurando um estilo de produção. Escreveu inúmeros ensaios sobre a Guerra e tornou-se o principal historiador de estudos da guerra e da saga de Antônio Conselheiro.

Ao longo da segunda metade do século XX, fez estudos como “A Santidade de Jaguaripe”, onde apresentou no Segundo Congresso de História em 1952, fonte de documentos do Santo Ofício ou “A Pitoresca História”, ou o livro de Ronaldo Vainfas “A heresia dos índios” em 1955. Após quatro décadas, produziu inúmeros trabalhos, que não cabe descrever neste espaço, mas na tese deixarei uma cronologia em um anexo.

A moderna história do movimento religioso “A revolta” (não dicionarizada) é uma

¹⁶ O movimento Ação Integralista Brasileira- AIB, nasceu em outubro de 1932, contando com a participação e adesão de intelectuais brasileiros como o historiador Gustavo Barroso e o jurista Miguel Reale. Através do documento denominado Manifesto de Outubro, o movimento iniciou suas atividades estabelecendo as bases ideológicas do grupo baseado no conservadorismo religioso, na crítica aos partidos políticos e na defesa dos princípios da autoridade e da moral cristã conservadora. Chefiado por Plínio Salgado, responsável chegando a se tornar um Partido Nacional Fascista um movimento neo-monárquico, estima-se que chegou a possuir 160.000 membros entre 1932 a 1934, os historiadores acreditam que chegaram a 200 mil filiados. O integralismo brasileiro, defendia um Estado unitário nos moldes do regime fascista com a construção de um Estado Integral de partido único, autoritário e antiliberal. O documento aberto com a expressão “Deus dirige o destino dos povos” colocava a espiritualidade como eixo central de ação integralista e dava ao líder o status de chefe religioso.

forte “resistência ao domínio Português”, com base nas ações “idólatras”, promovidas pelos Tupinambás de Ilhéus por volta de 1580, onde a cultura e religiosidade cristã se misturam às crenças nos encantados e chega a balançar as estruturas da ordem colonial e são massacrados, sendo destruídos em 1585, seus líderes perseguidos e mortos pelo Tribunal do Santo Ofício em 1591 (a Inquisição).

Foi autor da obra ”Bahia primeira capital do Brasil (1549-1763) ”. Estudou sobre a Colônia, Defensor e denunciou os excessos de punição primitiva em relação aos negros, onde encontrou relatos de castigos e crueldades aplicadas aos irmãos da África. Nos anos de 1960, escreveu sobre a Revolução de 1930, na Bahia e o movimento do trabalhismo de Getúlio Vargas.

Estudou o referencial teórico como a obra de Karl Marx, Georg Lukács e Max Weber, para compreender o patrimonialismo e a dicotomia do capital e trabalho, compreender as relações políticas de poder. Leu muitos autores de influência nacional, o Historiador Eduardo Hoornaert (1997), descreveu no livro ”Os Anjos de Canudos: Uma revisão Histórica”, “Calasans foi um apaixonado pelo fato em si (...) Averso a grandes teorias”. Entre os estudos, percebemos que ele deixa claro, em suas pesquisas, algo que passa despercebido. Segundo Nascimento (2004, p. 60):

“Em alguns momentos, chega a aceitar a fonte sem fazer as críticas devidas. Quando cita a frase de Frei João Evangelista do Monte Marciano (Capuchinho encarregado de dissolver a Comunidade de Canudos, atendendo pedido do Governador da Bahia Rodrigues Lima , via Arcebispado, para que a paz reinasse no interior da Bahia e a ordem de mão de obras nas fazendas fosse restabelecida), de que em apenas duas horas observou a passagem de oito enterros, ele não levantou a hipótese de que o clérigo pretendia com isso o encontrar justificativas para uma reação por parte das autoridades, demonstrar aquilo um caos social.”

Esta observação demonstra que o Arraial do Belo Monte e o povo de Antônio Conselheiro tinham diversos opositores como a Igreja , O Estado, O Barão de Jeremoabo, A Imprensa da Época, a Justiça, os donos de terras leia os fazendeiros, todos conspiravam pelo fim de Canudos. Ao pronunciar sobre as suas fontes, Calasans fala: “A fonte fala por si só” e isto é demonstração de ser fiel à fonte. O historiador deve considerar a honestidade, o respeito e o diálogo, ser fiel aos documentos, ele sempre prezou por isso.

1.3. José Calasans e sua relação com a religiosidade, o integralismo, crítica cultural aos que pesquisavam Canudos.

Guiado pelas Sagradas Escrituras, leitor da “missão abreviada”, livro de larga divulgação no interior do Brasil, o Conselheiro pregava sobre temas variados entre eles: os mandamentos, condenava o pecado, dava conselhos sobre o bem viver em família, na defesa do casamento cristão e contra o casamento civil (defendido pela República), muitas vezes pronunciava frases em latim. José Calasans não fez uma leitura teológica das prédicas, mas realizou um trabalho muito importante sobre o patrimônio com relação às igrejas erguidas e cemitérios¹⁷ reformados pelo peregrino e seus seguidores. Com relação ao folclore de Canudos, o elemento do Sebastianismo estava presente nas quadras e versos populares e nos aportes do Conselheiro na construção do caminho da Santa Cruz em Monte Santo - Bahia.¹⁸ Com registro em cordel, segundo Calasans (1997; p.61-72):

“O Caminho da Santa Cruz
O povo dizia na reza
Do Céu baixou uma luz
Quem não fazer o bem
Dom Sebastião já vem
Mandado por Bom Jesus “

Quando se trata de “apontamentos dos preceitos da divina lei”, Antônio Conselheiro interpreta a passagem de Lucas¹⁹ capítulo 12, versículo 49, onde Jesus afirmava “que tinha vindo à terra para trazer fogo”. Conselheiro dizia: ” Que tinha vindo à terra, para trazer às almas o fogo do divino amor, e que não tinha outro desejo senão de ver esta santa chama acender em todos os corações dos homens”. Uma mística solidária, obedece aos mandamentos, aceita o sofrimento como imitação de Jesus Cristo. Os sermões de Antônio Conselheiro estão na obra “*Manuscritos e Sermões*”.

No Seguimento, a teologia de padre Theodoro de Almeida²⁰ (1722-1804), sacerdote português, onde ele sinaliza a vocação do profeta Jeremias²¹, quando lhe é dada a palavra de

¹⁷ Os cemitérios pertenciam ao domínio da Igreja Católica durante a Monarquia, com a República eles passam ao domínio civil, as famílias tradicionais que contribuem para a Igreja podiam ser sepultadas dentro do templo ou num cemitério no fundo.

¹⁸ Um calvário com 3 km de extensão em um monte com 500 m de altitude, em pedras e rochas, onde o Frei Capuchinho Apolônio de Todi em 1775, realizou a primeira romaria vindo da missão de Massacará na época aldeia indígena onde hoje está a cidade de Euclides da Cunha, o cineasta Glauber Rocha gravou cenas de “Deus e o diabo na terra do sol”, Antonio Conselheiro andou por lá em missão.

¹⁹ “Eu vim para acender um fogo na terra, e o mais posso desejar se ele já foi acesso? ” .

²⁰ O Padre Theodoro de Almeida da Congregação do Oratório de Lisboa participou ativamente na Ilustração Portuguesa. Foi sócio fundador da Academia Real das Ciências de Lisboa. Em sua obra "Recreaciones filosóficas" segue de perto as meditações de René Descartes (1596-1650) na procura da harmonia entre a razão e a religião.

²¹ Refere-se a edição do ano 1857 da tradução ao português feita por o Padre Antônio Pereira de

que Deus dizia: “Antes de formá-lo no ventre da sua mãe, eu já conhecia você. E antes de você nascer, eu o santifiquei. Eu o fiz profeta para as nações “ Jeremias capítulo 1, versículo 5. Sentindo-se chamado pela “*Mãe de Deos*”, ele busca imitar a Bom Jesus e de Nossa Senhora das Dores bem como as horas marianas , encontra lugar nos gemidos da “*Mãe de Deos*²²” onde o lugar das tempestades que se levanta no coração de Maria. A expressão mãe de Deus, Senhora do bom parto, das dores, do Amparo são expressões medievais de uma Igreja primitiva, voltada para a maternidade de Maria, são herança da colônia e da Europa católica. Segundo Hoornaert (1997; p.82), Euclides da Cunha exerce assim um papel fundamental o de legitimar o sacrifício: “*Os Sertões* é um livro articulado em torno da construção da civilização através da violência e da destruição.”

Traçar elogios a Calasans recupera a lógica da mentalidade camponesa, a ideia que ele “ sempre parte de fatos comprovados”. Ao realizar as análises sobre o “Messianismo e o Milenarismo”, é inaugurada uma firmeza e postura historiográfica. Ao chamar de secularistas os autores da historiografia brasileira (alguns), eles acabam distorcendo a visão quando se referem à religiosidade popular ao nomear: “fanáticos”, “a crítica”, “bizarra”. Para além de Euclides da Cunha, observa-se uma ausência de um exercício de exploração filosófica e psicológica. É uma evidência de que alguns autores, de épocas passadas, estavam distantes de seus objetos, colocando uma forte dose de etnocentrismo que muitos não percebem ao conhecer essas interpretações e, às vezes, nem percebem. Segundo Laplantine (1991, p.34):”

“Lévis –Strauss: “ Se a etnografia não é a ciência do social do ponto de vista do observador, ela também não é a ciência Social do ponto de vista do observado”. Os modelos são, pois, construções teóricas de caráter operatório [...] e que não podem, portanto, substituir a realidade empírica uma vez que não tem por objetivo precisamente pensar esta última e em particular, por em evidência o que ela não diz. ”

Superar o etnocentrismo e mergulhar na experiência religiosa popular é tarefa basilar do

Figueiredo (1725-1797). Nos manuscritos do Antônio Conselheiro encontramos seu lastro, que é: Novo Testamento/Vida de/Nosso Senhor Jesus Cristo/Contendo os/Santos Evangelhos, Atos dos Apóstolos, Epístolas, e Apocalipse/Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo/Ilustrada com Pregações, Notas, Lições Variantes, Etc./Publicado sob Os Auspícios/do Eminentíssimo Senhor/Cardeal Patriarca/Empresários/Silva e Souza.-Escritório na Travessa da Era/(Aos Paulistas) no.3//Tipografia/de Joaquim Germano de Souza Neves./Rua de Caldeira no. 6/Lisboa/1857. Ver também: Fernando da Rocha Peres, "Fragmentaria", in: Walnice Nogueira Galvão e Fernando da Rocha Peres, Breviário de Antônio Conselheiro, 2a. edição, Salvador: EDUFBA, Bahia, 2011, p. 27-44.

²² Gemidos da Mãe (sic.) de Deos. Afflicta, ou estímulos de Compaixão das suas Dores. Pelo P. Theodoro de Almeida, Da Congregação do Oratório de Lisboa, & c. (sic.) Quinta impressão (sic.) Lisboa, Na Regia Officina Typografica, Anno M. DCCC. (Documento consultado na Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro).

historiador que investiga um movimento religioso, por exemplo, o que representa o messianismo para um trabalhador campesino sem-terra mais do que alcançar um pedaço de terra? Um historiador não pode ignorar as ciências da religião quando pesquisa movimentos religiosos, cabe a sensibilidade para compreender autores como Pierre Bourdieu, Emile Poulat, Jean Séguy, autores aclamados na Europa. Quem é o Deus de Antonio Conselheiro? Um Deus Neotestamentário, uma cultura do sagrado, a ser entendido a partir do catolicismo primitivo. Segundo Abbagnano (199; p.866):

“Sagrado ou Sacro do latim *sacer*, objeto religioso em geral, ou seja, tudo o que é objeto de garantia sobrenatural ou que diz respeito a ela. Com essa garantia às vezes pode ser negativa ou proibitiva. O Sagrado tem caráter duplo, de santo e sacrílego. O sagrado porque prescrito e exaltado pela garantia divina, ou porque proibido ou condenado pela mesma garantia, Durkheim em *Les formes élémentaires de vie religieuse* (1912) chamou esses dois aspectos, respectivamente, de fascinante e tremendo. Heidegger (1943) interpretando uma poesia de Holderlin que identifica a natureza com o Sagrado, considerou “o Sagrado como raiz do destino dos homens e dos deuses, quem serão como serão e quando serão” Heidegger afirma também que “o Sagrado não é Sagrado porque divino, o divino é divino porque é Sagrado.”

Diante da natureza, o conceito de Sagrado é representado de diversas formas, entre elas, o da essência e aparência, como se dá o fenômeno ao conferir a ideia de um fascínio em uma passagem no livro do Êxodo e Moisés vê-se diante de uma sarça ardente, uma manifestação do Sagrado. Deus é, para Moisés, naquele momento, símbolo do fascínio e do medo. Diante dele, os seres humanos ficam fascinados e, ao mesmo tempo, temerosos.

A Cultura da religiosidade do povo conduzido por Antônio Conselheiro fortalecia a grande multidão de devotos que cumpria um ritual cotidiano de orações e penitências, seguia preceitos e mandamentos da Igreja Católica e Apostólica Romana que, no princípio, começou a aproximar-se do povo, depois os abandona à própria sorte e a silencia diante do grande massacre que viria mais tarde.

A religião para Canudos foi uma imagem teocêntrica sertaneja inaugurada pelo Antônio Conselheiro e seu povo, um elemento de insurreição que deságua em conflitos por terra, água, pão, contra os tributos e a República. A inspiração do Beato favorece muitas interpretações. Para alguns, tratou-se de um reduto monarquista após a instauração de uma República, não por ação popular, mas militar. A Monarquia se esgota, em seu cansaço e projeto de poder, onde uma nova burguesia rural e agrária em combinação com os militares e industriais e ricos comerciantes que alteram o curso político do país.

Na Bíblia Sagrada, o Rei é uma instituição divina²³, é uma herança da graça de Deus, o antigo testamento é um conteúdo de história monarquista. A República é uma instituição política e liberal que, além de secular, nasce de uma inspiração iluminista. A Burguesia se instala no poder, seja pelas mãos de aristocratas ou burgueses. Por essas e tantas razões, Canudos é uma ameaça real.

No período que antecede a Segunda Guerra Mundial, de 1930 à 1945, o mundo experimenta uma crise econômica sem precedentes na história, com o surgimento de governos autoritários, fome, corrida por armas e corrida pela bomba atômica, violência no sertão nordestino, seca, quebra da bolsa de valores de Nova Iorque, a ascensão ao poder de Getúlio Vargas, no Brasil (1930, Benito Mussolini, na Itália (1920) e Adolf Hitler, na Alemanha (1933), a ideia de nacionalismo ganha corpo e prospera.

No Brasil, o Nacionalismo torna-se uma palavra de ordem, um discurso do século XIX, quando surge o termo. Temas como a defesa do petróleo (“o Petróleo é nosso”) , unidade nacional , soberania, integridade do território, era uma propaganda abraçada, inclusive pelo Instituto Histórico Geográfico Brasileiro e por muitos intelectuais da época . Segundo Luppi (1990, p. 187) “O Nacionalismo é uma representação ideológica preocupada em definir os traços específicos de um povo e suas diferenças frente aos demais – a identidade e alteridade”.

Um nacionalista convicto que defendia a identidade nacional era Euclides da Cunha, sob a realidade social que muito o preocupava, para ele, o evolucionismo Spenceriano entre as “raças fortes” em que dominaria as “raças fracas” pela cultura e a imposição de valores culturais. A vida “civilizada” ameaçava o Brasil, em muitos aspectos, acreditava-se que, em alguns outros aspectos, poderia nos favorecer sem, contudo, renunciarmos à nossa condição humana.

O nacionalismo fomentado na literatura de Eduardo Prado, Paulo Prado, Manoel Bonfim, Olavo Bilac, Alberto Torres, Oliveira Viana e seus sentimentos patrióticos em suas obras²⁴. Em 1917 no Estado de São Paulo, uma azeitada campanha nacionalista convoca a todos para associar-se à Liga Nacionalista, uma agremiação sobre a liderança de Júlio de Mesquita

²³ Para uma análise detalhada da mensagem religiosa de Antônio Conselheiro ver: Alexandre Otten, "Só Deus é grande". A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro, São Paulo: Edições Loyola, 1990. ⁶⁶ Antônio Vicente Mendes Maciel, Apontamentos da divina lei de Nosso Senhor Jesus Cristo para a salvação dos homens, Manuscrito, Belo Monte, 1895, p. 236. (Arquivos Centro de Estudos Baianos, Universidade Federal da Bahia).

²⁴ As primeiras edições dessas obras e seus autores: Eduardo Prado, Paulo Prado: A ilusão americana (1893); Olavo Bilac: A defesa nacional (1917); Oliveira Viana: Populações meridionais do Brasil (1920); Manoel Bonfim: O Brasil na história (1930); entre outros.

Filho, dentre outros, com o apoio do Governo de São Paulo, que defendiam transparência eleitoral e alfabetização da população brasileira. Os militares apoiaram o movimento em peso. Esses movimentos aparecem entre as décadas de 1920 a 1930 na Europa. Em 1920, Benito Mussolini chega ao poder na Itália e, em 1933, Adolf Hitler na Alemanha. O fascismo e Nazismo possuem uma plataforma nacionalista e patriótica, excluindo algumas raças e povos, com amplo apoio das igrejas católicas e evangélicas, de capitalistas e grandes burgueses donos de fábricas, bancos, empresas, indústrias. Era uma forma de conter a luta operária e destruir as poucas conquistas sociais do povo.



FIGURA 04 Plínio Salgado²⁵

Neste lado do Continente América Latina, os modelos foram adaptados tanto por Getúlio Vargas no Brasil como por Juan Perón na Argentina. Segundo Capelato (1991; p.58):

“Os projetos de Vargas e Perón recuperaram elementos pré-fascistas ou fascistas propriamente ditas. Além disso, os mecanismos de controle das consciências e valores vinculados pela propaganda política, também tiveram forte inspiração nos regimes totalitários. (CAPELATO, 1991; p.58).

Plínio Salgado²⁶, fundador do Movimento Integralista Brasileiro, ou AIB Ação

²⁵ Com a farda integralista chamado popularmente de “boinas verdes”, nacionalistas radicais que admiravam o fascismo.

²⁶ Plínio Salgado (1895-1975) político, escritor e jornalista brasileiro. Nasceu em São Bento de Sapucaí, São Paulo, no dia 22 de janeiro de 1895. Era filho do coronel Francisco das Chagas Salgado e da professora Ana Francisca Rennó Cortez, que lhe ensinou as primeiras letras. Com 16 anos ficou órfão de pai. Em 1916 começou suas atividades na imprensa no semanário Correio de São Bento. Em 1918 ingressou na carreira política com a fundação do Partido Municipalista, que reunia os líderes dos municípios do Vale do Paraíba em defesa da autonomia municipal. Em 1920, Plínio Salgado mudou-se para São Paulo e ingressou no jornal Correio Paulistano – órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP). Fez amizade com Menotti del Picchia, o redator-chefe do jornal.

Integralista Brasileira²⁷, participou da Semana de Arte Moderna de 1922, conhecidos como grupo “verde e amarelo” ou “Boina verde” onde José Calasans fez parte. Após realizar uma viagem pela Itália, ficou impressionado com a doutrina fascista e sua aproximação com o nacionalismo, as mobilizações de massas, ele se empolgou e passou a defender uma adaptação desse movimento no Brasil. Em 1932, lança um manifesto de outubro, primeiro documento da AIB, onde define como uma carta ideológica. Segundo Salgado (1985, p.333):

Os intelectuais, independentes da sua origem de classe, da sua formação bacharelesca ou especializada, mantiveram-se ocupados em “pensar “o Brasil e em propor caminhos para a salvação nacional. Ao atuarem na construção de consciências coletivas, os intelectuais consideram-se imbuídos de uma missão e procuram difundir suas propostas mediando aspirações nacionais e políticas governamentais. Nesta tarefa missionária foram os intelectuais que procuraram criar um ideário nacional baseado em um culto a uma tradição passada ou trabalharam na construção de uma nova tradição.

A convocação, conclamando os intelectuais à responsabilidade patriótica não atinge os que já conheciam as consequências do nacionalismo e eram críticos a estas idéias. E continua esse discurso sempre por onde passa, repetindo o conteúdo do Manifesto Integralista. Segundo Salgado (1985, p.335):

Temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir. O Nacionalismo para nós não é apenas o culto à Bandeira e ao Hino Nacional, é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor da raça. Essa é a grande campanha que vamos empreender.

O Integralismo foi implantado, em todo Brasil, inclusive na Bahia, abraçado por intelectuais, juventude, estudantes, membros do clero católico, partidos clubes de serviços e

Em 1922 participou da Semana de Arte Moderna. Em 1924 foi um dos ideólogos da tendência nacionalista do Modernismo denominada Movimento Verde-Amarelo, em oposição à corrente primitivista lançada pelo "Manifesto Pau-Brasil", de Oswald de Andrade.

²⁷ Plínio Salgado (1895-1975) político, escritor e jornalista brasileiro. Nasceu em São Bento de Sapucaí, São Paulo, no dia 22 de janeiro de 1895. Era filho do coronel Francisco das Chagas Salgado e da professora Ana Francisca Rennó Cortez, que lhe ensinou as primeiras letras. Com 16 anos ficou órfão de pai. Em 1916 começou suas atividades na imprensa no semanário Correio de São Bento. Em 1918 ingressou na carreira política com a fundação do Partido Municipalista, que reunia os líderes dos municípios do Vale do Paraíba em defesa da autonomia municipal. Em 1920, Plínio Salgado mudou-se para São Paulo e ingressou no jornal Correio Paulistano – órgão oficial do Partido Republicano Paulista (PRP). Fez amizade com Menotti del Picchia, o redator-chefe do jornal. Em 1922 participou da Semana de Arte Moderna. Em 1924 foi um dos ideólogos da tendência nacionalista do Modernismo denominada *Movimento Verde-Amarelo*, em oposição à corrente primitivista lançada pelo "Manifesto Pau-Brasil", de Oswald de Andrade.

fraternidades maçônicas, dentre outros. Em programa com cunho autoritário da Ação Social Brasileira e Legião Cearense do Trabalho, circulavam os famosos círculos operários e sindicatos da época.

Em 1933, José Calasans estava dividido após a Revolução de 1930, onde a Bahia tomou posição do lado legalista. Juracy Magalhães era o Governador (um interventor federal), a Bahia apoiava o Presidente Washington Luiz. A Faculdade de Direito da Bahia foi onde se deu a aproximação de José Calasans com o Movimento Integralista que se espalhou pelo interior da Bahia. Plínio Salgado, em suas andanças pelo Brasil, visitou Salvador e esteve na Universidade Federal da Bahia na Faculdade de Direito e ofertou dois livros para a biblioteca: “O que é integralismo? ”; “Psicologia da Revolução”. Plínio Salgado criticava, de forma severa, o liberalismo e o comunismo e defendia um Estado Nação com disciplina da sociedade. Em um discurso de 1992, na Academia Baiana de Letras, Calasans confessou que ele aceitou o Manifesto de Outubro por influência de Oldegarde Vieira: “me fez ler”.

Dividido estava o movimento estudantil entre autonomistas e integralistas, a direita era representada bem como a esquerda, com maior destaque pelo o Professor Orlando Gomes, professor de Direito Civil e Introdução à Ciência do Direito. Alguns estudantes não participavam de nenhuma manifestação de grupo como Jorge Calmom, Claudionor Ramos, Ademar Raimundo da Silva, que fizeram parte da turma de José Calasans. Pessoas como Walter da Silveira, José Calasans, Oldegarde Vieira, João Adonias Aguiar, José Borba Tourinho dentre outros, nas eleições que eram realizadas no Centro Acadêmico. José Calasans estava em uma chapa e venceu como Bibliotecário e, em outra eleição, foi eleito vice-presidente, num momento a destacar movimento de grande importância no encerramento do Primeiro Congresso Jurídico Universitário do Brasil, onde na presença do Governador Juracy Magalhães, ao tocar o Hino Nacional, os Integralistas de camisas verde, levantaram o braço (semelhante ao gesto nazista).

Com diversos registros de correspondências e documentos dirigidos pela AIB, “ ao companheiro José Calasans Brandão da Silva”, demonstrando que ele assumiu diversas funções. Aderiu ao integralismo por razões e tendências ao militarismo, era sobrinho de General José Calasans da Silva, estudou em Colégio Militar, não se identificou com a carreira militar e, durante o regime militar (1964-1985), estudou na Escola Superior de Guerra, ligada às Forças Armadas Brasileira. Fez curso como Educação Moral e Cívica no Ensino do 1º e 2º grau, escreveu uma monografia, versando como difundir o nacionalismo nas escolas brasileiras e o sentimento patriótico, ao ser diplomado na cerimônia em 14/12/1972, contou com a presença do Presidente Emílio Garrastazu Médici, criticou o Governo de João Goulart e defendeu o

regime militar após o golpe militar. Segundo Calasans (1971), “Que o país vivia uma base de intranquilidade, indisciplina generalizada”, “a nação foi atingida pela pregação subversiva “,” esse momento foi contido e extirpado pelo movimento de março.”.

Criou na Bahia a Liga de Defesa Nacional (LDN), inspirada em Olavo Bilac, realizou uma solenidade no Fórum Ruy Barbosa, entre os oradores o Governador Antônio Carlos Magalhães (Biônico, indicado pelo golpe militar). Participou de diversos eventos, em uma entrevista nos Cadernos da UFS (Universidade Federal de Sergipe) São Cristóvão - SE. Em 1977, ele afirmou que buscou no integralismo debates sobre a realidade Brasileira, o que não se encontrou na carreira jurídica, a qual não tinha a menor vocação. Percebeu, com o integralismo, um grande excesso de violência, desistiu e nunca mais se filiou a nenhum partido ou organização. Mas seguiu o nacionalismo nos seus trabalhos. Podemos afirmar que um dos pilares do Integralismo está alicerçado nas ideias positivistas de Augusto Comte, principalmente, no que diz respeito ao patriotismo e o seguimento radical de uma ideologia contagiante que sempre exige disciplina e moralismo e civismo.

Uma imposição da modernidade no nosso país é a presença do eurocentrismo que se esparrama pelo mundo ocidental, onde os europeus tentam nos fazer crer que a Europa é a “civilização” ou o “mundo novo”, “as descobertas” que os portugueses até os dias atuais chamam de “achamento” do nosso continente. As influências da literatura francesa e inglesa, do alemão, na filosofia e ciências políticas e sociais, estabeleceram um padrão, uma bolha de não percepção de outros povos e nações, culturas, formas de saberes, essa é a essência da virada do século XX para o século XXI, onde a corrida nuclear e a busca para construir a bomba atômica, no mundo, começa a perceber na cultura literária uma mudança para uma identidade local. O Próprio Euclides da Cunha tinha uma formação positivista, herdada de um ensino com cultura europeia.

O Projeto de descentralização da modernidade estava dado, mas se arrastou por alguns séculos. O iluminismo que traz uma seara de construção artística, poética, literária, inclusive estabelece um paradoxo entre a fé e a razão, o teocentrismo e o antropocentrismo. Se, em algumas da cultura ocidental, prevalece o cristianismo, no lado que se define “oriental”, o islamismo ou outras religiões asiáticas e todas, de alguma forma, presentes na cultura dos povos que são conquistados ou constroem uma substituição seja pela espada, cruz, o corão ou elementos que simbolizam o colonialismo religioso.

A Estética Modernista é consignada em um movimento europeu, a produção artística e cultural, é uma linguagem imposta pela vanguarda europeia. Quando Conselheiro, Segundo

Calasans (1977), “afirma que ele queimava e condenava os chapéus das madames”, na moda europeia, em seus sermões em reação a luxúria e à moda feminina, reagia como uma vaidade pecaminosa que pertencia à burguesia, mas não era permitido aos sertanejos pobres. A cultura sertaneja tinha uma resistência à cultura das cidades, a exemplo dos versos, canções, poemas, sobretudo, as vestes.

Se o Europeu se destaca pelos ternos e roupas que enfrentam os rigorosos invernos, os sertanejos lutam com o sol escaldante, seca, caatinga, a exemplo dos vaqueiros, jagunços, cangaceiros, ou índios e negros escravizados, todos com sua forma de vestimenta.

A influência do marxismo, na obra de Calasans, pode ser tema de outros escritos no futuro e se deu por pensadores que apresentavam seus textos a ele, enquanto pesquisaram. . O conteúdo marxista influenciava atitudes que não são retratadas na história do Brasil, mas que os brasileiros tiveram conhecimento. Sem falar que algumas literaturas que chegavam nas mãos dos brasileiros anos depois ou pela distância da Europa, ou pelo desinteresse das elites.

O Manifesto Comunista 1848, lançado por Karl Marx e Friedrich Engels, no século XVIII, chega à Argentina 1850, no Brasil em 1923, onde é traduzido o último fascículo, por Octávio Brandão, um farmacêutico em 13/12/1923 (conforme a Fundação Maurício Grabois). Segundo Santos (2015; p. 18):

A racionalidade ocidental, que se inseriu, com o iluminismo, na base do projeto da modernidade histórica, se de um lado facultou a emergência da crítica sistemática a toda e qualquer forma de sistema, por outro lado inviabilizou o surgimento das condições de produção dessa crítica nos países mais periféricos, além de ter funcionado como instrumento de dominação e controle. Assim, a modernidade, em seu sentido filosófico, não foi apenas o advento da razão sobre a fé, colocando o homem ocidental, branco, burguês na criação e controle das formas institucionais e práticas do pensamento, mas, também, uma racionalização da fé nos modos de composição do capital e suas relações com o Estado burguês. Ainda que o marxismo e o anarquismo tenham oferecido.

A Cartografia de Canudos, abrange uma interpretação dos fenômenos que permeia a pesquisa de José Calasans sobre Canudos, amplia a literatura, inaugura um novo método, abrange outras interpretações numa linguagem e literatura. Entender como a sociedade se envolve e chega à Revolução Industrial, a um Holocausto é um desafio ou começo da técnica ou pêndulo de relógio que vai e volta e gera a dominação da técnica. Isto se configura da obra a “*Dialética do Esclarecimento*” de Theodor Adorno e Horkheimer como forma de explicar esses fenômenos.

Entre os metapontos que, na expressão crítica cultural, pode conduzir a falácias que

desencadeiam um relativismo cultural. As leituras sobre Canudos estão sempre encontrando interpretações para a obra de Euclides da Cunha em um contexto que não pode dissociar-se da realidade da época. Um texto, em seu contexto, é desvelado por vários pensadores e autores que vão fazer uma releitura da região, do episódio da distância do tempo e do espaço, da versão que o Exército Brasileiro fez um exercício enorme para empreender sua “verdade” da história do Brasil sob o episódio e não conseguiram impedir a literatura de cordel do povo de desmentir tal versão falseada. Segundo Santos (2016; p.161):

Toda crítica cultural deve também partir de uma cultura da linguagem: quem nomeou isso é/ou aquilo e sob que condições? Como esvaziar os significados transcendentais e conferir sentido ao mundo de acordo com a nossa potência de renomeá-lo, poetizá-lo? O peso do mundo não deve ficar nem com os camelos, pois esse peso é só uma palavra e seus fantasmas.

Neste sentido, umas críticas culturais pressupõem os clássicos e refaz a pesquisa. O que tentou, por exemplo, nos sugerir o jornalista Vladimir Herzog, que propôs um scrafund sobre o açude Vaza Barris que encobriu e tentou apagar os vestígios da Cidade de Belo Monte, tentando impedir que as gerações futuras pudessem reler o massacre de Canudos, submersos pelas águas da Ditadura Militar de 1964, uma das maiores agressões à História do Povo Brasileiro Ou podemos encontrar na obra de Paulo Eduardo Zanettin (1996) “Por uma Arqueologia de Canudos e dos Brasileiros Ilustrados”, onde ele catalogou diversas peças importantes encontradas nas escavações aos sítios arqueológicos de Canudos”. Em uma de suas descobertas, consta um objeto: “uma xícara de chá britânica com o brasão da Coroa Inglesa”, como prova de que os ingleses estiveram em Canudos. Qual o objetivo? Vender armas? Ou orientar os brasileiros como usá-las? Demonstra uma convivência com esse massacre. Assim a pesquisa define muitas informações onde a verdade aparece e se revela.

A Crítica Cultural é uma referência próxima à Revolução Francesa com aparecimento da crítica social, o que não invalida o conhecimento anterior, por exemplo o século XII, onde se dá o surgimento das primeiras universidades na Europa. Com o advento do século XVIII e a revolução industrial, a crítica cultural e a crítica à sociedade emergem com a necessidade de intervenção nos fenômenos sociais. O elemento da produção, os saberes, invenções, as efervescências das ideias com o avanço da modernidade são fundamentais para a elucidação de muitas descobertas e novos paradigmas reconhecem linhas de interpretações que a nova sociedade absorve múltiplas formas de pensar. Segundo Seidel (2008, p.118):

A Escola de Frankfurt pode antes ser designada como um grupo constituído por filósofos, cientistas sociais, cientistas políticos e críticos da cultura, em torno do Institut für Sozialforschung (Instituto de Pesquisas Sociais) da Universidade de Frankfurt, do que propriamente uma escola. Sem entrar aqui em pormenores, poderia servir como indício disso, o fato de que ela é menos conhecida pela proposição de um escopo doutrinário ou de formações teóricas específicas- algo geralmente patente das escolas—, do que pelo desenvolvimento programático de uma teoria crítica da sociedade.

Os frankfurtianos com viés marxista que transformam a filosofia moral em uma crítica social e política. Neste contexto, a teoria crítica é uma perspectiva do *devoir* da totalidade social, um exercício da crítica à ideologia.²⁸ Ideologia surge aqui como uma explicação sistemática ou sistematicamente distorcida da realidade, explicação que serve ou está a serviço da dissimulação e da legitimação de relações de poder assimétricas. Com a intenção de fundir a teoria e a práxis, tendo em vista a emancipação dos sujeitos, a ortopráxis e a ortodoxia, se entranharam em uma racionalidade social, o tripé da revolução francesa: Igualdade, liberdade e fraternidade se tornam um equilíbrio do sonho do iluminismo na vida ideal em comunidade ou um Estado de bem-estar social.

Pensadores como Walter Benjamin (1892-1940), Max Horkheimer (1895-1973), Herbert Marcuse (1898) -1979), Theodor Adorno (1903-1969), Erich Fromm (1900-1980), entre outros alimentaram e alimentam até hoje os debates em três momentos importantes da humanidade. Uma teoria crítica que a partir da experiência de Guerra, onde eclode o Fascismo, Nazismo e governos totalitários eclodem pelo mundo todo, são entendidos com uma exacerbação da razão. Na obra de Adorno/Horkheimer, configura-se a tese de que o iluminismo traz no seu corpo uma contradição, uma *aporia* (raiz do grego “um descaminho”

Na História da Filosofia, há três importantes momentos: Os mitos, o esclarecimento e a técnica onde o ser humano alcança o domínio da natureza. Marilena Chauí, na apresentação ao seu *Cidadania cultural: o direito à cultura*, leva à questão do exercício da crítica cultural para o âmbito da gestão da coisa pública, notadamente, ao fazer uma “diagnose "da constante dificuldade dos dirigentes petistas em relação à cultura" (2006, p. 9), quando exerce a secretaria no Governo da Prefeitura de São Paulo no Governo de Luiza Erundina. Ela exerce uma crítica

²⁸ Termo que se origina dos filósofos franceses do final do século XVIII, conhecidos como "ideólogos", para os quais significava o estudo da origem e da formação das ideias. Posteriormente, em um sentido mais amplo, passou a significar um conjunto de ideias, princípios e valores que refletem uma determinada visão de mundo, orientando uma forma de ação, sobretudo uma prática política. Ex.: ideologia fascista, ideologia de esquerda, a ideologia dos românticos etc.

cultural no contexto em que o exercício de dirigentes da esquerda do Partido dos Trabalhadores com base em textos de Hannah Arendt, Antônio Gramsci, Raymond Williams, sobre as questões culturais no Brasil onde uma intelectualidade tem uma cultura diferente, quando está na militância e quando chega ao poder e adota costumes dos padrões das elites.



FIGURA 05 – Caminho da Santa Cruz -Monte Santo BA, “Deus e o Diabo na Terra do Sol” Filmagem de Glauber Rocha, Cinema Novo.

Sobre a imagem acima, destaco a função revolucionária do movimento cultural, o Cinema Novo, do cineasta Glauber Rocha e Rui Guerra, que utilizou a arte cinematográfica como objeto de reflexão e transformação social, ou como instrumento de prática “política” no campo cultural. Essa revolução realizada pelo Cinema Novo como um movimento sócio cultural buscou um novo modo de produção cinematográfica em oposição ao modelo hollywoodiano que dominava, de forma colonialista, o espaço da arte na época. Em 1936, o filósofo alemão Walter Benjamin, um dos fundadores da Escola de Frankfurt ou conhecida como Teoria crítica, de orientação marxista, estudava as relações entre arte e sociedade na era das reproduções técnicas, ressalta a função revolucionária do cinema – onde a técnica e a arte se encontravam de maneira positiva – na sua relação com as massas. O encontro de Glauber Rocha, ao filmar na cidade de Monte Santo -BA, “*Deus e o diabo na terra do sol*”, inspirado no movimento cinematográfico neo-realista italiano e outros movimentos vanguardistas surgidos na Europa pós-guerra, abraça a técnica cinematográfica como meio para refletir e, possivelmente, transformar as relações de poder e, conseqüentemente, a realidade sócio-política nos países colonizados da América Latina. O cinema novo foi uma arte de guerra, e um movimento de resistência que fundamenta a luta no Brasil e no Mundo.

CAPÍTULO II

2. UM CONCEITO DE LITERATURA, NARRATIVA, DIONISÍACO, MEMÓRIA E SUBALTERNOS

Uma definição primorosa de Literatura está na obra de Aristóteles: “*A poética*” ou “ποιητικός” (“poiitíkos”) ; “arte da imitação” (mímese) em Grego:” arte de imitar”, congênito no homem onde difere de todos os viventes, ele é o mais imitador. Por imitação aprende as primeiras lições, o homem se compraz do imitado, a arte é uma recriação. A literatura é um espaço em que não devemos aceitar a rigidez de regras, exceder sem medo de punição, construir um mundo sem fronteiras, a ficção faz parte dessa realidade como afirma August Wilhelm (1767).²⁹

A literatura é uma arte e deve ser encarada como arte, expressa a felicidade da sociedade, uma linguagem carregada de significados, expressa uma transfiguração do real. Para Aristóteles, na Poética, raiz da literatura helênica, a tragédia é acompanhada de um enredo e de um desfecho, os elementos que compõem os fatos passados fora da peça e alguns que se encontram dentro, formam o enredo. O princípio da tragédia que vai até o fim do enredo pode levar à felicidade ou um desfecho inesperado. Segundo Aristóteles (2000; p.59):

São quantos tipos de tragédia, pois esse é o número de suas partes, como já mencionamos: A complexa, composta inteiramente de peripécia e reconhecimento; a catastrófica, como as de Ajax e as de Íxion; a de caracteres, como as Ftíotidas e Peleu; as episódicas, como as Filhas de Fórcis, Prometeu e as acontecidas no Hades³⁰.

O filósofo aconselha aos poetas a abraçarem o máximo possível de todos os tipos ou escolherem os mais importantes em maior número, considerando as críticas que, atualmente, são expostas. O teatro para os gregos é uma forma de vida, onde a vida se revela a base da poética e o surgimento da literatura universal. A experiência de Homero com *a Odisséia*, em a volta do guerreiro Odisseu (Ulisses) para os braços de sua amada Penélope, e o retornar implica a volta do Rei e seu destino, após enfrentar a fúria de Poseidon num desafio, onde seus obstáculos são escolhas entre viver e navegar: A procela, O tufão, a ilha das Ninfas de Calypso, Cilas, as revoltas dos príncipes e traições ao rei de Ítaca, as mensagens da deusa Atenas a

²⁹ Crítico, estudioso alemão, membro do movimento romântico alemão.

³⁰ Na mitologia grega, local para onde iam as almas dos mortos.

Telêmaco, isto sem falar na *Ekklesia*³¹, e no papel do Oráculo³² em conduzir uma palavra que não possuía dono: "quem pede a palavra" segura o bastão. Uma ilha conduzida sem rei, apenas uma assembleia. Canudos não tinha prefeito, vereadores, juizes, mas era um Estado conduzido pelo beato Antônio Conselheiro e seu séquito, com seus ajudantes de ordens, seus soldados, era um Estado beligerante. A saga mais próxima da história de Canudos é a obra de Homero.

Canudos é um fenômeno de uma epopeia em todo o seu cenário de Guerra e sua literatura, reflete uma riqueza incomensurável, a tragédia com um enredo fabuloso têm atraído dezenas de literaturas escritas e a escrever em forma de relatos, enredos, peças, filmes, livros, feiras literárias, novelas a exemplo de "*A Guerra do fim do mundo*" de Mario Vargas Llosa. Quando Aristóteles cita o Hades na *Poética*, em Canudos temos o "Vale da Morte", ou "Alto da degola", enfim um teatro que na opinião do escritor Salman Rushdie chamar de "Uma tragédia moderna em grandes dimensões" (The New Republic descrito por Vargas Llosa).

Ao construir sobre as narrativas de utopias e mitos de fundação, a ideia de um país agrário, com uma unidade nacional forçada de forma folclórica, numa tentativa equivocada de unidade racial, fruto de uma malograda teoria da harmonia racial, empreende e alimenta um nacionalismo o Brasil, propagado como paraíso tropical de lindas florestas, belas montanhas, rios e cachoeiras, frutas e flores coloridas todo um véu para esconder o massacre e extermínio dos povos indígenas ontem e hoje ainda se repete. A escravidão negra que contrabandeou africanos para trabalhos forçados nas lavouras de cacau, cana de açúcar, fumo, café e minérios, ainda tenta encobrir as rebeliões sufocadas, de forma violenta e colonialista, em todo país, em quase todas as províncias, onde a guerra de Canudos não pode passar como uma tragédia esquecida e isolada. Segundo Calasans (1997 p.85),

Canudos ou Belo Monte teria sido, em curto prazo, o maior movimento messiânico da História do Brasil. O fenômeno padre Cícero, reunindo uma grande população em Juazeiro, criando na alma do povo maiores raízes, desenvolveu-se durante mais dilatado espaço de tempo. No arraial do Vaza-Barris, porém, os fatos se sucederam apressadamente e a migração de caráter messiânico para ali encaminhada criou problemas muito sérios de segurança, de higiene, de nuclearmente humano, de abastecimento.

A experiência de Canudos, antes mesmo de nascer, já sofria com a pressão dos políticos da região, a exemplo do Barão de Jeremoabo que controlava uma capitania hereditária de território (o território vai das margens do Itapicuru, na divisa hoje com Sergipe à praia dos

³¹ Assembleia em grego

³² Mediador das assembleias do povo na Ágora (praça pública em forma de anfiteatro)

Garcez, em Jaguaripe, no Recôncavo da Bahia, onde hoje são herdeiros seus parentes diretos com o banqueiro Daniel Dantas Tourinho. Ele vigiava Canudos bem de perto, passando informações preciosas para a República, às vezes, em forma de artigos em jornais da capital. Segundo Santos (2016; p.107):

Se a literatura é uma arte da palavra, então as propostas da Comuna têm tudo a ver com ela. Fiquemos com dois exemplos extemporâneos: Os sertões,⁶ de Euclides da Cunha, e as flores do mal, de Charles Baudelaire.⁷ Em Euclides, o povo do sertão e sua luta toma a obra de assalto, mesmo contra a vontade do escritor e seu aprisionamento formal e ideológico. Em Baudelaire, não caberia apenas uma crítica ao Estado e suas noções e práticas de política pública para as artes, mas assumir o fetichismo da mercadoria, mudar o uso do texto literário, apostando no seu estranhamento, no choque e no corte, como condição de enfrentamento do capitalismo, em sua fase superior e imperialista.

O que foi Canudos? Contou o Barão de Jeremoabo, num artigo publicado no *Jornal de Notícias* (4 de março de 1897) que, após a abolição, grande parte da mão de obra das fazendas deixou as propriedades, onde trabalhava e foi para a companhia do Santo Conselheiro, causando, diz o articulista, grande prejuízo aos seus antigos senhores. No livro de batizados da freguesia do Cumbe, registrando batismos realizados em outubro de 1896, poucos dias antes do início do sangrento conflito, é quase tudo gente “parda”, talvez filhos de ex-escravos. Quanto à presença de “caboclos”, descendentes de índios, há igualmente documentação convincente. Segundo Calasans (1997, p.85):

Acreditando nos milagres do Bom Jesus, mais anunciados pelos seus partidários do que por ele próprio, muito preocupado em assegurar que não era Deus, mas sim um peregrino, um miserável pecador, milhares de brasileiros, pobres e remediados, homens e mulheres, velhos e meninos, brancos, índios, negros, mestiços deixaram suas terras, abandonaram seus bens, afastaram-se dos seus parentes, dos seus compadres e afilhados e foram viver, matar e morrer num longínquo chão sertanejo, numa fazenda de criar em decadência, rapidamente transformada num verdadeiro centro humano, num autêntico formigueiro de gente. Os casebres desalinhados, surgidos da noite para o dia, diariamente numa média de doze, em certa fase, formavam um intrincado de ruelas, uma mistura de quintais e portas de frente, onde se foram localizar milhares de seres humanos na esperança de melhores dias, que chegariam, certamente, com a volta do Príncipe, anunciada nas profecias de frei Vital, confirmada pela palavra oracular do Conselheiro.

As narrativas de uma história centenária é muito difícil poder entrevistar os sobreviventes ou pessoas que viveram o episódio, o tempo é cruel com a vida humana, os sobreviventes de Canudos, os que mais alcançaram a longevidade chegavam a 90 e poucos anos e, a muito custo e sofrimento. Calasans teve a sorte de viver em um tempo possível de escutar

filhos e netos de conselheiristas, que hoje são herdeiros desta tradição. Em uma aula e diálogo, conseguimos registrar em uma escuta sensível de “Dona Duru”, filha de Pedrão, que ainda está viva em Canudos.

As narrativas, tal qual os lugares da memória, são instrumentos importantes de preservação e transmissão das heranças indenitárias e das tradições. As narrativas oferecem suportes das identidades coletivas e do reconhecimento do homem como ser no mundo. É por meio das narrativas que se pode construir uma ideia do que foi vivido no passado. E tudo isto se desfaz quando essa não já constituída, foi destruída pela brutalidade e barbárie do colonizador. A formação do povo brasileiro, na teoria defendida por Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, sugere uma teoria das três raças, referindo-se à Casa grande e Senzala, expressa uma teoria da harmonia como se a formação do povo brasileiro fosse uma perfeição sem disputas, guerras, conflitos, revoltas ou qualquer resistência. Neste sentido, a contribuição de muitos pesquisadores desfaz essa imagem.

Em “*O nascimento da tragédia*”, obra de 1872, Nietzsche mostra uma civilização Grega que antecede a Sócrates, pré-socráticos-socráticos, naturalistas, todos buscando um sentido trágico, a vida em demasia e extasia, pessoas que enfrentam o destino e eleva os valores vitais: “A arte trágica é corajoso e sublime, sim a vida”. Ele se refere à arte trágica, encontrar o segredo dos gregos no espírito de Dionísio, a imagem da força do instinto e da saúde, embriaguez, sensibilidade, uma humanidade em plenitude com a natureza. E, ao teorizar sobre o dionisíaco, ele complementa o apolíneo que é a medida, sentido de moderação, equilíbrio e disciplina.

A descrição de arte, em Nietzsche, está vinculada ao apolíneo e dionisíaco, o encontro desta dicotomia de identidade se dá em razão do tempo de decadência. O que forneceu a Antônio Conselheiro, em sua jornada, arrebanhar tanta gente foi a decadência e ausência do Estado que não alcançava os sertões e, quando alcançava, era com migalhas.

Se Apolo representa a ponderação, o equilíbrio, a disciplina ou o autodomínio, é um deus estrangeiro, misterioso. Dionísio é o deus da música, representa a ruptura a desmesura, o rompimento das fronteiras, uma potência da força orgástica de ruptura total das inibições. Apolo é o onírico, há um abismo entre os dois, Dionísio, filho de Zeus e Perséfone, sua amante, foi perseguido por Hera. Nos mitos Gregos, conta-se que foi, muitas vezes, capturado e despedaçado, mas renasce inúmeras vezes seu dom é a metamorfose, onde cultiva inúmeros fases, por isso, é para Nietzsche um personagem conceitual para a sua filosofia.

Apolo também admira a música, mas com diferença abissal, considerado perigoso Dionísio carrega, em si, o excesso, o êxtase e a vertigem. O culto a ele, na Grécia, era regado

a vinho e orgias, um representante descomunal da força da natureza. Podemos comparar com os moradores de Belo Monte, são piedosos, silenciados, mas na hora da Guerra são terríveis, matam e empalam os inimigos, festejam com muita cachaça e forró, sem nenhum arrependimento ou cerimônia.

Para Dionísio, sem um começo e nem fim, tudo pode vir a ser, nascer e morrer, é diferente da forma de ver o mundo. Enquanto Apolo representa a dor do crescimento, dor necessária, a dor bem-vinda. Dionísio é a dor despedaçar, a dor pura, o mundo é falso e cruel, não existe um lugar reservado no universo para nós.

A memória, por sua vez, é um tema recorrente e um instrumento poderoso na literatura. Ela pode ser individual ou coletiva, atuando como um elo entre o passado e o presente. As narrativas, baseadas na memória, frequentemente revisitam eventos para reinterpretá-los, revelando como as lembranças moldam identidades e realidades. A memória literária também contribui para a preservação cultural e histórica de um povo.

O espaço da memória é, muitas vezes, tomado pelo avanço do progresso e o desenvolvimento tecnológico, a história de Canudos não se manteria, se não fosse registrada em obras literárias, peças teatrais, filmes, novelas, músicas, poemas, cordel, quadrinhos, desenhos, obras de artes, feiras literárias, mas a existência de museu, parque temático e preservado como é o caso da UNEB e o Campus Avançado de Canudos, mas o fundamental é a obra de Euclides da Cunha, José Calasans, José Aras, Mário Vargas Llosa, e tantos outros pesquisadores Brasil e mundo afora. Segundo Nora (1993, p. 15):

Assim a materialização da memória, em poucos anos, dilatou-se prodigiosamente, desacelerou-se, democratizou-se. Nos tempos clássicos, os três grandes produtores de arquivos reduziam-se às grandes famílias, a Igreja, e o Estado. Quem não se crê autorizado hoje a consignar suas lembranças, a escrever suas memórias, não somente os pequenos atores da história, como também os testemunhos desses atores, sua esposa e seu médico? {...} A liquidação da memória foi soldada por uma vontade geral do registro.

Até os dias atuais, encontramos boa parte dos registros da história, em sacristias das velhas igrejas em livros de tombo, batistérios, são memórias valiosas que representam o poder de guardar estes arquivos. São estes arquivos que têm servido todos estes anos ao Estado ou a pessoas, quando querem reconstituir as suas histórias de vida. Quando pisei em Canudos pela primeira vez, em 1991, fui conhecer o local da Guerra de Canudos. Ao pisar lá, encontrávamos peças de artilharias no chão enferrujadas, cartuchos de soldados. Eu recolhi e entreguei em

mãos do Professor Dr. Luiz Paulo Neiva que era o curador do Parque Estadual de Canudos. Hoje está tudo organizado em espaços apropriados.

Pudemos relacionar isso a grupos que são marginalizados pela sociedade, excluídos das estruturas de poder e silenciados. Na literatura, o modo de vida e a experiência desse grupo social busca dar visibilidade, questionando a hegemonia de narrativas impostas e promovendo reflexões críticas sobre essa exclusão e desigualdade social. Pesquisadores e autores têm buscado meios para que essas vozes sejam ouvidas e gerem uma literatura de resistência. José Calasans, ao optar por uma história oral, ouvindo o povo de Canudos e região, constrói uma história de não heróis ou vultos sociais e consegue mostrar ao mundo a história com outro viés. Segundo Santos (2016; p.22-23):

Se, onde quer que haja um tentáculo do capital, há aí, também, um signo religioso comercializando uma passagem do oprimido para o outro mundo, o das mil maravilhas, além disso, uma multiplicidade de déspotas atuando com e acima da lei para inviabilizarem o direito de se afirmar a vida e sua sociabilidade, outra fissura da “falha geológica” – após a Queda do Muro de Berlim e a Derrocada do Bloco Soviético – foi a de não se terem colocado as religiões no rol das produções ou invenções culturais. Se a existência precede à essência, então a essência, para significar a potência do humano na sua relação com forças especiais e para além dele, é uma construção cultural semiologicamente representada.

A expressão de um povo curvado diante do mando de um Senhor, reflete o limite da marginalização de um grupo. Não tem vez, nem voz, e isto é uma referência ou condição de silenciado. Quando aqui no Brasil atracavam as caravelas dos colonizadores, eles sempre almejavam essa condição para os nativos e os verdadeiros donos da terra. Primeiro, veio a escravidão indígena, depois os negros trazidos da África em navios negreiros (semelhante as galés romanas), em seguida, qualquer povo que não possuía poder. Segundo Santos (2016; p.58-59):

No lugar da proposição “o subalterno não fala”, apresentamos uma proposição paralela: ele falaria se fosse um proletário (pois defende que nem todo marginal é subalterno), iluminado por uma minoria revolucionária portadora de uma teoria da luta de classes (os detentores de uma teoria da ideologia: hegelianos e marxistas), e que, através de suas organizações de classe (sindicatos, partidos, Estados e suas correias de transmissão), não só interpretasse os simulacros que envolvem a mercantilização da vida e das coisas, mas também transformasse essa falsa realidade, ou realidade fetichizada, a favor de uma socialização da riqueza para aqueles que, de fato, a produzem: a classe trabalhadora. Apenas a partir de uma politizada interpretação das leis, implicadas nos embates envolvendo a “divisão internacional do trabalho”, é possível fazer os detentores dos meios de produção ouvirem sua voz e reivindicações.

A expressão “subalternos” sempre é usada para uma condição de etnia, casta, idade, gênero, trabalho, sendo usada para referir-se a vários momentos da história. Em Roma, “*domus*”; no nordeste do Brasil, “senhor” ou “iô” ou “sinhazinha”, “patrão”, “coroné”. Gramsci, em 1974, usou o termo “O subalterno” como uma categoria desprovida de poder e desprovidos de voz ao se referir ao proletariado, mas em 1985 uma filósofa indiana Gayatri Chakravorty Spivak popularizou o termo, de forma internacional, com seu livro “*Pode o subalterno falar?*” Em referência à Índia que, apesar da modernidade no corpo da família, moral, comportamento ainda requer uma reflexão profunda sobre ser subalterno, Segundo Chedid, Y. D., & Hemais, M. W.:(2022, p.04):

Além de serem silenciadas pelo imperialismo europeu, as mulheres não possuíam o direito de voz, sem mesmo quando são confrontadas com suas tradições, (...) (não sendo) possível encontrar propriamente as vozes das viúvas e suas perspectivas.

Spivak (2010) refere-se sobre a prática de sacrifício das mulheres viúvas na Índia, conhecida como “*SATI*”³³, o processo de imolação das viúvas, junto às piras de corpos de seus falecidos maridos. Nesta condição, são duplamente silenciadas uma vez pelo ritual e, por outra, por precisar de homens da elite indiana e os colonizadores que impediam a cerimônia no século passado. Como um gesto de salvadores das “mulheres marrons dos homens marrons”. Ao descrever como uma das camadas mais baixas da sociedade, “salvá-las” de uma classe não seria um gesto de auto piedade apenas, mas não dar a elas acesso às representações. Segundo Carvalho (2024; p.01):

A prática parece ter se difundido em especial nas províncias do Rajastão e de Bengala ao longo dos séculos XVIII e XIX durante a colonização britânica, que criminalizou essa prática em 1829 com a lei de Bentinck. Ela foi atenuada em 1837 (mas posta em prática em 1862) pelo infame Thomas Macaulay, autor do Código Penal Indiano, que afirmava que a pessoa poderia ser absolvida caso provasse que acendeu a pira por instigação da viúva; da mesma forma, o sati, em vez de ser considerado homicídio, passava a ser julgado como suicídio. Templos eram construídos em homenagem às satis, que acabavam virando locais de peregrinação. Na Índia pós-independente foram contabilizados oficialmente 47 satis, sendo que o último foi o assassinato da jovem Roop Kanwar, de 18 anos, em 1987, que causou grandes discussões e

³³ Índia através do sati (ou suttee), que em sânscrito significa “boa esposa”, mas que se tornou sinônimo do ritual de sacrifício da viúva que se joga na pira crematória do marido morto como uma prova de amor e devoção. É uma prática que foi descrita pela primeira vez em um relato do grego Diodorus Siculus, no século 4 a.C., mas cujas origens são difíceis de serem traçadas. Sua incidência também é irregular, não existindo de modo frequente na história da região até o século XVI, quando passou a ser relatada de modo sensacionalista em relatos de viagens europeus.

protestos no país. Ela ficou casada com seu marido por menos de um ano e enquanto uns disseram que ela foi voluntariamente para a pira funerária, outros contaram que ela fugiu, se escondeu em um celeiro até ser tomada por rapazes, drogada por um médico (que fugiu logo em seguida), vestida com as roupas do casamento e queimada viva diante de um grande público (o sati sempre foi um “espetáculo” mórbido). A família de Kanwar só soube do ocorrido ao ler a notícia nos jornais. As autoridades também foram muito criticadas por terem deixado isso acontecer. ”

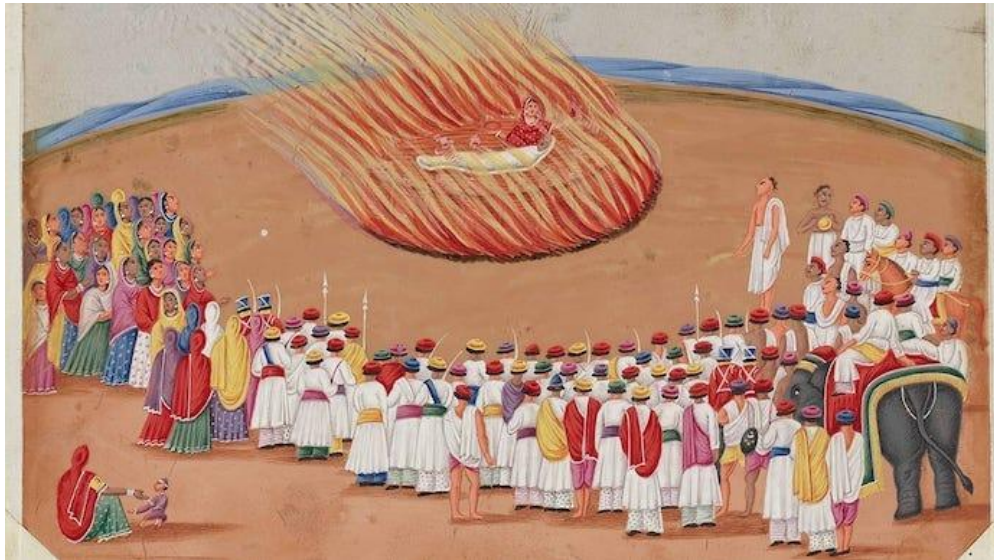


FIGURA 06 - Cena de *sati*, guache indiano do século 19, de autoria desconhecida- foto revista.

Em muitos países, essa reflexão se faz sobre vários estudiosos do termo. Hall (2003) utiliza um termo “construção do outro”, onde as hierarquias não são naturais, são narrativas construídas e reproduzidas. Michel Foucault (1979) intitula de “poder de mapeação” e a subalternidade é a incorporação das relações que alguns grupos sofrem e não possuem autonomia suficiente para se auto referenciar.

2.1. A literatura com apresentação dos sertões, a linguagem e identidade de um povo.

Quando as leituras e releituras de narrativas da realidade da pesquisa acerca da Guerra são reveladas, percebemos que temos que construir a crítica cultural para podermos usar da boa-fé e da coerência com o fato como ele ocorreu em seu contexto. Quando as Obras Os Sertões completam cem anos de existência algo precisa ser dito, neste sentido, as palavras são como labaredas de fogo. Segundo (Zilly 1997, págs.59-87)

A incorporação de *os sertões* aos cânones da literatura nacional e universal se deve relativamente pouco a seu valor documental ou historiográfico. O autor não passou muito tempo no próprio campo de batalha: menos de três semanas

numa guerra que durou onze meses e cujos antecedentes remontam a décadas, senão séculos. Além disso, no tratamento das fontes, Euclides tem um procedimento em geral pouco digno de um historiador. Algumas vezes é até leviano ou irresponsável. Pensemos, por exemplo, naquilo que diz sobre as prédicas do Conselheiro, que comenta obviamente sem as ter lido, como se segue o lema tácito de certos críticos literários: "não li, nem gostei.

O que é a crítica literária e como ela deve proceder? Essa é uma pergunta fundamental nesse debate de ideias sobre o tema. Quando alguém tem a coragem de questionar um clássico pelas razões mais diversas requer autoridade e o pesquisador está credenciado para isto. Só temos a enriquecer de conhecimentos e informações importantes para nossa pesquisa. Ele ainda vaticina sobre a obra *Os Sertões*, quando afirma no mesmo artigo Segundo Zilly (1997, págs.59-87):

Quase todas as informações factuais e muitas de suas avaliações e reflexões encontram-se em outros autores, de modo que se pode dizer, sem exagerar demais, que, inexistindo o livro de Euclides, saberíamos as mesmas coisas sobre a guerra de Canudos. Nada perderíamos em termos de fatos, e muito pouco em termos de hipóteses e conclusões, algumas das quais perfeitamente dispensáveis. Ele não foi o primeiro a escrever um livro sobre Canudos. De certa forma, o autor de *Os sertões* foi uma das últimas testemunhas oculares que escreveram sobre o que presenciaram (Matos Martins, 1997, pp. XI-XVII [a 1ª ed. é de 1898]; Sampaio Neto et al., 1986, pp. 259-423), de modo que sua originalidade dificilmente consistiria na apresentação de novos fatos, mas tampouco consiste na inserção da guerra no arcabouço das teorias evolucionistas sobre as interações entre raça e civilização, seguindo, como anuncia programaticamente na nota preliminar, a visão que Gumplowicz tem da história como luta de raças, e apoiando-se amplamente nas teses de Nina Rodrigues." (Hermann, 1996, pp. 126-50).

A obra de Euclides da Cunha é importante contribuição à história, mas não é a única nem a última, essa realidade temos que encarar como pesquisadores, o universo de informações sobre o Sertão contido na obra reflete a multiplicidade de gêneros literários, as informações fundamentais como o clima, geografia, relevo, árvores e plantas, relatos, poemas, pichações, lendas, depoimentos. Nada escapa ao jornalista e sua percepção, são valores importantes que enriquecem e agrega ao texto valores. Ao reunir a epopeia, lírico e drama, formas básicas de literatura, em um só livro, além de ser investigativa, instiga outros a continuarem a buscar mais dados e informações: "Os sertões são muitos livros em um só", define (Jolles 1976). Segundo Santos (2016; p.38-40):

Manuel Bandeira elege a pobreza como condição do sujeito e método para a forma do poema;²⁹ Mário de Andrade, como manancial de riqueza;³⁰ Oswald, como potência para expropriar os expropriadores;³¹ Drummond questiona se o lugar do poeta e da poesia faz sentido em sociedade dividida;³² Graciliano

estabelece o contraponto entre a voz pobre e partida do iletrado e a oca e perigosa do letrado; Clarice Lispector constrói a poética do descondicionamento da ordem burguesa, lidando com personagens vulgares ou abomináveis tanto para a direita quanto para a esquerda;³³ João Cabral, sem opor severinos e comendadores, faz manifestar a vida em que o retirante vegeta;³⁴ Guimarães Rosa, apropriando-se do imaginário popular, colonizado, ocidentalizado, faz da pobreza uma dramatização do insuportável e condição para superar o naturalizado em mitos e contos populares;³⁵ Adoniram Barbosa cria a imagem de um trabalhador que se orgulha do seu trabalho, ainda que mal remunerado, habitando uma maloca e buscando instituições legais, como forma qualquer de segurança.³⁶ De Machado de Assis à poesia concreta, o funcionamento dessa arte de menos, que expõe, explora e dramatiza a relação entre palavras e coisas, torna visível a manifestação dos funcionários do sistema de opressão e estabelece as condições para oficinas do pensamento com outras estruturas lógicas ou ante estruturas para lógicas.

O Conceito de fala em Saussure³⁴ gerou contendas saudáveis no pensamento e na fortuna saussuriana, o texto como cartas a Meillet^[1] aborda uma transformação nos estudos holísticos sobre a linguagem do século XX. O *Curso de Linguística Geral* de Ferdinand Saussure aparece em seus manuscritos, uma abordagem fenomenológica e cuidadosa sobre os termos Língua e fala e suas diferenças. A “fala”, para Saussure, é uma das suas preocupações desde o começo de suas primeiras elaborações. Segundo Santos (2016; p.100):

E se fizermos uma arqueologia da descoberta do signo, pela linguística, e sua abertura do significante, pela literatura, em fins de 1870, e acompanharmos sua repercussão nas ciências humanas e suas viradas linguístico-literárias, ao longo do século XX, como pensar a teologia e a matemática apenas como formas discursivas? E, sendo formas discursivas, quais têm sido o seu lugar nas práticas institucionais e na corrida armamentista? Seria possível, ao gênero humano e seu espírito belicoso, discernir em meio à guerra os ruídos sutis de seu próprio canto ou do canto de um outro homem por vir? Pois é assim que Benveniste anuncia”.

O Mémoire,³⁵ escrito por ele em uma formação em Leipzig e publicado em 1878, marca sua entrada no meio acadêmico, abordando uma distinção entre língua e fala e o sistema da língua. Há destaques entre diversos estudiosos como Louis Hjelmslev, que considera as duas expressões como tese primordial da Gramática de Linguística Geral ao perceber a distinção mais tarde na Lituânia entre “estudo histórico “ e “fisiológico”, seja cronológico ou,

³⁴ Três anos após a morte de Saussure aparecia o Cours de linguistique générale, redigido por Bally e Séchehaye segundo notas dos estudantes. Em 1916, no meio do retinir das armas, quem poderia preocupar-se com um trabalho de linguística? Nunca foi mais verdadeira a palavra de Nietzsche de que os grandes acontecimentos chegam sobre patas de pombo. (Santos 2016; p.100).

³⁵ Louis Trolle Hjelmslev refere-se ao seu conceito de "memória coletiva" ou "memória social", que é central em sua teoria linguística e semiótica. Hjelmslev via a linguagem não apenas como um sistema de comunicação, mas como um sistema de significação que armazena e transmite o conhecimento e a experiência de uma sociedade.

teoricamente, vai afetar todos as suas outras elaborações.

Os estudos em Gramática Comparada de autoria de Franz Bopp surgiram no século passado, fizeram parte da Alemanha no Século XX, referências obrigatórias em formação em Linguística. A língua se apoiava fortemente numa definição de fonética que era o centro dessas mudanças. Essa tese de reflexão sustentada por Franz Bopp e August Schleicher, para eles, a língua ia se degradando constantemente por uma lei de menor esforço. Segundo Ducrot^[5] (1971:49), “Daí resulta que os falares atuais, e, já em grande medida os da antiguidade greco-latina, seriam só ruínas”, trata-se de uma ciência evolucionista e naturalista, pelo viés empírico e assim nota-se a perda e a importância e sustentação destas línguas.

Hoje o Latim é pouco falado, considerado como língua morta, conceito que discordo, pois é muito utilizada de forma solene e ritual, falada por clérigos e juristas renomados mesmo que, em poucas sentenças, ainda assim é estudada na academia e tem enorme importância na tradução de documentos históricos e revelados. As pronúncias eslavas, anglo-saxônicas, balcânicas, latinas demonstram os percursos da fala e da linguagem, expressando enormes cismas linguísticos, uns em menores ou maiores sonoridades, por vezes poéticas, por vezes frias com veios de sonoridade cultural e de identidade.

O Livro Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure é um marco na fundação e existência da Linguística que é uma ciência no sentido moderno do termo. Uma crítica à exclusão da fala do domínio da linguística se caracteriza por processos fisiológicos e físicos, nas representações do significado e significante do que cita Saussure um processo: ” puramente psíquico”. Já na expressão, o psíquico representa o significante e a fala, o signo. Nestes termos, segundo Saussure (2012:141) ”tudo quanto seja diacrônico na língua não é senão pela fala”. A língua é um sistema de signos.

Na publicação do Manuscrito “*Trois premières conférences à l'Université*[6]” escrito em novembro de 1891, reconhece a preocupação de Saussure em distinguir língua, linguagem e fala. A fala nos Manuscritos traz uma das características das três primeiras conferências em que busca distinguir língua, linguagem e fala; também acrescenta aos conceitos: consciente e inconsciente; considera a fala como fato empírico, o que aparece a fala nos manuscritos como sendo a expressão: “De l’essence double du langage[7]” (última década, séc. XIX). Neste contexto, insere-se cinco ou seis verdades sobre a língua como sistema; elementos diferenciais da língua e realidade negativa. São conceitos como: sincronia e diacronia; significante e significado; signo e língua. Segundo Silveira (2013, p. 55), “... o som por si só não dará uma resposta às pesquisas sobre as mudanças linguísticas. As características fisiológicas e físicas do

elemento suscetível à mudança precisam ser submetidas à relação com os outros elementos da palavra para que se entenda a mudança”.

A língua em *Mémoire*[8] é conceituado como objeto da linguística. A Obra de Saussure é imensa na grandeza intelectual, requer uma leitura mais paciente e dedicada. O Projeto Semiológico da fortuna de Saussure explica princípios centrais na construção do objeto língua - como o da arbitrariedade do signo e do valor - também fundamentais para o estudo das linguagens e, portanto, para os estudos semiológicos. Saussure indica "duas dimensões no estudo da Semiologia: a do sistema e a do processo" (p.105). A partir de então, estabelece diálogos entre o projeto semiológico saussuriano que se depreende do CLG, o pensamento de Hjelmslev e teóricos que, de certa maneira, dão continuidade a esse projeto, concluindo que "Barthes e Greimas só puderam realizar a grande aventura semiológica do século passado depois do Curso de Saussure" (p.110).

Em debate sobre a Teoria do Valor, exposta por Saussure durante o curso que ministrou na Universidade de Genebra em meados do século XX, o estudo tratava de um princípio fundamental para o funcionamento da língua, também da arbitrariedade do signo, a envergadura do significado e do significante em importância para a temática da Língua, linguagem e fala. Segundo Saussure, "... a língua pode ser comparada a uma sinfonia, cuja realidade independe da maneira por que é executada; os erros que podem cometer os músicos que a executam não comprometem em nada tal realidade". (SAUSSURE, 1975, p. 26 apud FLORES; NUNES, 2007, p. 202). Para ele, a Língua é um sistema léxico, lógico e gramatical, que existe potencialmente na consciência das pessoas que falam o mesmo idioma. Um sistema que se comunica por verbos, com signos que reúne, em torno de si, uma comunidade de falantes.

Para BARTHES (2020), o significado e o significante representam, na teoria lógica de Saussure, os componentes dos signos e contêm diferentes significados seja da Teologia a Medicina, em variados sentidos, o que confere uma história muito rica seja no Evangelho, em sua exegese, ou na configuração da cibernética e tecnologia de ponta. Para SAUSSURE (2009), "A Teoria do valor é importante só no eixo da teorização em Saussure, mas sobretudo busca de modo fundamental por respostas acerca da natureza da língua". O reconhecimento que aparece, mais do que em qualquer outro lugar nesse controle, é o valor linguístico. "O Curso de Linguística Geral trata de questões cruciais que se presume falar da ordem própria da língua" Silveira (2009 p.48).

A Natureza da língua ou, como afirma Hegel, a natureza enquanto consciência como atributo da formulação do pensamento e objeto que produz pensamento, "dar a pensar",

constitui a identidade do SER, enquanto ser. A língua é também um elemento de soberania insubstituível, perder a língua ou destruir, apagar uma língua de um povo é uma forma sutil de eliminação, é um genocídio. Sem língua própria, este povo passa da liberdade à dominação e, sem o controle absoluto da gramática, pronúncia, entendimento, códigos, um povo quando perde a língua *mater*, não se reconhece. Para Saussure, a Hierarquia existe: Língua X Fala. E afirma: “Existe, pois, interdependência da língua e da fala: aquela é ao mesmo tempo o instrumento e o produto desta. Tudo isso, porém, não impede que elas sejam duas coisas absolutamente distintas” Saussure (2012, p. 51 *apud* Silveira, (2013, p. 51).

A linguagem e fala para Barthes (2020) é central em Saussure, revela uma novidade na Linguística anterior, a linguagem para Barthes é parte do físico, fisiológico, psíquico, individual e social. “A língua é a linguagem, menos a fala” o processo de comunicação já é língua, só há ciência de língua. Neste sentido, segundo Silveira: “Um dos motivos para publicar outras notas, de outros alunos de Saussure, após a publicação do CLG, tem relação diretamente com o conceito de fala.” Silveira (2013, p. 52).

Por entender o conceito de fala como uma *POESIS/ΠΟΕΣΙΣ* [9] um dos pensadores que mais ampliou a discussão sobre as teses de Saussure pela Rússia foi Roman Jakobson[10], ao tratar das conferências científicas e suas cartografias, tem na poética referência para tratar fundamentalmente do problema: Que faz de uma mensagem verbal um olhar da arte? Neste sentido, o objeto principal da poética é o campo da fala, linguagem, as diferenças específicas entre a arte verbal e as outras artes, espécies de condutas verbais onde cabe o lugar dos estudos literários. A linguística ocupa um lugar, nos estudos literários, como ciência global da estrutura verbal.

O fazer, ou *tekno no grego*, que é parte da extensão do pensamento do SER ao produzir cultura, toda extensão é produção de existência e de cultura. Muitos traços (semióticos) pertencem não menos à ciência da linguagem, mas toda teoria dos signos, vale dizer, à semiótica geral. Esta afirmativa vale tanto para a arte verbal, como para todas as variedades de linguagem. A linguagem compartilha muitas propriedades como alguns outros sistemas de signos, ou mesmo com todos esses traços pan-semióticos. A poética se confirma a arte verbal, presente na Odisseia, ou *Iliadas*, nas viagens e guerras de Ulisses como a Guerra de Troia, a volta do Guerreiro que foi transformada em quadrinhos com certos traços estruturais de enredo é preservada, malgrado o desenvolvimento de sua configuração global. A história da Guerra de Canudos no Sertão da Bahia, há mais de um século, também virou quadrinhos, é uma outra forma de leitura e linguagem sem perder a essência e não macular o fato histórico, mas sim

chegar até às novas gerações de forma de comunicação.

É um erro pensar que a poética, em contraposição à linguística, se acusa de julgamentos de valores, é um equívoco entre a estrutura da poesia e estrutura verbal, a designação de “crítico literário” aplicada a um investigador de literatura, é tão errônea quanto seria de crítico gramatical (ou de léxico) aplicado a um linguista. Segundo Jakobson (1974, p.120), “Infelizmente, a confusão terminológica de “estudos literários” com “crítica “induz o estudioso de literatura a substituir a descrição dos valores intrínsecos de uma obra literária por um veredito subjetivo. Censório.” A poesia é o único domínio em que o simbolismo se faz sentir e as palavras semelhantes se aproximam do seu significado. O exemplo de um missionário que censurou um rebanho africano por andar despido. As ovelhas responderam: “ E o senhor”, respondem os nativos e apontam para o rosto; “Não anda despido em alguma parte? Ele, envergonhado, respondeu: “Mas é o rosto”. Responde os nativos: “Pois bem, conosco tudo é rosto”. Assim também em poesia qualquer elemento verbal se converte numa figura do discurso poético.

Ao se construir uma relação entre o estruturalismo linguístico, modelo que foi proposto por Saussure, confunde-se com o círculo de Praga (Hoje República Checa) em 1928, e o I congresso realizado em Haia (Holanda -Países Baixos), onde aparece a expressão autonomia linguística Para JAKOBSON (1974), sua autonomia como ciência não a isola de outras áreas do conhecimento, a linguística em suas relações com outras ciências estabelece um quadro de cultura, ele considera a cooperação interdisciplinar como ponto de partida para uma ordenação das ciência humanas.

Um dos elementos que marcam a história de um povo é sua cultura da fala, “o lugar da fala”, sempre retratado na história tradicional na perspectiva do herói, do dominador, do colonizador, da autoridade de poder, poder de mando. Mesmo sofrendo toda violência do Estado, da mídia escrita da época *vide* jornais e folhetins, da fala do poder militar, fala de ódio de intolerância política, religiosa e civil, Canudos não se envergonhou de obedecer a todo um discurso reproduzido de boca em boca, contra uma comunidade de aproximadamente 25 mil pessoas ou mais no sertão da Bahia, conduzido por Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como “Antônio Conselheiro.

Ocorreu uma Guerra entre irmãos no interior do Nordeste do Brasil, que não começou com o primeiro disparo, mas com as primeiras falas de ódio e calúnias, que de boca em boca foi passando até chegar ao alto comando do País. Como começou toda a contenda, são fatos históricos, para Euclides da Cunha termina com a degola de idosos, mulheres e crianças, mas

para o povo herdeiro do legado de Canudos, a Guerra política até hoje perdura com a dívida histórica da injustiça praticada, jamais reparada. A história oficial insiste em não reconhecer a fala do povo e suas diversas representações e testemunhos de memória e oralidade. Segundo Williams (2008 p.10):

Cultura”. A história e o uso desse termo excepcionalmente complexo podem ser estudados em Kroeber e Kluckhohn (1952) e Williams (1958 e 1976). Começando com a nome de um processo cultural (cultivo) de vegetais (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura (cultivo ativo) da mente humana,

Como um modo de vida de um povo, ou civilização, a fala do povo de Canudos, registrados na literatura de Cunha (1901), Calasans (1977), Aras (2003) e tantos outros historiadores, consta de uma denúncia, por ser Canudos uma comunidade Monarquista que se insurgiu contra a República instaurada no Brasil, estas falas destoava do “Estado”. Nas falas de Antônio Conselheiro, que tinha a Bíblia no seu antigo testamento, ser REI era uma instituição divina, Canudos uma comunidade religiosa terra de profecia e promessa onde “as montanhas de cuscuz e rios de leite”, seria encontrada por uma multidão de famintos que fugia da seca, da fome, da peste e da escravidão dos latifúndios. Uma consigna nesta fala semelhante é “Terra, Pão e paz” e acrescentamos o elemento da fé, era a promessa de uma fala, de um pedaço do paraíso na terra.

A Cultura da religiosidade do povo, conduzida por Antônio Conselheiro, fortalecia a grande multidão de devotos que cumpria um ritual cotidiano de orações e penitências, seguia preceitos e mandamentos da Igreja Católica e Apostólica Romana que, no princípio, começou a aproximar do povo, depois os abandonou à própria sorte e a silenciou diante do grande massacre que viria mais tarde.

Na leitura aguçada de Euclides da Cunha, um escritor e jornalista que vive ao mesmo tempo na época dos autores principais do fato, a exemplo de Antônio Conselheiro e dos políticos, religiosos, autoridades e militares da época.

A sua forma em plena linguagem de jornalista de guerra se torna uma descrição fiel para posteridade o que já foi a mata, o bioma da caatinga no passado e hoje, destruída pelo fogo, erosão e a mão humana. O relato não nega a seca, ou aridez do solo e calor infernal, mas afirma que tem vida e muita vida, sobre esse pedaço de chão. Ao descrever todas as espécies que visualiza, não descreveu todas as espécies que existem, apenas o que foi possível descrever.

Na natureza do discurso poético, qual importância se apresenta e quais conceitos?

Aristóteles responde que são dois conceitos, um é “*mímese*” e a outra “*catarse*”. Platão censurava a “*mímese*” como imitação de coisas fenomênicas, na imitação de eternos paradigmas das ideias, arte torna se cópia da cópia, aparência da aparência que eiva um esgotamento da verdade e desaparece. Aristóteles propõe uma “*mímese artística*”, onde se pode recriar as coisas, uma aparência das coisas e recria as coisas. Segundo Antiseri, Reale (1990; p.220):

A função do poeta não é a de dizer as coisas acontecidas, mas sim as que poderiam acontecer e suas possibilidades, de acordo com a verossimilhança e a necessidade. Com efeito, o historiador e o poeta não diferem pelo fato de que um diz em prosa e o outro em versos (já que a obra de Heródoto, mesmo que fosse em versos, não seria menos história, em versos, do que é sem versos) mas diferem no seguinte: Um diz as coisas acontecidas e as outras aquelas que poderiam acontecer. Por isso, a poesia trata muito mais do universal, ao passo que a história trata do particular. E o universal é o seguinte: que espécie de coisas a que espécie de pessoas acontece de dizer ou fazer segundo verossimilhança ou necessidade, o que a poesia visa, mesmo usando nomes próprios, ao passo que é particular aquilo que Alcebiades fez e o que sofreu.

Enquanto a natureza da arte imita o real, na dimensão do possível a sua finalidade é purificação das paixões, ao se referir à tragédia. A Guerra de Canudos foi possível e imparável por ser movido por uma grande paixão³⁶: a terra, a fé, ao Sertão, a um Deus, a um novo reino. São muitas as motivações, mas nenhuma delas começou com um “*animus rixae*”, (no latim uma mente de uma briga, ou conflito de multidão) uma grande briga, um crime de ódio, apenas uma guerra pelos impostos, pelo fim da monarquia. Enfim, há várias razões que são abordadas e vão surgindo outras na literatura. Mas a principal paixão foi uma história de resistência.

Sem “*Os Sertões*”, a Guerra de Canudos seria esquecida, no mesmo período muitos movimentos aconteceram, mas o livro de Euclides da Cunha registrou nas memórias da história. O sucesso do livro nos meios intelectuais onde a crítica literária, os historiadores, intelectuais que durante décadas não fizeram pesquisas de maior importância sobre Canudos, reflete como desaparece a nossa história.

O livro revê três formas de buscar a literatura: Epopeia, Drama e Lírico, alguns escritores trabalharam os traços de epopeia e tragédia. “*Os Sertões*” são muitos livros em um só, reflete a unidade de ciência e arte. Ao mergulharmos na literatura, não são apenas ações estéticas, mas uma postura intelectual, a busca da pesquisa sistemática das fontes históricas tem que prezar pela coerência intelectual, quanto às formas de descrevermos os fenômenos

³⁶ Paixão vem de pathos, em grego sofrer.

sobrenaturais, jagunços, notícias falsas como o “matricídio de Antônio Conselheiro (onde foi acusado de matar a mãe e a esposa). A obra de Euclides da Cunha é um drama em cinco atos. A terra, O homem, A luta: I ato, Travessia do Cambaio: II ato, Expedição Moreira César: III ato, Quarta expedição: IV ato, Nova fase da luta, últimos dias: V ato.

No primeiro Ato do Teatro de Guerra, podemos descrever, neste cenário, a terra é o espetáculo, onde é palco cenográfico para os índios, bandeirantes, jesuítas, vaqueiros canadenses, jagunços, soldados. As estratégias são favorecidas pela geografia do terreno, as montanhas servem como fortalezas, a aridez e o sol escaldante é para quem nasceu e cresceu nessa realidade e favorece o morador, como europeu do gelo lutar no deserto da África ou das terras Árabes. O segredo é o drama de uma batalha. Segundo Silva (2024; p. 02):

“O Tenente Manuel
Da Silva Pires Ferreira
Comanda a primeira expedição
Partindo para a trincheira
Com 113 soldados
Essa é a história Verdadeira”

No segundo Ato, o drama de uma batalha com a expedição de Febrônio de Brito, um desastre repetido. Idem Silva (2024; p. 02):

“A Segunda expedição
Comandada por um Major
De nome Febrônio de Brito
Que derramando suor
Viu as baixas acontecendo
E a coisa ficou pior”.

Na segunda expedição
Tava Febrônio de Brito
Militar designado
Para intervir no conflito
Esse fugiu apavorado
Vale frisar esse quesito

Medo temor ou respeito
Quem poderá classificar
Deve correr até hoje
Sem saber por onde entrar
Eita pressa DUNZINFERNO
Será onde ele foi parar? “

O terceiro ato, uma catástrofe a expedição Moreira César um drama em si, uma derrota vergonhosa para o Exército Brasileiro. Não tinham noção do que os aguardavam, mas não

alimentava ilusões de facilidades na vitória ou final do conflito. Conselheiristas carregavam seus camaradas mortos. Afirmava Silva (2024; p.03):

“A terceira expedição
Contra Canudos, organizada
Pelo Governo Federal
Estava assim determinada
Com 1300 soldados
Por Moreira César comandada.

No dia 18 de julho, quarto ano, não houve vitória, mas uma semiderrota. A exaustão, fome, dor já tomavam conta de todos. Segundo Silva (2024; p. 03):

Em 1897,
Na dita quarta incursão
Incendiaram o arraial,
Matando grande população
Degolando os prisioneiros,
Sem dó nem compaixão.

25 mil pessoas
Foi o saldo devastador
A matança banhou o rio
Cocorobó tinge de dor
O Vaza barris recorda
Tanto gemido assustador.

O quinto ato abrange novas fases de lutas, onde o ministro da guerra em pessoa comanda as tropas, destruição das torres da igreja nova de Canudos, símbolo da resistência dos sertanejos. Segundo Silva (2024; p. 10):

“O Conselheiro morreu antes
Daquela Batalha final
Os motivos não se sabem
Quem contará a real
A história daqueles dias
Que nos causou tanto mal?”

A literatura de cordel alimenta a poesia nordestina com a vitalidade que vem da alma do povo humilde, é uma sintonia com lírico, um lamentar e um celebrar da tônica melodia. Em sua obra, Euclides da Cunha utiliza-se de outras artes, além da literatura, o teatro, dentre outras abordagens culturais. Segundo Zilly (1995; p.2):

“Uma obra de arte totalizadora, intersemiótica, ainda que construída apenas

com palavras escritas na intenção de alcançarem uma literatura cientifizada e uma ciência literarizada, ambas com a visualidade e a concretude das artes plásticas e cênicas. Em vez de descrever e narrar diretamente situações e eventos, ele faz uma suposta reprodução verbal de obras plásticas e cênicas representando tais situações e eventos. Euclides encena a história como se nos apresentasse uma peça de teatro ou nos guiasse por uma exposição.”

O teatro é uma arte que suplanta a ação humana, produz um alarde na mente e mexe com intelecto e a emoção. Diante do seu cientificismo e positivismo, o autor de “Os Sertões” não se afasta do barroco e de gêneros literários. A retórica das falas discute narrativas retratadas em uma linguagem descritiva e teatral. Segundo Brandão (1998; pp.213-26).

“*Os sertões*, sua oralidade erudita, sofisticada, altissonante talvez não seja exatamente um traço barroco. A retórica é uma técnica verbal, de caráter pragmático e poético, proveniente da Antiguidade, mas foi no barroco que recebeu configuração especial, requinte e grandiosidade. Influuiu muito nas letras portuguesas e brasileiras, estimulando a tendência ao exagero, às hipérboles, à redundância, ao hermetismo, à sobrecarga de alusões e conotações, à sinonímia rica, ao excesso de epítetos ornamentais, à festa verbal, características estas que são a antítese da sobriedade, objetividade, clareza denotativa da linguagem científica.”

A prosa Euclidiana traz um erudito próximo as prédicas de Antônio Vieira, com um adendo importante, o tom secular e racional, quando cientificiza o discurso ético e jurídico, a retórica belicista, a paródia, e seus relatos próximos à condição de propaganda ou máquina de Guerra. Sobre as prédicas de Antônio Conselheiro não há registros a não ser uma nota de pesquisadores que contempla dúvidas.³⁷ Como Historiógrafo e de uma visão antropológica, Euclides da Cunha, eivado de conhecimento, em muitos detalhes da sua obra, uma escrita fabulosa.

Define nosso caminho histórico. Semeion é um sinal definitivo ou rasto, uma leitura de um país agrário ou aforismo de capas. No final dos anos 50 e início dos anos 60, o Governo Jânio Quadros inicia a criação dos Centro Popular de Cultura (CPC), a identidade nacional (Luta de Classes) ainda que, na perspectiva de uma revolução burguesa, o país estava em ebulição e muitas conspirações começavam de forma subterrâneas, seja nos quartéis ou nas

³⁷ Euclides comenta fontes históricas que não leu: as prédicas do Conselheiro, por exemplo, à p. 249. Aproveita outras sem crédito, reproduz boatos, transcreve diários de soldados que deixa no anonimato, não faz nenhum esforço para preservar documentos, como esses diários, cartas de "jagunços" ou as prédicas do Conselheiro. Parece mais um folclorista pois mostra zelo documental quando reproduz poesia popular, fontes marginais para um historiador profissional da época, mais preocupado com fatos militares, econômicos e políticos. Sobre sua relação com as suas fontes, ver Bernucci (1995). As citações de *Os sertões* se referem à edição crítica elaborada por Galvão (1985).

sedes e escritórios da Central de Inteligência Americana (CIA), que já atuavam no interior do país de forma encoberta. Conforme (CHAUÍ, 2007 p.16):

“Essa construção decorreu da necessidade de resolver três problemas prementes: as lutas populares socialistas, a resistência de grupos tradicionais ameaçados pela modernidade capitalista e o surgimento de um estrato social ou de uma classe intermediária, a pequena burguesia, que aspirava ao aburguesamento e temia a proletarização. Em outras palavras, foi exatamente no momento em que a divisão social e econômica das classes apareceu com toda clareza e ameaçou o capitalismo que este procurou na “ideia nacional” um instrumento unificador da sociedade. Não por acaso, foram os intelectuais pequeno-burgueses, apavorados com o risco de proletarização, que transformaram o patriotismo em nacionalismo quando deram ao “espírito do povo”, encarnado na língua, nas tradições populares ou folclore e na raça (conceito central das ciências sociais do século XIX), os critérios da definição da nacionalidade.”

Acreditavam que era possível uma aliança nacional com a burguesia, quando a burguesia já tinha lado e escolhas, já estava determinado aceitando a tese de golpe e implorando aos militares a tomada do poder, sem avaliar a noção do perigo que representava durante décadas de sofrimento e perseguição, corrupção e autoritarismo.



Figura 07- pelo Beato Antônio Conselheiro pelo pintor Joel Joel Borges é o pintor dos quadros em exposição no Museu do Sertão em Monte Santo- BA.

2.1.1. Cultura popular e a identidade na vida de Canudos.

Compreende-se a história e a escrita como meios de sistematização da experiência humana sobre um suporte material, a partir de desenhos, marcas, traços, tijolos, papiros, pergaminhos, material arqueológico, monumentos, vestuários, memórias que se apropriam do passado. Sobre os três fenômenos da história, elencados por Ricoeur, observa-se o papel do testemunho e para se referir à historiografia, à investigação documental, é o testemunho um sentido extenso da memória. Só existe testemunho, quando existe narrativa, quando alguém na sua individualidade afirma “eu estava lá”, “creiam ou não em mim”. Assim as relações de um testemunho e sua forma de existência, no compromisso de testemunhar de novo, vai afirmando um esclarecer a verdade e trazer à luz, até elaborarmos uma confiança na palavra do outro a um registro documental.

A fase explicativa da história terá consequência no estágio da leitura, e se configura numa racionalidade e uma resposta à questão do “porquê?”. Podemos pensar em poupar a arquitetura explicativa da história, buscando falar mais de compreensão do que explicação, essa explicação histórica pode ser variada à escala de um fenômeno. A respeito da “longa duração” de Braudel, em definição de intervalos de tempo no gênero de micro história, praticado pela escola italiana. Podemos agregar a preservação das memórias comunitárias, onde a história está privada da graça do reconhecimento que constitui a memória uma iluminação. Segundo Ricoeur (2009, p.43),

“A história engloba um horizonte de acontecimentos passados mais amplos do que sua memória, cujo alcance é mais reduzido e pode parecer devorado pelo vasto campo do tempo histórico. Além disso, a história pode introduzir comparações que tendem a relativizar a unicidade e o caráter incomparável de memórias dolorosas.”

A história envolve uma perspectiva de acontecimentos passados mais amplo do que a memória, o alcance é reduzido e pode ser destruído pelo tempo histórico. Isto pode afetar as memórias dolorosas, citada por Ricoeur, ao observar que a memória coletiva não está privada de recursos de representação do passado. Ainda concorrem com outros textos escritos de ficção, dentre eles, adaptações de teatros, trabalhos escritos dos historiadores, quadros, fotos, expressões escritas e filmes, a exemplo de *A Lista de Schindler*, filme de Spielberg que retrata ficção sobre uma passagem do holocausto, sofrido pelos judeus na Segunda Guerra Mundial.

Quando se refere ao esquecimento, não se pode omitir a prática da “amnistia” a partir do decreto promulgado em Atenas em 403 a.C. onde recordava os crimes de infelicidades

praticados pelos partidos gregos, daí o juramento pronunciados pelos cidadãos “ não recordarei as infelicidades” (mnêsikakein - contra memória), é uso comum, em muitas democracias contemporâneas desse termo, esquecimento por imposição onde buscam por diversos motivos a paz social.

Paul Ricoeur propõe uma tomada de consciência, sugere uma desmistificação das suas “ilusões”. Esta consciência e inconsciência do que existe é um elo que se completa, onde o que deve ser percebido é a consciência que não representa a realidade que podemos conhecer. Em síntese, Ricoeur elimina a ideia de consciência e recupera o seu sentido numa hermenêutica em Freud, no seu aporte no lugar da falsidade do *cogito*, do primeiro raciocínio ou, de forma clara, a consciência pretende contra si, a si própria desde o começo.

A Língua foi um elemento de combate do Povo de Canudos, muito bem usada pela fala de Antônio Conselheiro, que não desperdiçava nem uma loa, não economizava no seu palavreado, não poupava a sua voz de profecia, com forte rompante e destemido, convertia os sertanejos por um caminho sem volta: Construir o paraíso na terra! Os modos de ensinar essa linguagem da religiosidade eram jaculatórios e exercícios espirituais que se manifestavam nas falas repetidas de seus seguidores, dentre eles: inofensivos, ou inválidos, mulheres, crianças, seus melhores crentes, velhos alquebrados, doentes, que entoavam versos que, há vinte anos, se reproduzia na linguagem sertaneja: Segundo Cunha (2003; p.121) as manifestações da fé vinham em refrãos como mantras;

“ Do Céu veio uma luz/
Que Jesus Cristo mandou. /
Santo Antônio Aparecido/ dos castigos nos livrou! /

Quem ouvir e não aprender/
Quem souber e não ensinar
/No dia do Juízo/
A sua alma penará!

A Cultura dá ao povo uma força incomensurável para enfrentar a crua e dura realidade do combate. “O inacabado é parte constitutiva do cabedal teórico de Saussure, e o conceito de fala participa dessa construção na sua qualidade de parte do processo de Saussure na constituição da Linguística tal como reconhecemos hoje” SILVEIRA (2013, p. 56).

O Sujeito se faz diferente do “eu”, do ego, da consciência, é o ser reflexivo de todas as pessoas. Já com relação ao conceito de identidade, torna-se pragmática e surge a pergunta: Quem sou eu? Ela não é mais uma coisa pensante, mas um sujeito imerso na temporalidade, como afirma Ricoeur (2004 p. 145):

“Na expressão “eu digo que” o “eu” não figura como um termo lexical do sistema da língua, mas como uma expressão auto referencial pela qual se designa a si mesmo esse que, falando, emprega o pronome pessoal na primeira pessoa do singular dessa forma, ele é usual o si mesmo compreende o contexto de uso.”

A configuração dada ao corpo na sociedade contemporânea, permeada de sentidos e significados de dupla significação, o corpo pode representar apenas uma aparência ou uma leitura de expressão artística, cultural, sexual ou de cunho capitalista.

Avançamos muito na reflexão sobre o empoderamento social, os aspectos da comunicação, podemos hoje vislumbrar um mundo sem fronteiras pela rede mundial de computadores, onde o ser humano hiper conectado, pode intervir de forma virtual, falar de forma virtual, fazer sexo, produzir, criar, sobretudo conviver e, até mesmo se relacionar, porém, não pode esquecer a importância que ainda exerce a literatura e a cultura geral na formação intelectual, da humanidade. Segundo Benjamin (1994, p.06):

“O romance, cujos primórdios remontam à Antiguidade, precisou de centenas de anos para encontrar, na burguesia ascendente, os elementos favoráveis a seu florescimento. Quando esses elementos surgiram, a narrativa começou pouco a pouco a tornar-se arcaica; sem dúvida, ela se apropriou de múltiplas formas, do novo conteúdo, mas não foi determinada verdadeiramente por ele. Por outro lado, verificamos que com a consolidação da burguesia - da qual a imprensa, no alto capitalismo, é um dos instrumentos mais importantes - destacou-se uma forma de comunicação que, por mais antigas que fossem suas origens, nunca havia influenciado decisivamente a forma épica. Agora ela exerce essa influência. Ela é tão estranha à narrativa como o romance, mas é mais ameaçadora e, de resto, provoca uma crise no próprio romance. Essa nova forma de comunicação é a informação”.

Demonstrando numa de suas obras, o narrador afirma a importância da comunicação e informação, na formação de um pensamento ou opinião social. Onde um grande esforço chega a ser empreendido para a compreensão da realidade e conscientização das pessoas sobre a sua própria realidade e o desprezo pela leitura. Segundo Sartre (1997. p. 389) “O Corpo é o instrumento que sou, é minha facticidade de Ser “no-meio-do-mundo” enquanto transcende rumo ao meu ser-no-mundo.” Esta representação configura uma identidade onde o corpo passa a definir a consciência-corpo.

Na Fenomenologia, como se tem repetido, “consciência é sempre consciência de algo”. Consciência pode ser traduzida como corpo, às reações produzidas pelo corpo, à dor, o prazer, o desejo é uma manifestação do ato de consciência. Neste sentido, podemos presumir, portanto, que o sujeito, ao lançar-se no mundo, espanta-se, de modo que o ato consciente se embasa na

experiência cotidiana. Segundo Sartre (1997 p. 397), “O que é gosto de si para o outro, converte-se para mim em carne do outro. A carne é contingência pura da presença. (Saudade) ... O corpo do outro é dado imediatamente a nós como aquilo que o outro é.”

Compreende-se, portanto que o processo de significação não se dá em mundo mecânico e inerte; o mesmo se processa através de uma relação noética, onde o mundo, que se doa à consciência do sujeito como objeto, ao mesmo tempo, o interpela a interpretá-lo, seguindo uma escolha intencional e intersubjetiva. Segundo Husserl, apud Ziles (1994, p.127): “Assim, a fenomenologia deve ser a ciência dos fundamentos e das raízes, ou seja, uma ciência radical, uma ciência dos fundamentos originários... O impulso de investigação das coisas e dos problemas”.

Neste contexto, o mundo é um grande livro que precisa ser hermeneuticamente apreendido: é um discurso e a escola não pode ser vista apenas sob o ponto de vista da instituição, pois esta visão se orienta formalmente por princípios conceituais fechados, sem diferentes possibilidades a serem construídas. É a Cultura, em seus aspectos, na Cultura da fala e linguagem em Saussure. Uma Leitura do “Sertão de Canudos” é uma chave importante para entendermos o processo como a linguística pode nos inserir de forma kenótica[13] na literatura e na compreensão do espaço da interpretação, da Língua e Linguagem.

A identidade do povo de Canudos é traduzido, em muitas escritas, anos depois, com características literárias que possuem, a exemplo de Graciliano Ramos em “Vidas Secas”, sempre narrando em terceira pessoa sobre o cenário da caatinga e a seca. Constitui assim esse povo nômade um panorama que perambula por terra e água, de um canto a outro, como retirantes em busca de comida e um lugar digno para viver.

Ao caminhar sem rumo pelo nordeste afora, as famílias inteiras que são desprovidas de tudo e ainda enfrentam a violência dos “bandos errantes”³⁸ e dos descaminhos que cruzam pela frente. Esse povo não se conforma com a família numerosa e ainda tem os bichos de estimação. Segundo Ramos (2008, p.11) afirma na sua obra que, para matar a fome, tiveram que comer o papagaio da família.

“Ainda na véspera eram seis viventes, contando com o papagaio. Coitado, morrera na areia do rio onde haviam descansado, à beira de uma poça: a fome apertara demais os retirantes e por ali não existia comida. Baleia jantara os pés, a cabeça, os ossos do amigo, e não guardava lembranças disso.”

³⁸ Mao Tsé Tung chama de bandos errantes os cangaceiros e jagunços nordestinos, comparados aos grupos violentos da China pré-revolução cultural.

Esse povo encontra, no Conselheiro, uma palavra de alento espiritual e também alimento, na descrição do nordestino, a linguagem se destaca um povo quieto, falar por “gemidos” e rugidos, e interjeições, expressões monossilábicas. Mesmo essa forma reservada não o impede de ser um povo de uma rica cultura, alegre e poético. E essa descrição de Graciliano Ramos, mesmo anos depois, reflete a realidade da comunidade de Belo Monte.

Considerando essa situação de colonialismo, o aspecto da dominação cultural foi determinante para que os povos originários fossem dizimados e um dos elementos que mais contribuiu foi a imposição de uma Língua Portuguesa. Que segundo Santos (2021. p.19) ”:

“Depois de Fernando Pessoa e a revolução da língua portuguesa, fundar-se-ia potencialmente o direito de cada falante, através dessa língua, decidir por tais e quais heterônimos iriam multiplicar os extremos da subjetivação em busca de outros territórios. ”

Essa forma de dominação não impediu que os povos guardassem seus tesouros linguísticos na oralidade, como os guaranis e centenas de nações indígenas, mantivessem essa resistência linguística. O idioma era uma questão de existência. Os paraguaios mantiveram três línguas oficiais: Português, Espanhol e Guarany; os índios amazônicos, como os Yanomami, falam mais de seis dialetos e idiomas. A língua portuguesa falada no Brasil ainda traz, no conjunto, variantes do francês, espanhol, inglês, com forte controle e submissão. A cultura, nesse aspecto, foi imposta a partir da perspectiva do dominador, o invasor. Segundo Bosi (1978, p.53):

“Distinção entre (a) uma realidade cultural imposta “de cima para baixo”(dos produtores para os consumidores) e (b)uma realidade cultural estruturada a partir das relações internas no coração da sociedade. O este segundo sistema de ideias, imagens, atitudes, valores é que tradicionalmente se dá o nome de cultura popular. ”

O que aconteceu com o mito do descobrimento, senão um processo de enculturação dos povos originários que tinham aqui um sistema perfeito e funcionava com sua língua, religião, governo, cultura da terra, da pesca, da caça e da coleta? Um total destroçar de toda estrutura, um verdadeiro massacre desses povos. Uma destruição de sua identidade que representa um longo tempo de formação, podem ter levado séculos de história, esta identidade é descrita da seguinte maneira. Segundo Hall (2006, p. 38-39):

“A identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente, na consciência no momento do nascimento. Existe algo imaginário ou fantasiado sobre sua

unidade. Ela permanece sempre incompleta, está em processo, sempre sendo formada. Assim em vez de falar de identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la, como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade, que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza, que é preenchida a partir, de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros. ”

2.2. O signo da cultura da violência no sertão.

O que Michel Foucault chama de arqueologia do pensamento, que constituem as ideias dos homens e a história dos homens. A violência, reservada à comunidade de Canudos, tinha que ser respondida, mesmo que em desvantagem. Segundo Arendt (2022, p.10):

“A violência no século XX veio permeada pelo totalitarismo, tanto Stalin quanto Hitler encontraram na violência e na multiplicação de seus meios pela revolução tecnológica (a exemplo da bomba atômica) o seu denominador comum, os campos de concentração e o genocídio. ”

O que é descrito pela escritora Hanna Arendt, os conflitos bélicos, massacre em massa de civis, genocídio, tortura, tipificam as modernas operações militares. (Arendt 2022) “Se a violência é glorificada, o que é esse fenômeno, que Sorel, um dos seus teóricos e analogistas, viu como descuido de obscuridade? ” A Campanha de Canudos foi um exercício de experimentos de novos armamentos do Exército em combate. Havia a tecnologia do início do século, fim da monarquia e início da República, proclamada sem o povo e por marechais e militares, utilizando armas recém-compradas do Exército Britânico em Canudos, rifle, fuzil, metralhadora. “A matadeira”, armas como canhões eram armas de marcas estrangeiras, sendo utilizadas por um bando de esquálidos, mulheres, crianças, idosos, jagunços, crianças. Segundo Arendt (2022, p.20):

“A violência multiplica, com os instrumentos que a tecnologia fornece de maneira cada vez mais exponencial, por isso a forma extrema da violência é “um contra todos” o que surge do cano de uma arma não é poder, mas a sua negação e desse “poder de negação”. Não basta o seu oposto a violência não reconstrói dialeticamente o poder. Paralisa e aniquila. ”

A glorificação da violência em Canudos foi à Guerra, em três versões macabras, mas ela começou antes do primeiro tiro, veio com a imprensa, os boatos, a propaganda, o papel conspiratório da Igreja, a guerra cultural da época, em forma de ódio e difamação, calúnia, mentiras contra o Belo Monte e o Conselheiro. Para conter a violência em um Estado, a medida

mais assertiva de um Governo é combater a imprensa violenta e que produz muito estímulo nas palavras e manchetes. Essa violência reside até hoje nos civis, através do abandono do Estado na Segurança pública das comunidades: Assaltos a bancos e violência nas pequenas cidades, tráfico e cultivo de drogas, roubos de cargas, assaltos a ônibus, morte violentas e, até mesmo, execução sumária de jovens pobres, negros, feminicídios. Uma violência permanente, desenhada na violência da seca, fome, falta de saúde, renda, terra, trabalho. O Estado Brasileiro não ofereceu nada além da violência e da sua ausência na região.

Aos poucos, a democracia fica em frangalhos em anos de negação e começa a ser restaurada, em realidade cíclica de idas e vindas de mudanças de poder, onde políticas públicas são implementadas, como forma de reparação e tentativa de conter o povo a uma nova guerra civil com a vida devastada pela desigualdade social, gritante para recuperar o que foi roubado nos direitos deste povo, sem restauração da sua dignidade. São consideradas políticas compensatórias, escolas governamentais que não distribuem renda, riqueza, lucros, capital, é um cala boca. “O povo vive como uma panela de pressão, a hora que vai explodir, vem o Governo e tira a tampa alivia a pressão”. Afirma dona Ana Conceição, de 72 anos, numa rápida prosa, enquanto vende café na feira de Canudos *às sextas-feiras*, às 05:00 horas da manhã. Segundo Arendt (2022, p.22):

“Ninguém que tenha dedicado a pensar a história política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração essencial, ”

Mesmo após três campanhas em que não obteve “vitória” (porque não foram vitoriosas), não houve vitória do Estado, quando este mata os próprios filhos. Houve massacre, extermínio, degola, estropo, tortura, brasileiros matando brasileiros. Mesmo contente com o extermínio e celebrando a entrada em Canudos, os soldados estavam envergonhados, não havia glória na covardia. Mesmo não contente com a violência, construíram anos depois um açude no Rio Vaza Barris, no açude do Cocorobó, não foi para trazer água, para combater a seca, foi pra apagar a história de Canudos e afogar seus mortos. Para esconder a vergonha da violência do Estado, esse povo se defendeu de uma agressão, tiveram ideários não tão articulados, existiu um massacre. E os massacres podem produzir em população de alto nível de organização ou baixos níveis de organização, Canudos não houve um alto nível de politização, isto fez muita diferença.

A violência faz parte da história do Sertão, seja pela colonização através do massacre e escravidão indígena, escravidão negra, lutas de resistência popular, luta pela terra, contra a fome

e seca e as migrações e êxodos do povo nordestino por melhores condições de vida. Ao construir uma cidade no Sertão da Bahia, ao lado do Rio Vaza Barris, denominado de Arraial do Belo Monte, sob a liderança de um religioso, o Beato Antônio Mendes Maciel, o Antônio Conselheiro, que exercia uma liderança numa terra onde todos os pobres eram acolhidos, ninguém passava fome ou sede. Sobre a bandeira da fé no Bom Jesus, com uma organização comunitária que, em sua estrutura, havia comércio, plantação, criação de animais, grupo de segurança, plantação de alimentos e criação de animais domésticos. Muitos boatos e ecos contra a comunidade começam a aparecer na imprensa, na elite baiana dos coronéis e políticos da região, através de religiosos da alta cúpula da Igreja Católica, e Canudos era um reduto monarquista, cultuava a figura do Império em um país que acabava de proclamar a República.

Foi o suficiente, dentre outros acontecimentos registrados pela história, para começar o processo de perseguição e destruição da experiência popular. A Guerra violenta e desigual contra o povo foi um verdadeiro extermínio. O Estado Maior da Guerra, através do Exército Brasileiro, foi autor desse massacre contra homens, mulheres, idosos e crianças.

Identidade é um substantivo vinculado à nação, possui vários significados, vinculado à Nação, tem relação com o seu povo. Qual o vínculo de identidade possui o povo brasileiro quando o Brasil desde a sua colonização adotou vícios de uma matriz europeia, desde sua fundação e formação de seus modelos indenitários, seja pela falta de opção, seja de forma imposta por uma cultura colonizadora?

Entre os séculos XIV e XVIII, a Europa constrói uma transição do feudalismo ao capitalismo, impulsionando a história da América, em virtude de um processo de colonialismo, mesmo dividida em vários países. O velho continente foi, a duras penas e à custa de muito sangue, erguendo seus estados nacionais, que vem a ser referência para a América seja no mundo político ou imaginário. Algumas nações seguem sendo monarquistas, porém, adotando o capitalismo e liberalismo como modelo econômico e optando pela democracia parlamentar e alguns modelos permanecem.

No Brasil a exceção da América Latina onde a fragmentação e o distanciamento de uma América Pátria Grande, como sonhava Simón Bolívar e San Martín, imprimiu um sentimento de inferioridade no percurso da história, ao adotar o modelo europeu, propagando a reprodução de marca de idade moderna, onde convencionou um sentimento superior, e isto toma corpo, a ideia de um modelo “autônomo” e “vitoriosa”, não deixa de ser um Estado Nação subserviente, dependente na periferia do sistema capitalista europeu. O Brasil passa a ser uma matriz europeia e adota o “nacionalismo”, ficando à deriva. Segundo Monteiro (2011; p. 20):

“Sim, só podemos falar de um Estado Brasileiro com a chegada da Família Real Portuguesa como afirma alguns, ou do marco da independência do Brasil em 7 de setembro de 1822, ou mesmo com o Segundo Império. De fato, porém, o que nos interessa nessa análise é levantar algumas questões que certamente irão demonstrar que , enquanto buscarmos as referências eurocêntricas para a conceituação de identidade nacional para a sua identificação na nossa História, estaremos sempre a reproduzir um modelo colonizador que, ao tentar moldar a nossa cultura e nosso pensamento, apresenta-se carregado de ideias pré-concebidas, com valores morais e culturais intransigentes quanto ao reconhecimento do outro um ser igual, mas diverso.”

Mesmo com a potência repressora dos modelos externos, a nossa resistência cultural silenciosa e subterrânea não alimentou num toda essa “nova cultura”, a exemplo do povo nordestino e sertanejo de Canudos que ergue uma identidade natural, ao preservar seu modo de vida, alimentação, literatura, poesia, vestes, fala, novos significados inclusive na fé, no viver do seu cotidiano, não abraça essa imposição colonial, mas tem traços que gruda na pele, vez ou outra se manifestam certas influências.

O modelo educacional por anos de ensino vem omitindo a história do povo e exaltando a história dos dominadores. Na história, contada e ensinada nas escolas, Canudos foi um movimento monarquista, de um povo rebelde à República, guiado por um beato fanático que pretendia se separar do Brasil, além de outros absurdos descritos em livros didáticos. Mesmo assim, temos uma obra como “Os Sertões” ou a “Cartografia de Canudos” e muitos autores para desmentir todo esse rosário de mentiras.

2.3. Como entender o dionisíaco na obra “Cartografia de Canudos” através das narrativas e falas.

O Conceito de Dionisíaco, presente neste trabalho, é o encontro de uma referência a obra de Nietzsche “ A Origem da Tragédia” onde ele desenvolve essa relação com a literatura Grega. Como crítico impiedoso do passado, projeto do futuro e anunciado do “homem novo”, que renasce desse caos. Ao definir os personagens, tanto na obra “Cartografia de Canudos de José Calasans” e os herdeiros de Canudos: “Os Conselheiristas” de ontem e de hoje e sua forma de vida, como esse povo sertanejo vive nesta transcendência ao modo dionisíaco. O filósofo se presentifica nos atos e modos deste povo. Ao considerar um homem do destino, mesmo sendo germânico, Nietzsche age como um Grego, segue seu “Cardia” (Kardia) coração, ele contradiz o que nunca foi contradito. Segundo Abbagnano (1999, p.277):

“Dionisiaco, espírito”, foi entendido por Nietzsche, como atitude própria do super-homem e como fundamento da “inversão de valores” que Nietzsche propunha. Para Nietzsche, dionisiaco é “afirmação religiosa da vida total, não renegada nem estilhaçada”. Em outros temas, é o símbolo da aceitação integral e entusiasta de vidas em todos os seus aspectos e da vontade de afirmá-la e respeitá-la.”

A forma como vive o peregrino Antônio Conselheiro, é uma forma de contestação ao mundo de sua época, contradiz a moral, a religião, o comportamento social, a forma de tratamento, uma ruptura com a formalidade teocrática e teológica da Igreja, da época, que muitos insistem e confundem com mecanismo. A presença da natureza dionisiaca está na ruptura de padrões e leis que impedem a vida de existir. O Conselheiro teve que tomar atitudes que descumprissem as normas morais para preservar a integridade do povo que o acompanhava.

Neste sentido, Nietzsche propõe a “Transvaloração de todos os valores”, o Conselheiro se apega a valores do cristianismo, segue as Escrituras Sagradas e temas do catecismo católico, como doutrinas de afirmação de sua fé. Através de Manuais da época, sua pregação e ensinamentos cumprem rigorosos valores, penitências, louvores, orações, jejuns, mas diante do conflito armado não se rende. Prega um reino apartado da política, da república, rompe com o clero, chefes políticos, justiça, apresenta um Deus que se faz mais presente no antigo testamento, de fascínio e temor, adota uma vida rigorosa de penitência, mas não impõe aos seus seguidores, sem perder de vista a proteção de todos os moradores do Belo Monte, composto por ex-escravos, órfãos, viúvas, indígenas, camponeses perseguidos, marginalizados de seu tempo que denominamos de subalternizados.

2.4. Memória de um povo subalternizado em busca de liberdade.

Quando definimos a condição de homem, como um animal, definimos nas entrelinhas o que faz um animal. Thomas Hobbes, utilizando uma fala de autoria do dramaturgo romano Platus diz “Homo homini lupus”, traduzindo do latim arcaico: “O Homem é o lobo do homem”. Significa que ele é a maior ameaça para ele mesmo. Esta frase tornou-se muito conhecida e repetida por ser inclusive citada na obra Thomas Hobbes, “O Leviatã”, escrita por ele e publicada em 1651. Ele dizia que a paz civil e a união social só podem ser alcançadas quando estabelecida, por um contrato social com um poder centralizador, autoridade absoluta para proteger a sociedade, gerando paz e civilização ao povo. Segundo: Albornoz (1992 p.13):

“Natureza e invenção se entrelaçam no trabalho humano, em níveis diversos, da ação mais mecânica e natural à mais controlada e consciente. Natureza e cultura se encontram no labor do parto, no cultivo do campo, na modelagem da argila, na invenção da. Eletricidade; como na produção de vitaminas em comprimidos, na montagem de cérebros eletrônicos e no envio de astronave à Lua sobre é o único animal que sabe que vai morrer ele também sabe interferir, criar, produzir e modificar a natureza. ”

Uma forma de descrever o homem como animal que é capaz de produzir grandes barbáries, atrocidades, selvagerias contra a sua própria espécie. A consciência do homem é e pode ser usada para o bem ou para o mal, é uma ação de lobo. O homem é o lobo do homem, o Estado ideal, natural, produz a guerra com outros e explora o conflito entre homens, gerando depois destruição da própria espécie. O mais forte que domina o mais fraco, Engels menciona essa situação na sua obra: “A origem da Família, do Estado e da Propriedade Privada”. Pilares do Capitalismo primitivo e ressurgindo, cada vez mais, nas falas da extrema direita na contemporaneidade. Não é a visão clássica de Engels sobre família.

Isto define o lado criativo do homem, sua condição que produz o domínio sobre todas as coisas, mas ainda cabe uma pergunta filosófica: A natureza nos interroga ou nós interrogamos a natureza? Levaremos muito tempo para responder essa dúvida. O filósofo alemão Immanuel Kant (1803), em sua obra “Sobre a Pedagogia”, afirma “que o homem é único animal precisa trabalhar” se observarmos também, é o único animal que sabe quando vai morrer. Ao trabalhar, ele não tem o privilégio, mas o castigo, uma condenação, pois o trabalho se converte, para ele, em um elemento de tortura. Segundo Albornoz (1992 p.10):

“Isto se compreende melhor ao descobrir que na palavra trabalho se origina do latim: Tripalium embora outras hipóteses a associem a trabaculum. Tripalium era um instrumento feito de três paus aguçados, algumas vezes ainda munidos de pontas de ferro, no qual os agricultores bateriam o trigo, as espigas de milho, o linho para rasgá-los e esfolai-os. Maioria dos dicionários, contudo, registra tripalium a enas como instrumento de tortura, o ue teria sido original I ~mente ou se tornado depois. Atripalium se origina de um verbo do latim vulgar tripaliare, que significa Justamente torturar.”

Essa condição de uma natureza escrava, se esgarça a animalidade do homem como sujeito que se revela dominado por um outro animal, mais forte que ele: Segundo Bataille (1993), “um animal que come e que é comido”... sobre a imanência do animal ao seu meio, animais de uma espécie como o outro. Conta uma lenda que: Na savana africana, quando uma leoa fica prenha, ela passa cruzar com todos os leões do grupo para que nenhum saiba quem é

o pai dos filhotes, quando pare, os machos ficam em volta do ninho, cuidando para que nenhum coma o filhote do outro, já que ninguém sabe quem é o pai de quem, a leoa sai para caçar, e quando tem leoa parida os nativos passam longe. Bataille, (1993, p,11) afirma:

“Não se trata de um semelhante conhecido como tal, mas do animal que come ao animal comido não há transcendência: há, sem dúvida, uma diferença, mas este animal que come o outro não pode a ele se opor na afirmação dessa diferença. Animais de uma dada espécie comem uns aos outros... E verdade, mas não importa se o açor ao comer a galinha não a distinga claramente de si mesmo, da mesma maneira que nos distinguimos de um objeto. ”

O nosso olhar para o outro produz uma relação de um *pathos*: Posse, Poder, Prazer, é um elã ao corpo do outro, não olhamos nos olhos e não os enxergamos como alteridade, mas como objeto. Segundo Leopoldo e Silva (2004; p.187):

“Quando um ser humano olha outro, carrega nesse olhar algo que define e qualifica o outro, em vários níveis. Isso é parte da negação interna, base da relação de alteridade. Não apenas o outro aparece como aquele outro que me olha, mas também como aquele que, ao me olhar, me vê de certa forma. ”

A relação dos homens hoje em configurar o outro como objeto se aproxima de uma relação de animalidade e invisibilidade. Como afirma Bataille, (1993.p.12): ”O animal está no mundo como água na água”. É um ser que está aí”. Jogado no mundo, como os fenômenos que aparecem. Esta relação de animalidade produziu diversos desvios na humanidade ao ser domesticado, diversos animais aceitam sua condição de subalternidade.

Ao ser educado, o homem ainda produz cenas de selvageria, é capaz de alimentar sua crueldade interior, isto tem sido revelado no lado sombrio da morte. Percebemos nas guerras e nos momentos de horror, fora das batalhas e sim, nos campos de prisioneiros ou celas de cadeias. Se revelou assim em Canudos-BA, no século passado, e na Alemanha neste século, são duas abordagens diferentes com imagens semelhantes, e o mesmo fim da Tragédia. Segundo Cunha (2003, p.473):

“Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda história, resistiu até o esgotamento completo. Expugnado palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: Um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente 5000 mil soldados. ”

A condição humana reflete a inconsciência pueril do sacrifício, a ação de matar parece uma forma de reparar a ofensa que foi feita ao animal magoado. O direito de matar o outro se naturaliza no combate de alta e baixa intensidade onde o conflito beligerante, não importa a quantidade de pessoas mortas nestes anos de batalhas, eram números mais expressivos para a época e para os dias de hoje. Com uma população de 20 mil civis que foram mortos, 5 mil militares, Antônio Conselheiro morreu em 22 de setembro de 1897, de diarreia, uma provável desnutrição pelo cerco violento do Exército Brasileiro, em 05 de outubro de 1897. Canudos caiu, mas não se rendeu.

Assim que o Conselheiro caiu, o Fronte de Canudos que já estava abatido e destruído, não durou muito, a figura carismática dava força aos jagunços e homens maltrapilhos que lutavam contra um bem armado e poderosos Exércitos sob fogo intenso. A Morte era questão de tempo. Segundo Bataille, (1993, p.23):

“A morte, com efeito, traz a impostura da realidade, não apenas porque a ausência de duração recorda-lhe a ilusão, mas sobretudo por ser grande afirmação, e como que o grito maravilhado, da vida. A ordem real rejeita menos a negação da realidade que é a morte, do que a afirmação da vida íntima, imanente, em que a violência sem medida é um perigo para a estabilidade das coisas e que só é plenamente revelada na morte. “

Entrar num território sagrado e banhado de sangue, ir ao fundo da Igreja nova, retirar o corpo de Antônio Conselheiro, arrancar sua cabeça e levar para expor como troféu na capital? Nada pode ser mais mórbido, um animal come outro animal para sobreviver, não para satirizar ou triunfar sobre a própria maldade, um animal não mata o outro por prazer e nem comemora a morte do outro. A morte como coisa real não retorna, a morte mostra qual sociedade realmente, que a República mentiu. Destruir Canudos foi um recado às futuras gerações, para afirmar que só existe um Estado, um só Deus, um só Exército, uma só República. Nada poderia desvirtuar o positivismo militar reinante nas academias, herança da modernidade liberal europeia. Hoje muita revelação sobre o conflito, à luz das pesquisas científicas, aponta que não foi apenas debelar uma rebelião de fanáticos no interior do país, mas tem algo maior (CUNHA, 2003.p.475): “Duas linhas: É ainda que não existe um Maudsley para as loucuras e os crimes das nacionalidades...”

Canudos foi destruída duas vezes. Após a Guerra de Canudos, veio a construção do Açude do Cocorobó sobre a Bacia hidrográfica do Rio Vaza Barris, que inundou os restos da vila do Belo Monte ou que sobrou da velha cidade, foi uma forma que o Governo Brasileiro encontrou para tentar apagar a história e sepultar a verdade. Um sacrifício aos mártires de

Canudos, uma forma violenta e cruel de destruição de um patrimônio imaterial, cultural e histórico da memória do Brasil.

Configura a consumação do sacrifício, a potência que tem a morte, morrer é dar a vida ou desfazer-se dela ou ser tirada de si. Os sacrifícios podem não vir, em forma de tragédias ou cenas grotescas, com sangues e descarnados, a exemplo do personagem de Patrick Suskind, “*O perfume*”, onde o Alquimista vai buscar suas essências dentro dos corpos de suas vítimas mulheres, uma forma de abrir corpos para ver a alma interior, método da idade média. “O sacrifício, sacrifica-se o que serve, não se sacrificam objetos luxuosos.” (BATAILLE.1993) sacrificar objetos luxuosos ou de valor seria sacrificar duas vezes. Assim o homem produz a guerra e se oferece em sacrifício, muitas vezes, não pelo que acredita, mas por pura festa, a importância de ser um animal feroz e mortal. Neste sentido, Bataille (1993 p.28) pontua:

“Ele tem nos combatentes mortais, nos massacres e nas pilhagens, um sentido vizinho ao das festas, na medida em que aí o inimigo não é tratado como coisa. Mas a guerra não está limitada a essas forças explosivas e, mesmo nesses limites, não é uma ação lenta como o sacrifício, conduzida visando um retorno à intimidade perdida. É uma irrupção desordenada cuja direção para fora rouba ao guerreiro a imanência que ele atinge.”

A guerra tenta dissolver o indivíduo à condição de negação e da utilização do valor da sua própria vida. Os seres humanos são peças em um xadrez quando expostos ao confronto a serem manipulados pelos seus generais ou líderes políticos. Transforma o ser humano num indivíduo-coisa, é uma vanglória por nada. Como um modo de vida de um povo, ou civilização, a fala do povo de Canudos, registrados na literatura de CUNHA (2003) CALASANS (1977), Aras (2003) e tantos outros historiadores, consta de uma denúncia ser Canudos, como uma comunidade Monarquista que insurgiu contra a República instaurada no Brasil, estas falas destoava do “Estado”. Propagado nas falas de Antônio Conselheiro, que tinha a Bíblia no seu antigo testamento ser o REI uma instituição divina, Canudos foi uma comunidade religiosa, terra de profecia e promessa onde “as montanhas de cuscuz e rios de leite” seriam encontradas por uma multidão de famintos que fugiam da seca, da fome, da peste e da escravidão dos latifúndios. Uma consigna nesta fala semelhante a “Terra, Pão e paz”, e acrescentamos o elemento da fé, era a promessa de uma fala de um pedaço do paraíso na terra.

Ao se referir à história e à escrita como meio de sistematização da experiência humana sobre um suporte material, a partir de desenhos, marcas, traços, tijolos, papiros, pergaminhos, material arqueológico, monumentos, vestuários, formam-se memórias que se apropriam do passado. Sobre os três fenômenos da história elencados por Ricoeur: O papel do testemunho,

isto a se referir à historiografia, à investigação documental é o testemunho de um sentido extenso da memória. E só existe testemunho quando existe narrativa, quando alguém na sua individualidade afirma “eu estava lá”, “creiam ou não em mim”, nas relações de um testemunho e sua forma de existência, no compromisso de testemunhar de novo, o que vai afirmando um esclarecer da verdade e trazer à luz, até elaborarmos uma confiança na palavra do outro a um registro documental.

A fase explicativa da história terá consequência no estágio da leitura e se configura numa racionalidade e resposta à questão do “porquê?”. Podemos pensar em poupar a arquitetura explicativa da história, buscando falar mais de compreensão do que explicação, essa explicação histórica pode ser variada a escala de um fenômeno. A respeito da “longa duração” de Braudel, em definição de intervalos de tempo no gênero de micro história, praticado pela escola italiana. Podemos agregar a preservação das memórias comunitárias, onde a história está privada da graça do reconhecimento que constitui a memória uma iluminação. Segundo Ricoeur (2009, p.47):

“A história engloba um horizonte de acontecimentos passados mais amplos do que sua memória, cujo alcance é mais reduzido e pode parecer devorado pelo vasto campo do tempo histórico. Além disso, a história pode introduzir comparações que tendem a relativizar a unicidade e o caráter incomparável de memórias dolorosas.”

A história envolve uma perspectiva de acontecimentos passados mais amplo do que a memória, o alcance é reduzido e pode ser destruídos pelo tempo histórico isto pode afetar as memórias dolorosas, a que se refere Ricoeur, ao observar que a memória coletiva não está privada de recursos de representação do passado, ainda concorrem com outros textos escritos de ficção, dentre eles adaptações de teatros, trabalhos escritos dos historiadores, quadros, fotos, expressões escritas e filmes a exemplo de “A Lista de Schindler”, filme de Spielberg que retrata ficção sobre uma passagem do holocausto sofrido pelos judeus na Segunda Guerra Mundial.



FIGURA 08 – 400 Jagunços prisioneiros, ou “as prisioneiras” por Flávio Barros.

Os horrores produzidos na Segunda Guerra Mundial por Adolf Hitler e seu Governo, revelados, depois da libertação de prisioneiros de Guerras, assustou o mundo pela brutalidade e animalidade diante da vida humana, uma enorme apuração foi feita e a tentativa de acerto com a História foi montada. Mas ficou a pergunta no ar: Quem vai devolver a vida de 08 milhões de judeus, negros, homossexuais, artistas, políticos, testemunhas de Jeová, Católicos e Cristãos que se opunham à Barbárie, ciganos, dentre tantos mortos e cremados em fornos e câmaras de gás, fuzilados, envenenados, executados em vias públicas ou famílias inteiras mortas. Segundo Agabem (2008, p.30):

“O infinito (Deus) despiu-se inteiramente da sua onipotência no finito. Ao criar o mundo, Deus por assim lhe dizer-lhe confiou a sua própria sorte, tornou-se impotente. E depois de ter se dado totalmente no mundo, nada mais tem a oferecer-nos: cabe agora ao homem dar. O homem pode fazê-lo cuidando para que não aconteça, ou não aconteça com demasiada frequência que, por causa do homem, Deus deve lamentar o fato de ter permitido que o mundo exista.”

Em os irmãos Karamazov do clássico Russo; Dostoievski escreve: “se Deus não existe, então tudo é permitido”. O vício conciliatório de todo teodiceia aqui se expõe como uma permissão. O silêncio sobre o Holocausto (SHOÁ) reacende sempre o silêncio de cumplicidade, culpa, no verbo latino *spondeo* segundo AGABEM (2008) representa “responsabilidade”, apresentar-se como fiador de alguém. Quem responde por essa tragédia da humanidade que foi coberta com uma cortina de aço da guerra?



FIGURA 09 Sardeal: Mostra bibliográfica relembra o Holocausto- antenalivre.pt jan 22³⁹

Há uma dívida, há uma culpa, há responsáveis. E pode não ser apenas os executores ou autores desse plano macabro, mas uma grande parcela da humanidade que permitiu e ainda está permitindo hoje que o mesmo pensamento volte e se instale no mundo com gestos extremos como, na Guerra da Ucrânia e no meio do nosso povo no Brasil, ou na Palestina e as monstruosidades praticadas pelo Sionismo de Israel e seus adeptos no mundo todo, gestos de racismos e intolerâncias, antes da guerra vêm as trombetas, os discursos, os gestos de ódios. Tudo isto é apenas um combustível. Esperamos que nada seja esquecido, e que a História não se repita em nosso meio. Parafraseando, Caetano Veloso: “Sejamos o lobo do lobo do homem”. O que mais sobra neste espaço temporal são elementos de Memórias, identidades, Narrativas de si, imensas são as riquezas de temas e contos a serem conhecidos e desvelados pelos futuros escritores, há jazidas e jazidas de pesquisas acerca do assunto.

Canudos reúne em média 5 mil famílias em torno de um vale, sobre uma grande savana conhecida hoje como o Raso da Catarina às margens do Rio Vaza Barris, uma cidade é erguida: Belo Monte, seguidores de um homem religioso, Beato Antônio Conselheiro, que utiliza um

³⁹ Ao libertar os primeiros prisioneiros na Polônia o primeiro Soldado Russo Antoly Shapiro em 27 de janeiro de 1945, segundo a Revista Terceiro Setor de 20/01/2023 artigo escrito por Maria Fernanda Garcia, palavras do Soldado: ” “Havia um cheiro tão forte que era impossível aturar por mais de cinco minutos. Meus soldados não conseguiam suportá-lo e me imploraram para que fôssemos embora. Mas tínhamos uma missão a cumprir” é indescritível as cenas de horrores deixados pelos nazistas.

discurso profético em uma linguagem que agrega o povo através de parábolas, signos, onde um falar “fácil”, ao seu povo vítima da fome, seca, peste e sobretudo de uma guerra. Não faltava mais nada nesta cultura dos horrores. Homens, mulheres, crianças, entre eles, descendentes de escravos, índios, muitos jagunços. Ninguém melhor que Glauber Rocha que usava sua arte para retratar esses sertanejos e sertanejas, tempos depois considerados registros que denunciam a multiplicação dos famintos na contemporaneidade, como inspiração no tempo centenário do Conselheiro. Segundo Santos (2021, p.112):

“Com esta estratégia, a multiplicação dos famintos, aqui neste banquete, implica não só descrever um contraponto, mostrando, por exemplo, como se consigna a lógica da metafísica fascista que provoca a fome. ”

Essa assertiva define o Teatro da Guerra de Canudos que não começa com a Guerra de balas e pólvora, mas de ódio, das palavras ditas e não ditas pela imprensa chapa branca, pelas calúnias e mentiras sobre os conselheiristas, suas mulheres e familiares. Em Belo Monte, não faltou alimento espiritual e material, esta afirmação “banquete” confirma que este Povo não possuía desesperança ou desalento, lá “não tinha fome” era o não lugar da fome. Mas sim fome de justiça, liberdade e paz. Como poderia existir e prosperar uma comunidade messiânica com ares monarquistas em uma república nascente?

A trama de vida entre nascer e morrer contribui em um cerco na Guerra de Canudos com o cotidiano das batalhas travadas, em uma contenda duradoura, em um combate de alta intensidade onde homens e mulheres lutaram ombro a ombro de maneira igual. Segundo: (MOMBERGER, 2016), a Pesquisa Biográfica é diferente de outras correntes de pesquisa, pois implica a dimensão do tempo, ou a “temporalidade biográfica”, uma dimensão da experiência humana, pois Segundo Ricoeur: “O Tempo torna-se termo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa. ” (RICOEUR 1983, p.17). Compreende-se pelo tempo em Ricoeur tempo narrado, tempo vivido. Segundo Momberger (2016, p.133-147):

“A escuta de Vida” à qual remete a etimologia da palavra biografia deve ser aqui entendida como uma atitude primeira e específica de vivência humana, antes de qualquer tradição de sua existência nas formas utilizadas orais ou escritas, os homens configuram a mentalidade de sua vida na sintaxe da narrativa”.

A pesquisa biográfica inspira um agir reflexivo e um pensar humano que define Ricoeur

à luz de uma razão narrativa. Conforme essa lógica, o ser humano vive sua vida como uma história de um momento, ou hora e algo se forma sobre a história de um dia ou uma vida. No Livro “O Estrangeiro”, o escritor Albert Camus afirma: “deixou-se ficar calado durante alguns momentos, enquanto a máquina de escrever, ... vivido um único dia, poderia sem custo passar cem anos numa prisão. ”

CAPÍTULO III

3. O DIONISIACO E OS SUBALTERNOS NOS PERSONAGENS DA “CARTOGRAFIA DE CANUDOS”.

Entre o sonho e a embriaguez, duas pulsões que expressam o apolíneo e o dionisíaco, a condição do sonho reflete na ideia de construir uma comunidade messiânica no Sertão da Bahia, no século passado, uma condição que podemos afirmar, segundo Giagoia Júnior (2022, p.116): “Então, assim como o filósofo se relaciona com a efetividade da existência, assim também o homem artisticamente suscetível se relaciona com a efetividade do sonho”. Essa condição traduz o sonho e o prazer, uma interpretação da vida; exerce para si mesmo a vida.

Ao conduzir o povo para Belo Monte, um líder religioso constrói um sonho de um paraíso na terra. As condições em que esse povo vivia e as condições em que eles passam a acreditar em torno de ideias, fê, sobrevivência, não restam dúvidas que um dos mais firmes elementos que refletem na nossa cultura, um líder com características apolíneas, mas que possui um modo de vida dionisíaco. Segundo Carneiro (2018; p.284):

A partir desses dois deuses, Nietzsche busca estabelecer uma distinção entre o apolíneo e o dionisíaco, pois *A tragédia grega*, depois de ter atingido a sua perfeição pela reconciliação da “embriaguez e da forma”, de Dionísio e Apolo, começou a declinar quando, aos poucos, foi invadida pelo racionalismo. Desse modo, publicou a obra *A origem da tragédia*, na qual estabelece a dualidade dos dois princípios visando uma síntese. Essa obra representa a união desses dois elementos, onde Nietzsche encontra a unidade. Apolo não é o contrário de Dionísio, mas sim uma unidade em que é uma parte distinta do outro, não uma harmonia, mas um complexo contínuo de luta. (CARNEIRO; 2018; p.284).

Entre a seriedade da palavra e o contexto de vida, Conselheiro possuía, na sua personalidade, características dos dois elementos que alicerçam a cultura helênica da tragédia

e comédia. Na condição do mundo onírico⁴⁰, se revelava em forma de sonhos, dessa forma em suas prédicas, pronunciava seus sonhos e pesadelos, de forma apocalíptica e semelhante a profecias, revelava seus conselhos e estratégias de guerra já antecipando a ação dos inimigos, preparando o seu povo para o desfecho final, a vitória ou a morte⁴¹. Segundo Giagoia Júnior (2018; p. 116):

Essa alegre necessidade da experiência onírica foi expressa igualmente pelos gregos em seu Apolo: Apolo, como deus de todas as forças figurativas, é ao mesmo tempo o deus profético. Ele que, de acordo com sua raiz é a “aparência brilhante” {der “sheinende”}, a divindade da luz, domina também a bela aparência do mundo interior da fantasia. A verdade superior, e a perfeição desses estados em oposição à compreensibilidade lacunar de efetividade do dia, e daí então, no sono e no sonho, a consciência profunda da natureza, restauradora e auxiliadora __, é a mesmo tempo o análogo simbólico da faculdade profética e, em geral, das artes, por meio das quais a vida torna-se possível e digna de ser vivida. (GIAGOIA JÚNIOR; 2018; p. 116).

Ninguém arrasta 25 mil pessoas para um vale, sem que tenha algo de brilhante, não são só palavras, há mais elementos de convicção. Entre o sono e o sonho, a vida exerce um conceito de natureza profunda, é uma linha tênue que não se pode atravessar. Apolo é a plena medida limitadora do ser, a condição de aparência paira sobre ele, uma tranquilidade repleta de sabedoria. Mesmo irado com um olhar de desaprovação sobre o destino dos homens, paira sobre a benção da aparência. Segundo Giagoia Júnior (2018; p. 118):

Também na idade média alemã, sob a mesma violência dionisíaca, precipitavam-se de lugar em lugar cortejos sempre crescentes, cantando e dançando: nessas danças de São João e São Vito, reconhecemos os coros báquicos dos gregos, com a sua pré-história na Ásia Menor até a Babilônia e os orgiásticos saqueus. Há homens que, por falta de experiências ou estupidez, afastam-se com escárnio e lamento dessas aparições como de “doenças do povo”: esses pobres, em verdade, não suspeitam quão fantasmática e com que cores cadavéricas justamente aquela sua “saúde” se afigura quando diante deles passa transbordante a vida ardente dos entusiastas dionisíacos. (GIAGOIA JÚNIOR; 2018; p. 118)).

Os elementos da festa figuram muito na cultura popular e religiosa do Sertão de Conselheiro, as festas de Santo Antônio, em junho assemelha à colheita, é por tradição, no Nordeste do Brasil, que as chuvas (em anos de chuvas) comecem dia dezenove de março, dia dedicado a São José, quando o povo semeia o milho, feijão e colher em junho, mês da colheita

⁴⁰ Que provém de ONIROLOGIA; Interpretação dos sonhos.

⁴¹ “Numa revolução se vence ou se morre (se ela for autêntica).” Carta de Ernesto Che Guevara a Fidel.

e há muitas narrativas de festa da colheita na história da humanidade. As formas de celebração podem ser diferentes, mas o ritual é muito semelhante, os cantos e danças apropriadas estão presentes na alegria jubilosa do povo do Belo Monte, o profano e o sagrado são tolerados pela Igreja, e o povo aproveita primeiro a louvação e devoção, depois a dança, o canto, as bebidas e as comidas. Em “*A origem da tragédia*”, Nietzsche traduz sobre o que é o espírito dionisíaco, além de nos contemplar com descrições poéticas, traz observação sobre o caráter da fé. Segundo Nietzsche (1958; p. 24):

O mundo, a objectivação libertadora de Deus, em consumação perpétua e renovada, tal como visão eternamente mutante, eternamente diferente, de quem é portador dos sofrimentos mais atrozes, dos conflitos mais irredutíveis, dos contrastes mais perfeitos, de quem não se emancipar nem se libertar senão na aparência: eis a metafísica do artista. Toda esta metafísica pode ser tida por arbitrária, vã, fantasista, mas o essencial é que desde logo denuncia um espírito que, prevendo os acontecimentos, decidiu pôr na defensiva para evitar a interpretação e a explicação morais da existência. (NIETZSCHE; 1958; p.24).

A citação confere um pessimismo, que vai além do bem e do mal, o filósofo classifica de “perversidade sentimento”, e se irrita com a posição de Schopenhauer sobre as suas opiniões e fúrias à ideia de uma linguagem que classifica uma filosofia moral do mundo das aparências e, através de ilusões, desclassifica as “aparências”, mas o significado e sentido do *terminus, technicus* idealista. Esta atitude tem muito a dizer de todo o cristianismo, atribuído como uma extravagância para definir a existência de Deus. O pessimismo manifestado, aborda sobre a expectativa do cristianismo onde o tema moral é definido como um discurso ou linguagem até os dias atuais. A moral é a vontade de negação da vida, uma crítica em substância, onde a vida deve ser plena e não com freios do comportamento moral.

Na “*Cartografia da Canudos*” os subalternos se apresentam, desde o início da obra, o testemunho de personagens que vivem participam da história a exemplo de Miguelzinho de Itapicuru, se por um lado subalterno na participação do enredo trágico de Canudos, eles são na verdade membros de um “*Estado Maior de Antônio Conselheiro*”. No vocabulário de Canudos ou precisamente: “*Notas para um vocabulário de Canudos*” de José Calasans, aponta vários vocábulos folclóricos e nomes de pessoas a exemplo de Antônio Beatinho que cita a expressão “caminheira”, cujo significado de desinteira, essa diarreia pode ter sido ocasionada devido à falta de água, por ocasião do cerco ao Arraial de Belo Monte pelas tropas do Exército, além da falta e ainda relacionavam, hoje poderíamos dizer, sem precisão, que ocorreu um surto.

Jesuíno Lima ou Capitão-jagunço, viveu entre os conselheiristas e depois foi guiar as

tropas federais como um “mateiro”⁴², ele seguia o inimigo pelo cheiro, rastros, ou vestígios. Além de muitas armadilhas, a caatinga tinha muitos perigos, plantas com espinhos e seivas venenosas, serpentes, aranhas e mosquitos. João Abade foi chamado de chefe do povo, consta no relatório do Frei João Evangelista, o General Moreira César o corta-cabeças ou corta-pescoço, lembramos que a degola, um crime perpetrado pelo Exército Brasileiro em Canudos, é um escândalo na história do país, principalmente aos sobreviventes no fim da Guerra, Macambira e João Venâncio, personagens deste enredo.

Os subalternos podemos identificar na literatura de Canudos se encontram espalhados nas “Mulheres do Sertão” ou nos Escravizados, ou “Treze de maio”, como eram chamados os indígenas, e sobretudo nos trabalhadores pobres que seguiam o Conselheiro ou se mudaram depois para Canudos. Ao citar os ex-escravos, com fundamentos na obra de Gilberto Freyre (1959; p. 487) na obra “*Ordem e progresso*” consta que Euclides da Cunha, em seus escritos, não mencionava ex-escravos na sociedade sertaneja, e que o escritor fluminense “sequer consignou a presença de ex-escravos ou do negro apelidado “treze de maio “nas hastes do Bom Jesus Conselheiro, na “*Cartografia de Canudos* “ Segundo Calasans: (2015; p.171):

A respeito das manifestações de Antônio Conselheiro sobre a escravidão e o descrito num testemunho de um italiano, que trabalhava na estrada de ferro Salvador a Tabua, tinha um mundo de gente que aguardava o peregrino, exclamou: ‘Veja como este povo na sua quase totalidade escrava vive pobre e miserável , veja como eles vêm de quatro léguas ou mais para ouvir a palavra de Deus, sem alimentar-se e sem saber como alimentará amanhã, ele nunca deixa de atrair pressuroso às práticas religiosas, que o indigno servo de Deus e por ele amaldiçoado, enuncie neste local para a redenção dos meus enormes pecados.’ (CALASANS; 2015; p.171).

Em uma passagem da Cartografia descreve seus comentários que os negros escravizados e subalternizados, eram saudosos da monarquia, e cita o grupo “treze de maio”, que faz parte da Comunidade de Canudos e lá são formados e um cancionero popular registra em versos.

Nasceu periquito
Virou papagaio
Não quero negócio com “Treze de Maio”
K é letra decadente
Meu pai assim me dizia

⁴² Rastreador na caatinga.

É como o “Treze de Maio”

Mesmo depois da alforria.

Ao reconhecer a letra do sertanejo contra os fazendeiros, diferente de Rui Facó e Eduardo Muniz, em uma entrevista frente ao Professor José Calasans, se o problema dos sem terras era semelhante à Guerra de Canudos? Eis a sua resposta:

No Sertão, o problema da terra era diferente. O dono da terra nem sabia o que tinha, não há documento algum da época em que um fazendeiro se queixasse de ocupação das suas terras. O problema era que o Conselheiro desorganizava a mão de obra. Era disso que os fazendeiros reclamavam. Os empregados sumiram das fazendas e iam atrás do Conselheiro” (ESTADO DE SÃO PAULO/SP Caderno 2, 04/08/1996, p. 2 d.).

O Barão De Jeremoabo o Ser Cícero Dantas, possuía e possui hoje estão com seus Herdeiros a Família Dantas Tourinho, terras que era uma verdadeira Capitania Hereditária, das margens do Rio Itapicuru na divisa de Sergipe até a Praia dos Garcez em Jaguaripe BA e , próximo ao Morro de São Paulo, toda essa extensão de mais de 500 km pertenceu ao Barão de Jeremoabo. Este é um exemplo do tamanho das propriedades deste latifúndio.

As mulheres, conforme relata Afrânio Peixoto ao ingressar em 1911, na Academia Brasileira de Letras, o baiano de Lençóis, revelou que na obra “Os Sertões” clássico de Euclides da Cunha o papel das mulheres reservado pelo escritor não era o principal (CALASANS; 1977 p.113):

“Não escreveu de um regato, de um crepúsculo, canto de pássaro ou capricho de mulher. Jactou-se mesmo, uma voz de não haver em todos os seus livros, uma só destas criaturas”. A revelação de Afrânio Peixoto dita quase meio século, demonstrou o comportamento de Euclides da Cunha diante do outro sexo. Não há dados ou falta do que foi constatado por Afrânio Peixoto na sua afirmação e sim reveladas em um discurso proferido na ABL. Segundo (CALASANS,2014; p.63).

Ao apresentar a importância das mulheres na nossa Vida segundo Pereira: (2014) fortalece a figura do feminino e sua importância na vida do homem e formação da sua personalidade madura e segura, o papel da mulher e da casa é complemento da família que se completa nos espaços. Diante da turbulenta vida que teve o autor de *Os Sertões* poderia dispor de tanto afeto? Entre guerras e coberturas, dramas familiares e ausências, restou-lhe o espaço da tragédia símbolo da desagregação. Ao construir o lar como um território de paz, é também de ajuste moral, mental, construção da identidade e narrativa do sentimento de existência, o que

faltou a Euclides da Cunha em toda sua vida intelectual atribulada de sentimentos humanos, semelhante ao personagem central de Canudos, Antônio Conselheiro. Como eles se parecem.

Críticos e biógrafos de Euclides da Cunha descreveu sua vida como uma vida sem amor, vazia de afeição feminina, proclamada por todos eles a exemplo de Francisco Venâncio Filho, que constata a ausência de cartas de amor na sua correspondência, ou admitiu “que ele decerto não as escreveu” Venâncio Filho (1940, p.9). Carlos Chiochio concluiu que ele não teve um amor. E afirmou: ” que lhe faltando, portanto, esse oásis de ternura para os voos repousantes das canseiras”. Já Gilberto Freyre (1938, p.106) confirma em seus escritos:

“ Euclides da Cunha-foi um indivíduo que nunca se completou em adultos feliz ou personalidade madura integral, a quem a colaboração doce ou inteligente, ou simplesmente a inspiração constante de uma mulher tivesse acrescentado zonas de sensibilidade, de compreensão e de simpatia humana, que o homem sozinho não percorre senão angustiado, ou não percorre nunca.”

As falas são de cobrança de uma masculinidade da época ou ideal de Família patriarcal e comportamento para um homem do seu tempo. Acreditavam que tendo esse complemento, em suas obras, as mulheres seriam ressaltadas. Ele não encontrou o amor de mulher na sua família, nem materno ou na vida, o outro sexo ele trazia por si mesmo, no seu narcisismo, um homem seco e triste. Segundo Rabelo (1948 p.453):

“O amor de mulher, que não encontrou na mãe morta quando pequenino, não encontrou em ninguém – nem naquela a quem se ligou por toda vida, nem em amante ou simples namorada. A presença do outro sexo nada acrescentava ao homem seco e triste que ele era, em conforto pessoal, em gosto de mundo, em pletora de vida. O outro sexo, ele o trazia nesciissimamente em si mesmo. Não se reconhece nenhum gesto, palavra ou apenas olhos que o indicasse a ternura do homem saudável pela mulher ou pelas mulheres que fosse era pelo caminho.”

Ao descrever e criar as memórias e suas mulheres no escrito de si, deixou um vácuo pobre de amor, vazio de mulher, com escritos restou apenas o direito de interpretar o universo feminino ao seu modo de olhar, pois ele tinha um olhar para os problemas políticos, assuntos geográficos, questões internacionais, aspectos econômicos, nos seus escritos, não vislumbra a clareza dos assuntos femininos. Como membro da ABL e depois de fazer parte do Grêmio da Faculdade de Direito o 11 de agosto, onde discursava, ele assumiu a cadeira de Castro Alves, o poeta dos escravos, mas não deu importância a intensa vida amorosa do poeta. A relação de memória que fatiadas pelos acontecimentos permeia a vida das pessoas, dando-lhes sentidos de

existência e identidade, como afirma Guarinello (1995, p. 187):

“Memória, em primeiro lugar, é algo que não está em lugar algum, porque ocupa e preenche todos os lugares. É um substrato, repositório dos produtos de nosso passado que sobrevive no presente, condição mesma do tempo presente. É a trama dos vestígios, oriundos de diferentes épocas e condições de produção, que constitui a espessura mesma daquilo que existe, como cristalização e permanência do que não morreu, daquilo que nos liga aos mortos na medida em que sobrevive no presente.”

Na obra “*Os Sertões*”, as mulheres de Euclides da Cunha, são marcadas, estigmatizadas, feias, magras, megeras, bruxas, “uma autêntica caqueirada humana”. Mas encontra na ausência de beleza, um “rosto de formosura” de “olhos grandes e negros” verdadeira graça feminina. Na Odisseia de Canudos ele destaca três mulheres: A primeira é Helena Maciel, tia do “Santo Conselheiro”, uma guerreira nas lutas travadas pelos Macieis, em Quixeramobim, contra os poderosos Araújo dos sertões do Ceará. Helena que um cronista descreveu como Nêmesis, um estranho tipo de mulher, terrível na sua saga e desejo de vingança.

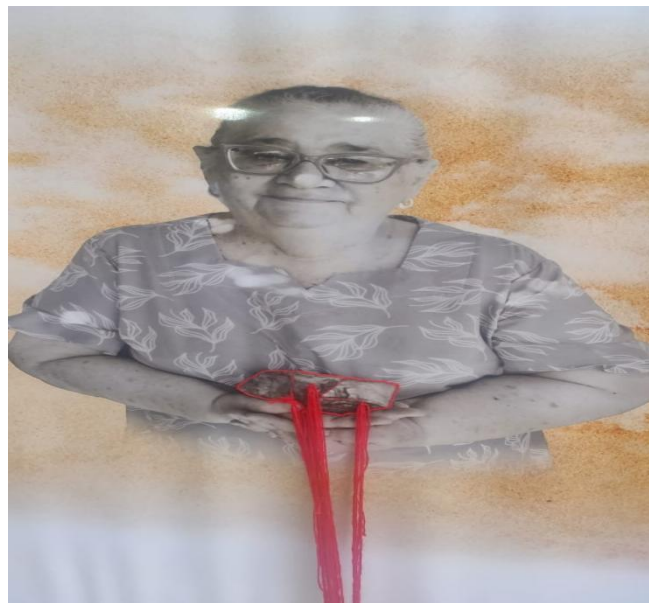


FIGURA 10 TRABALHADORA DE CANUDOS, EXPOSIÇÃO FLICAN 2024⁴³

A segunda mulher é a mãe do “Santo Conselheiro”, acusada pelo povo ter levado o filho a matar a esposa, por ter arquitetado a calúnia de traição⁴⁴. Era o tipo mal compreendido, a sogra má, Maria Joaquina de Jesus, falecida quando o milagreiro era ainda criança, foi julgada

⁴³ Expografia de Adriana Camargo. "Fios invisíveis" 2024

⁴⁴ Esclarecido sobre essa calúnia no texto abaixo.

nas crônicas de Canudos. A terceira mulher, prima e mulher do chefe carismático de Belo Monte, de vida irregular e leviana, abandonada pelo marido por infidelidade. Mesmo essas três mulheres não possuem um papel de destaque importante, descrito na obra do escritor. Conselheiro passou a ver, na mulher, uma figura de desgraça na sua trajetória de vida. A desgraça conjugal, a mãe digna de passagens infelizes.



FIGURA 11 TRABALHADORA DE CANUDOS FLICAN EXPO 2024⁴⁵

Ainda como correspondente do Jornal o Estado de São Paulo em 7 de agosto de 1897, Euclides da Cunha chega à capital da Bahia, Salvador, visita quartéis, hospitais, locais, em busca de notícias e informes da Guerra, permanece até o fim de agosto em 3 de setembro do mesmo ano, segue para a Vila de Queimadas, onde está o Centro de Operações dos Militares, lá se depara com um grupo de “jaguças”, são nove mulheres do Grupo de Conselheiro, nove prisioneiras, duas trazendo consigo, no seio pendurado, crianças de poucos meses mirradas como fetos e acompanha ainda quatro pequenos de três a cinco anos famintos, logo adiante mulheres em trapas repugnantes, olhos grandes profundos de tristeza soberana. Segundo Cunha (1939, p.69): “Satisfez a curiosidade das circunstâncias contando uma história simples; uma tragédia em meia dúzia de palavras; um drama quase banal agora com o epílogo obrigado de uma bala certa de Manulicher, ou estilhaços de granada.” Segundo Critelli (2008; p. 03) afirma.

“A memória precisa de tempo para atualizar vínculos. Não só para recobrar

⁴⁵ Expografia de Adriana Camargo. "Fios invisíveis" 2024

acontecidos, mas para restaurar os sentimentos que os acompanharam. Como a memória não conserva consigo apenas fatos, mas versões, cada cena registrada é a síntese de uma história. Um balão caindo no quintal, a mordida de um cachorro, um cheiro, um sentimento aparentemente sem explicação... tudo o que a memória guarda é apenas um pedaço de um quadro imenso. ”

As mulheres fizeram parte do cotidiano da Guerra, seja presente como prisioneiras as mulheres de Belo Monte que depois de servirem como soldados, recadeiras, beatas, ou seja serviam aos soldados como vivandeiras, muitas foram torturadas e mortas, degoladas. Dentro dos muros de Belo Monte, com suas capas pretas, serviam à fé e à oração, cumpriam rituais espirituais com os benditos e orações ao Santo Antônio, ao Bom Jesus. Em Monte Santo, foram vistas pelos jornalistas que cobriam a guerra muitas mulheres que distraíam os soldados e forasteiros.

Entre muitos relatos sobre as biografias de Euclides da Cunha e sobre os escritos de si revelam sua identidade pelo não afeto, candura e beleza feminina, assim que foi celebrado os 50 anos da sua morte, ocorrida em 1909, foi feita uma revisão da sua obra e seus escritos. As mulheres em Canudos, segundo Costa (1992; p. 20) trabalhavam com artesanato de tecidos e roupas de couro, redes para dormir, cestos, sandálias de couro. Elas ajudavam na agricultura criavam cabras, carneiros, exportavam as peles eram curtidas no sal e na terra, as cabras, a cada cinco meses, reproduziam, criadas na caatinga e comendo da vegetação forneciam carne, leite, peles, cada cabra dava duas crias, quando as peles que eram curtidas com sal e terra e casca de uma árvore chamada favela, que ficava nos morros da região, quando estavam prontas eram levadas para as cidades vizinhas, Juazeiro, às margens do Rio São Francisco, o ponto final da ferrovia que vinha de Salvador, as peles eram exportadas para outros países, Estados Unidos e Alemanha. Havia um grupo de mulheres chamadas de beatas que cuidavam da alimentação e das roupas de Conselheiro.

O beato Conselheiro tinha uma espiritualidade, uma vida de rezas e penitências, mas era tolerante com a relação sexual livre, não criticava as mulheres solteiras que engravidavam e tinham filhos. Quando alguma mulher se encontrava grávida ele dizia: “Seguiu o destino de todas: passou por baixo da árvore do bem e do mal”⁴⁶. O Povo de Canudos produzia muitos alimentos, aproveitando as épocas de chuvas: Mandioca, milho, feijão, abóbora, cana, melancia, batata, cereais, todos trabalhavam na produção, depois de distribuir o que sobrava era vendido ou trocava com povoados mais próximos.

⁴⁶ CUNHA. Euclides. Os Sertões. P.30. 1978

3.1. Para compreender a Subalternidade e a propaganda de guerra.

Havia homens, mulheres, crianças, entre eles descendentes de escravos, índios, muitos jagunços. Ninguém melhor que Glauber Rocha que, através da sua arte para retratar esses sertanejos e sertanejas, tempos depois registrado como ele denuncia a multiplicação dos famintos na contemporaneidade, como inspiração no tempo centenário do Conselheiro. Segundo (SANTOS; 2021, p.112): Com esta estratégia, a multiplicação dos famintos, aqui neste banquete, implica não só descrever um contraponto, mostrando, por exemplo, como se consigna a lógica da metafísica fascista que provoca a fome material e simbólica de milhões de seres humanos. Canudos foi e continua perseguido na história, é uma vingança que nunca cessa, a condição de subalternizar a população é o cultivo da miséria e do isolamento, que tem sido combatido pela Academia através da resistência cultural e do conhecimento. Uma das formas mais permanentes é preservando a história e a memória e educando a população pelo legado de luta, fé e vida no Sertão.



FIGURA 12 “7º Batalhão de Infantaria nas Trincheiras” ou “Acampamento dentro de Canudos”

Segundo Santos (2016; p.55)

“Segundo Einstein, uma quarta guerra mundial, se houver, será feita de pau e pedra, dada a devastação de uma provável terceira guerra, em que entre os vivos apenas ratos e baratas terão chances de sobreviver. Roland Barthes, por sua vez, já nos disse que, se por uma espécie de barbárie, alguma coisa da humanidade devesse ser salva, essa seria a seu ver um livro de literatura, ou o monumento literário, pois, além de ajudar os sobreviventes a recomorem

os saberes e a imagem do real, ainda restituiria ao ser humano a sua potência de simbolizar. ”

A trama de vida entre nascer e morrer contribui em um cerco na Guerra de Canudos com o cotidiano das batalhas, travadas em uma contenda duradoura em um combate de alta intensidade, onde homens e mulheres lutaram ombro a ombro de maneira igual. Segundo: (MOMBERGER, 2016). A Pesquisa Biográfica é diferente de outras correntes de pesquisa, pois implica a dimensão do tempo, ou a “temporalidade biográfica”, uma dimensão da experiência humana, pois Segundo Ricoeur: “O Tempo torna-se termo humano na medida em que é articulado de maneira narrativa. ” Ricoeur (1983, p.17). Compreende-se pelo tempo em Ricoeur tempo narrado, tempo vivido.

Um dos elementos da compreensão na história de vida ou “escuta de vida” das mulheres está presente na cultura da fala, em *Os sertões*, as mulheres são apresentadas por Euclides da Cunha de forma diminuta em seu papel histórico, tem um elemento da cultura dominante e de homens heróis da época. O conflito, na sua transmutação cultural, elimina as diferenças, na hora da guerra, não importa o sexo e sim a mão que luta e combate. Desde a antiguidade clássica, esse sentimento é representado nas lutas épicas. A perspectiva do herói, colonizador e dominador, alfa macho, se perde diante do conflito, até os escritos atuais revisa o papel das famílias e mulheres na guerra onde, até crianças fizeram parte do embate e isto compreende a cultura da resistência ela é traduzida pela oralidade de pai pra filho e arrebatada a família toda para a causa.. Segundo Williams (2008 p.107):

“ Com a invenção da escrita, existe já uma assimetria fundamental entre o uso desse meio poderoso e a participação comum como membro de uma sociedade. Isso se torna ainda mais acentuado à medida que aumenta a importância da escrita, mas a capacidade de ler cresce muito lentamente. As relações entre uma cultura ainda predominante oral e esse setor importante e cada vez maior “dentro” dela são especialmente complexas, e logo se chega ao ponto em que há uma diferença qualitativa entre a área oral, de que todos compartilham, mas a a qual a maioria está confinada, e a letrada, que é de importância cultural cada vez maior, mas, ao mesmo tempo, é minoritária dominante. ”

Como modo de vida de um povo, há uma percepção de que a cultura é um elemento de resistência e controle, através da consigna por terra, pão e paz milhões marcharam, com Canudos não foi diferente e antecede a tudo isto. Segundo Santos (2016; p.37):

“Sem lugar equidistante para situar o rico e o pobre, só restariam o brejeiro e a carnavalização para a representação romântica da pobreza,¹⁸ combinada

com a orfandade – sentimento materno violentado –, com a tortura, com o desenraizamento e com a reificação – elementos da condição escrava em Castro Alves, passando por um crivo radical do materialismo em que honradez e humildade não fazem o menor sentido em contexto capitalista e liberal, pois está fundado na mercantilização não apenas da força de trabalho, mas da própria classe trabalhadora. Isso faz emergir Canudos, em Os sertões, e sua noção de decrepitude da raça, cuja solução viria da construção de barragens, distribuição de cartilhas e aplicação da lei criada pelo sistema republicano. ”

A expressão “carnavalização” baseado em conceito teórico de Mikhail Bakhtin, é uma forma de ver o mundo através da inversão e transgressão de pares antinômicos. Bakhtin utilizou as manifestações do carnaval medieval e renascentista para criar esse conceito, que se aplica à literatura e à história. Quando os fatos históricos são tratados em forma de novelas e romances, romantizando as tragédias.

3.2. Características de uma comunidade e sua organização teocrática em Canudos.

Quando o pai de Conselheiro faleceu, ele tinha 27 anos, herdou um comércio em dificuldades e cuidou da irmã até ela casar. Ele casou com uma prima, Brasilina com teve um filho, o comércio não prosperou, Antônio Vicente passou a trabalhar como professor numa escola em uma fazenda da região, deixou o magistério começou a percorrer a região várias localidades do interior de Sobral no Ceará como caixeiro viajante (vendedor de porta em porta). Em Tamboril se tornou escrivão de um juiz de paz, em Ipu como Advogado provisionado (rábula), mas como se não bastasse o sofrimento da infância, sua esposa Brasilina fugiu com um militar, o sargento João Da Mata. Ele deixou a vingança de lado, era tradição da época e se tornou andarilho, oferecia seus serviços para reparar igrejas e reformar ou construir cemitérios. Segundo Calasans (2015; p.129):

“Três anos depois, quando começava a dar cumprimento à promessa, disse, em Salvador, respondendo laconicamente a um interrogatório policial: apenas se ocupava em apanhar pedras pelas estradas para edificar igrejas. Em seguida, ainda preso depôs em Fortaleza perante a autoridade da polícia cearense, explicando o que fazia nos sertões: “Disse, que sendo casado e não podendo viver em harmonia com a mulher, resolvera seguir uma vida de martírio e seu único fim era aconselhar o povo, tendo jpa erguido algumas igrejas e construído alguns cemitérios”⁴⁷.

Tendo buscado na sua vida de peregrino dedicar a caridade, nessas atividades, tirava seu

⁴⁷Jornal de Notícias, Salvador,30 de agosto de 1897. Transcrito de o Cearense, Fortaleza,23 jul.1876.

sustento o suficiente para viver, conheceu pessoalmente o padre Ibiapina.⁴⁸ Dedicou-se a construir obras religiosas, orfanatos, açudes contra a seca, recolhia doativos dos ricos e doava aos pobres, mantinha sua obra social. Entre buscar a vingança e uma nova vida, ele meditou os pensamentos e citações de Santo Agostinho: “ Mais ofenderam nosso Senhor Jesus Cristo, seus inimigos, quando dele murmuram do que quando o crucificaram”. Segundo Santos (2016; p.64) quando se refere à vida monacal:

“A vida no monastério pressupunha que, além da doação de todos os bens à Igreja, como uma primeira condição, o monge devia seguir as regras estabelecidas para o seu dia a dia: da hora de levantar, orar, fazer suas refeições, realizar a leitura das Escrituras, aos trabalhos de limpeza e organização internas. Assim, da vida que seria solitária, nasce, conforme Agamben, “um modelo de vida comunitária integral”,⁷ em que se compartilhava um lugar, uma veste, um *habitus*, mas fundado na regra da obediência. ”

Na idade média, a Igreja Católica renasce com as ordens mendicantes, religiosas, após as guerras violentas ou ao retornarem das cruzadas à terra santa, muitos jovens buscavam reacender sua fé, servindo em um mosteiro ou convento. Nesses espaços, também surgem os primeiros estudos superiores, nas universidades. Os primeiros passos, a seguir, eram as duras regras que seus fundadores escreveram para os seus discípulos, a obediência, a castidade, e a pobreza. Leia-se, em pobreza, a expressão que São Francisco de Assis assinala “Sem nada de próprio”, o que significa que as instituições não faziam esses votos, mas os monges. Antônio Conselheiro passou a ser um pregador da mensagem bíblica, ouvia os necessitados, confortava os aflitos, foi por esse motivo que ganhou o apelido de “conselheiro”. Até mesmo os padres o reconheciam e toleravam suas atividades.

Em *Os Sertões*, conforme Euclides da Cunha descreve Antônio Conselheiro, de forma complexa, mesclando uma visão fascinada e crítica. Ele o descreve como uma figura mística e carismática, capaz de reunir milhares de seguidores sertanejos ao redor de sua causa, em Canudos, mas também como alguém marcado por uma personalidade perturbada. Euclides o apresenta como um "fanático" movido por crenças religiosas extremas, influenciado pela dureza da vida no sertão. Contudo, há uma certa admiração pela sua liderança e pela força

⁴⁸ Conhecido como Padre Ibiapina, nasceu em Sobral (CE), José José Antônio de Maria Ibiapina, foi deputado, advogado e juiz de direito. Aos 47 anos abandona a vida civil e se torna padre decidindo peregrinar pelos sertões do Nordeste brasileiro evangelizando, e promovendo obras de ação social e educação. Um ícone do Nordeste, uma espiritualidade e líder religioso, participou de muitos feitos pelo Nordeste. Viveu entre 1806 a 1883.

simbólica que representava para o povo oprimido. Antônio Conselheiro aparece como uma resposta à miséria, um profeta que canaliza a revolta popular contra o governo republicano, visto, por muitos sertanejos, como algo distante e opressor.

Segundo Cunha (2003; p.97).

“Paranoico, indiferente, este dizer, talvez, mesmo não lhe possa ser ajustado, inteiro. A regressão ideativa que patenteou, caracterizando lhe o temperamento vesânico, é certo um caso notável de degenerescência intelectual, mas não o isolou--- incompreendido, desequilibrado, retrógrado, rebelde---, no meio que agiu.”

Seguido cada vez mais um número de adeptos que só aumentavam, em 1874, ele fixou perto de Itapicuru de cima no Sertão da Bahia, onde funda o Arraial Do Bom Jesus, ergueu uma capela, onde viveu por onze anos, sem causar nenhum transtorno a ninguém. Mas os fazendeiros, padres e autoridades se incomodavam com ele. Os fazendeiros perdiam trabalhadores que deixavam suas terras para seguir o peregrino, ouvir seus sermões, As autoridades chamavam de “fanáticos” que seguiam um líder “desvairado”.

Conforme Cunha (2003) faz menção que em 16 de fevereiro de 1882, o arcebispo da Bahia, Dom Luís Antônio dos Santos, emitiu uma circular dirigida aos párocos de sua arquidiocese, alertando sobre as atividades de Antônio Conselheiro. O arcebispo expressou preocupação com as doutrinas supersticiosas e a moral excessivamente rígida pregadas por Conselheiro, que estariam perturbando as consciências dos fiéis e enfraquecendo a autoridade dos párocos locais. Ele instruiu os vigários a não permitirem tais pregações, em suas freguesias, e a proibirem os paroquianos de assistirem a elas. Caso o Conselheiro persistisse em suas atividades, os párocos deveriam informar o arcebispo, que tomaria as medidas necessárias junto às autoridades policiais.

Conselheiro foi preso e acusado de “matricídio”, o acusavam de de ter matado a sua mãe e depois a esposa, o que não era verdade e esse fato teria ocorrido no Ceará, foi preso levado para Salvador e de lá para Fortaleza de barco, apesar dos maus tratos dos soldados não reagia. Ao ficar comprovado que sua mãe morreu, quando ele tinha seis anos de idade e sua esposa fugiu com um militar, ele foi libertado. Segundo Calasans (2015; p. 83):

“Em ofício datado de 28 de junho, apresentando os presos ao Chefe de Polícia, depois de comentar os fatos relacionados com a ação do Conselheiro que o povo denominava Santo Antônio, sugeria o delegado Francisco Assunção que fosse impedida sua volta ao Itapicuru, anunciada para breve pelos seus

fanáticos acompanhantes, porque o reaparecimento do inculcado santo traria graves perturbações. Dizia o ofício: “À vista desse mal plano que, em face das circunstâncias, executarão, peço a V. Sa. Para dar providências, a fim de que não volte o dito fanatizador do povo ignorante; e creio que V. Sa assim o fará, porque não deixará de saber a notícia, que há meses apareceu, de ser ele criminoso de morte na província do Ceará.”

Após esclarecer a sua situação, retorna a Bahia a aos sertões. Um longo período de estiagem, uma calamidade entre 1878 e 1880, ele ajudava os flagelados, sepultava os mortos, a multidão de seguidores cresceu, as autoridades e religiosos, tramavam meios para impedir e inviabilizar a expansão do movimento. Sua fala era clara e as citações em latim, usava para fundamentar seu discurso religioso. Em seus escritos eram visíveis, os conceitos de santos como texto de Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, Santo Inácio até mesmo Homero, poeta grego, o teatrólogo Eurípedes ou o poeta Virgílio e o educador Quintiliano.

A obra de Thomas Morus (1517), escritor católico inglês, “*Utopia*” era do conhecimento de Conselheiro onde cita a imaginar uma comunidade perfeita onde vivem em paz e igualdade, onde não tinham propriedade privada, nem dinheiro, nem prostituição, o ouro valia menos que o ferro, pela utilidade, a produção excedente era colocada em armazém público, as casas não tinham fechaduras nem trancas nas portas, o que Thomas Morus chamava de “comunidade de utopia, ou aquilo que não existe em lugar nenhum”.

A teocracia de Canudos não apenas desafiava a autoridade republicana ao criar uma sociedade paralela, mas também alimentava o medo de que pudesse desencadear revoltas maiores, inspirando outros grupos marginalizados. O governo interpretou o movimento como uma tentativa monarquista de restaurar o antigo regime, mesmo que, na prática, era mais uma busca por justiça social sob a liderança mística de Conselheiro. Segundo Calasans (2015; p.83,84): “Muitos anos depois em 1895, falando a Frei João Evangelista do Monte Marciano, Antônio Vila Nova declarou: “No tempo da Monarquia deixei-me prender, porque reconhecia o governo, hoje não, porque não reconheço a República.” Os seguidores próximos de Antônio Conselheiro pensavam como ele. Como funcionava a teocracia em Canudos?

Tendo como liderança religiosa e espiritual Antônio Conselheiro, visto como um líder carismático e profético. Ele pregava a rejeição ao governo republicano, que considerava corrupto e contrário à vontade divina. A sua liderança era baseada na fé católica popular, misturada com elementos místicos e apocalípticos. Sua organização social, em Canudos, funcionava como uma comunidade autossuficiente e coletiva. Não havia propriedade privada da terra e tudo era compartilhado entre os habitantes (como o novo testamento). O trabalho

agrícola era organizado de forma comunitária e a produção era dividida igualmente⁴⁹.

Rejeitavam a República, suas leis republicanas, Conselheiro acreditava que a República era ilegítima, associando-a ao fim da monarquia, que ele via como a forma de governo abençoada por Deus. Por isso, a comunidade rejeitava impostos, registros civis (como casamento e nascimento) e o serviço militar obrigatório. A justiça era baseada nos princípios religiosos que Antônio Conselheiro pregava. Ele impunha uma rígida moral cristã, condenando práticas como o adultério e a embriaguez. As decisões e conflitos eram resolvidos sob sua autoridade espiritual, como se ele fosse a voz da lei divina. Canudos cresceu rapidamente porque atraía ex-escravizados, camponeses pobres, indígenas e até soldados desertores — todos buscando uma vida sem opressão dos grandes latifundiários ou do governo.

3.3. O ser dionisíaco e desobediência civil, rupturas de uma cultura colonial

3.4.

Ao definir Apolo e Dionísio, em “*A Origem da Tragédia*” (1985), o progresso da ciência estética também promoveu a indicação lógica e do duplo caráter do espírito dionisíaco, como dualidade dos “sexos”, gera a vida no meio de lutas que são perpétuas. Os gregos nos ensinaram que as artes não cessam com a guerra, porque a vida não cessa. As duas divindades da arte, segundo Nietzsche (1953; p.37),

“Todo o homem que for dotado de espírito filosófico há-de ter o pressentimento de que, atrás da realidade em que existimos e vivemos se esconde outra muito diferente, e, que, por consequência, a primeira não passa de uma aparição da segunda; e Schopenhauer define formalmente o sinal distintivo da aptidão filosófica na faculdade que alguns homens possuem de se representarem os seres vivos e as coisas inertes como puros fantasmas, imagens de sonho. Pois bem: O homem dotado de sensibilidade artística comporta-se para a realidade do sonho da mesma maneira que o filósofo se comporta perante a realidade da existência.”

O contexto de colocar a realidade frente a frente, compreende uma leitura de Nietzsche que menciona Platão em “A teoria das ideias”, a Verdade e a sombra da verdade. Isto para compreendermos que a representação entre a arte e a vida não se distancia da nossa sensibilidade frente ao mundo.

Na história do povo de Canudos, prevalece o antagonismo entre o espírito apolíneo e

⁴⁹ Atos 2,42-47 E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios e sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Todos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum.

dionisíaco para explicar a vida e a arte na Grécia antiga, onde Nietzsche se vale de uma antítese que, segundo Hegel apud Abbagnano (1998; p. 74): “O verdadeiro é um triunfo báquico onde não há ninguém que não esteja ébrio e, como esse momento resolve todos os momentos que tendem a separar-se, ele é também uma transparente e simples tranquilidade”.⁵⁰ Onde, se observa que o espírito apolíneo domina outras artes plásticas, que são harmonias das formas; o espírito dionisíaco domina a música, que é o contrário , deformidade da forma que é a embriaguez. A exaltação artística foi só graças ao espírito dionisíaco que os gregos conseguiram suportar a existência. Quando percebe a verdade, conforme *Nietzsche*, o homem se torna um ser horrível e absurdo da existência. A Arte nos socorre, onde transfigura o absurdo e o horrível em uma vida insuportável. Assim nasce, através do espírito dionisíaco, medindo pelo apolíneo a tragédia e a comédia, em Apolo, a disciplina e em Dionísio, o Riso.

Em Apolo, o Estado clássico é uma forma elevada de potência, quando o ser dionisíaco se entrega à desobediência civil, no que se refere aos personagens da Cartografia de Canudos, a história revela diversos momentos de rupturas que são realizados pelo povo em toda essa epopeia. Podemos citar algumas passagens importantes, mas entre os vinte e seis mil moradores de Canudos que habitavam em quase cinco mil casas no “Arraial do Belo Monte”, era consenso seguir o Beato e suas orientações, seus ensinamentos e as doutrinas religiosas, em princípios que unificaram a todos na busca pelo paraíso na terra, o povo já não defendia um paraíso, mas as conquistas que estes paraísos lhes proporcionavam.

Quando Conselheiro marcha pelo Sertão, em suas pregações, ele abordava seus ensinamentos e suas contestações, a figura de um beato, vestindo uma bata, seguido por peregrinos de todas as classes sociais, era claro uma figura de contestação ao mundo.

Calasans cita um diálogo em 1895, onde Frei João Evangelista do Monte Marciano e Antônio Vila Nova, e declara, segundo Calasans (2015; p.83-84): “No tempo da Monarquia, deixei me prender, porque não reconhecia o governo, hoje não, por que não reconheço a República”. Negar a República foi uma ação permanente, no Grupo conselheirista, do Beato aos integrantes e moradores de Belo Monte. A desobediência civil como não recolher impostos, o comércio até com o exterior sem passar pelo controle do Governo, a relação com o Clero, atormentada pelas exigências da Igreja, em relação ao Casamento civil, uma imposição da República. Os Cemitérios que, antes eram administrados pela igreja, passam a ser propriedade da República; a Guarda armada de Conselheiro, quando já existia polícia, exército e um Estado

⁵⁰ Citação de Hegel Apud Abbagnano (1999; p.74) tirado da obra Fenomenologia do Espírito, obra de 1831, no capítulo “A Consciência de Si mesmo”.

Civil; os Negros e ex-escravos e ainda escravizados nas fazendas que abandonam os patrões para seguir Conselheiro; o uso da medicina e remédios à base de plantas. A desobediência como um traço do dionisíaco aparece, segundo Calasans (2015; p.111-112) na governança citada:

“Da “Meca “ do “Conselheirismo”, os fiéis convocaram novos adeptos, chamando os parentes e amigos para a “nova barca de Noé” que em outra era senão o Belo Monte. Euclides da Cunha anotou, numa das páginas de sua **Caderneta de Campo**, frases de um jagunço, definidora do proselitismo praticado em Canudos:”*Tocaram a me mandar cartas*”. Favila Nunes obteve e divulgou missivas de jagunços, bem significativas dos apelos, endereçadas aos parentes, ao, aos compadres, aos amigos. José Mendis (sic) dos Reis mandou perguntar a Benedito Pereira de Souza: “*Agora aparece pra cá uma notícia que o concelero diz que quem não for daqui até agosto que não bentra mais bentão eu lhe mandou pedir, a vem, que ci for sertoeu saber diretamente disto.*” Do Belo Monte, José Felix, apelidado o Taramela, que gozava da confiança do Santo Conselheiro, respondeu a Romão Soares dos Santos: “*Recebi sua estimada carta, e sobre ela respondo-lhe que Vim tendo vontade e gosto de vir faça por vir o mais breve que lhe seja possivel, com sua familia pois a marca do Senhor já está dada para os cristãos que quizerem gozar de sua santa compánhia .*”

Foram muitos modelos de comunicados desse exemplo, mas havia uma ressalva, esse convite não era permitido pisar no sagrado chão do Arraial sagrado do Belo Monte os Republicanos, os maçons, os protestantes eram renegados.

Eles, em cartas, diziam que a Freguesia tinha muita gente com o carimbo do anticristo e que o Conselheiro não queria eles lá. Exemplos de desobediência civil também é retratada no confronto do Masseté povoado de Tucano, em maio de 1893, onde os Conselheiristas enfrentaram e venceram uma tropa da Polícia Baiana, conforme Calasans (2015; p. 113):

“ O Dr Salomão de Souza Dantas, promotor público em Itapicuru, encontrou o Bom Jesus na fazenda Olhos d’água . A propósito do inesperado encontro, disse o Dr Salomão: ” *O mulherio constituía, então, a parte mais numerosa do pessoal fanático, podendo ser calculado em dois terços do bando que acompanhava o Conselheiro. Em Olhos d’Água , este disporia, de cem a duzentos homens de combate, com os quais fez a proeza de Masseté, ganhando daí em diante, prestígio e poderio incalculáveis em todo Sertão da Bahia e estados limitrofes.*”

A ruptura estava dada, a promessa de uma MECA no Sertão estava se consolidando, mas, ao contrário do que muitos pesquisadores e escritores sobre Canudos tentam fazer crer, essa nova sociedade de quase cinco mil casas e vinte e seis mil moradores, não era tão igual. Havia sim divisão de classes, a exemplo da Guarda Católica, ou Santa Companhia do Bom Jesus, cuidava da segurança desse povoado, do Santuário e da casa do Conselheiro ao lado da

Igreja, para defender o Arraial de ataques, ameaças, possuíam fardamentos próprio e adequado ao terreno, eram mantidos pelo Bom Jesus. Eram pessoas como João Abade, Antônio Beatinho, Antônio Vilanova, Joaquim Macambira, Pajeú, José Félix ou Taramela, membros da Guarda, o comandante da Rua era João Abade, e os que não obedeciam ou praticavam arruaça ou crimes eram punido com castigos ou bolos de palmatória e presos na poeira na cadeia local. O povo da companhia de Conselheiro, mais próximos dele eram os beatos ou beatas que rezavam sempre com ele, era constituído de escolhidos além dos comandantes ou doze apóstolos⁵¹. Os comerciantes e famílias ricas como os Vila Nova, dentre outros comerciantes, também vieram, seguindo o Conselheiro e se firmaram em Canudos. Mas foram os primeiros a fugir quando a Guerra começou.

Com a Monarquia no Brasil, mesmo após a independência de Portugal e, tornando-se República, não perdeu os vícios de colônia. Os colonizadores tinham como objetivo de desumanizarem os nativos, tratando a todos como peça de comércio ou trabalho escravizado, saqueavam as riquezas, destruíam a cultura, impondo o terror e instaurando um império de violência e discriminação.

Essa herança não se desfaz de um dia para outro, perdura por séculos, permanece essa marca numa terra destruída, transforma-se numa comunidade pacífica em uma descivilização. O que aconteceu no Sertão da Bahia em Canudos foi genocídio ou a continuidade dele deste a invasão Portuguesa e europeia. Segundo Amílcar Cabral (2013; p.46):

“ A principal característica da colonização é a negação do processo histórico do povo dominado por meio da usurpação violenta da liberdade do processo de desenvolvimento das forças produtivas. Nesse sentido, os/as camponeses/as africanos/as foram obrigados/as a produzir matérias-primas destinadas à indústria europeia, concebida, sobretudo, para climas temperados. Eis o começo da deterioração dos solos pelo abandono forçado das técnicas agrícolas tradicionais em favor da monocultura, agricultura intensiva e uso de fertilizantes (idem, 2010:764). Ao mesmo tempo que o processo colonial paralisava o desenvolvimento africano, o seu desenrolar nas colônias tornava materialmente possível o desenvolvimento científico e tecnológico da modernidade ocidental. ”

Não foi diferente de um Brasil Colônia para uma República colonizada, um país agrário e agrícola, tendo todos os seus recursos minerais e ambientais sendo dizimados, para favorecer

⁵¹ “Os 12 apóstolos” : Composta por 12 homens vestidos de camisolas azul, possuíam na cintura um cinto grosso comprido, cordão arrematado por duas bolas, tendo por suas cabeças um gorro da mesma cor, são os de maior confiança e por isto denominados de apóstolos. Segundo Pedro Batista Espírito Santo, em artigo publicado no Diário da Bahia, Salvador, 12 dez. 1895.p .2 c.5/6. Sobre o título A vila do Bom Conselho assaltada por Antônio Conselheiro.

a expansão da Europa e utilizando mão de obra escravizada. Os europeus não são herdeiros da superioridade científica, afirmar esse conceito equivocada e subalterno é negar a origem das grandes civilizações onde a aritmética e geometria criada pelos egípcios, a astronomia pelos assírios, a química pelos árabes, o racionalismo pelo Islã, a pólvora pelos Chineses. Desta forma, explica-se porque o progresso científico africano foi retardado em parte.

A colonização trouxe consigo a religião Católica Cristã, como elemento para retardar a evolução das comunidades e amenizar a dominação. Na condição de uma instituição privilegiada, torna-se sócia da dominação colonial e dividiu os lucros do saque e das riquezas recebendo em almas e os bens dos nativos. Monopolizou a educação e conhecimento, abençoou as armas que dizimaram os primeiros habitantes da nova terra e cultivou um silêncio cúmplice a um genocídio e tantos massacres na América Latina, de índios, Negros, crianças e mulheres, como confirma a poesia de Pablo Neruda⁵² (1950), na obra “Canto General”, No Poema: ODA A LA ARAUCARIA ARAUCANA, presente na Antologia poética.

Canudos e a experiência de uma resistência a essa imposição colonizadora, a resistência do povo em revidar uma agressão, um povo que renegava um Sertão que eles não queriam viver e desfrutar, pois o direito de existir lhes foi roubado, prevalecendo o espírito da morte do colonizador com suas armas estrangeiras, manejadas por filhos da terra, orientados por

⁵² La cruz,
la espada,
el hambre
iban diezmando
la familia salvaje.
Terror,
terror de un golpe
de herraduras,
latido de una hoja,
viento,
dolor
y lluvia.
De pronto
se estremeció allá arriba
la araucaria
araucana,
sus ilustres
raíces,
las espinas
hirsutas
del poderoso
pabellón
tuvieron
un movimiento
negro
de batalla:

européus. A Força do Estado, um Exército armado, com toda sua violência extrema, o silêncio e conivência da Igreja que, em nenhum momento, interveio mas favoreceu a destruição de uma comunidade religiosa de sertanejos com uma identidade, uma cultura e uma comunidade civilizada.

Os efeitos da nossa colonização estão presentes até os dias atuais, no nosso modo de vida, por mais que resistimos, ainda sofremos as consequências desta presença indesejada em nossa terra de hábitos que não pertencem à nossa cultura e nunca contribuíram para nossas vidas. A exemplo de um Exército corrupto e subserviente, um Estado com a soberania ameaçada, um povo perseguido e oprimido, mas jamais dominado.

CAPÍTULO IV

4. OS PERSONAGENS SUBALTERNIZADOS E SUAS NARRATIVAS NA OBRA CARTOGRAFIA DE CANUDOS.

Para corresponder à composição da sociedade que se formou, em torno do Arraial do Belo Monte, temos que observar a localização do Território. Segundo Calasans (2015; p.111):

“Da “Meca” do “conselheirismo”, os fiéis convocaram novos adeptos, chamando os parentes e amigos para a “nova barca de Noé” que outra não era senão o Belo Monte. Euclides da Cunha anotou, numa das páginas de sua Caderneta de Campo, frase de um jagunço, definidora do proselitismo praticado em Canudos: “*Tocaram a me mandar cartas*”.

Aos poucos, a notícia foi se espalhando como rastro de pólvora, uma propaganda de boca em boca. Canudos torna-se um lugar de “Salvação”, onde todos trabalhavam e produziam suas lavouras, criavam seus animais domésticos e não passavam fome ou sede. Cresceu muito rápido a população. Segundo Calasans (2015; p.113-113):

“A história do crescimento populacional de Canudos comporta algumas etapas, que julgamos hajam sido as seguintes. 1. Os primitivos moradores do Arraial; 2. Os seguidores de Antônio Conselheiro com ele chegados; 3. As levas de sertanejos, procedentes de vários municípios, que se transportaram para Belo Monte entre 1893 e 1896; 4. Homens e mulheres que, iniciada a guerra, quiseram ir para o lado de Conselheiro no intuito de defendê-lo e com ele sofrer as terríveis agruras daqueles momentos difíceis.”

Entre esses quase 25 mil sertanejos habitantes, homens mulheres, crianças, é registrado por Calasans (2015; p. 112): “poucas crianças nasceu em Canudos”; de todas as raças: índios, negros⁵³ (ex-escravizados,) ex- jagunços, vaqueiros, “aloiado dos zois azul” holandês que combatiam junto aos jagunços de Conselheiro, camponeses de toda região do recôncavo da Bahia, ao Norte de Paulo Afonso e Juazeiro, gente do Ceará e quase todos os estados nordestinos que trabalhavam nas fazendas, ferrovias e obras e ficaram desempregados ou largaram a lida, desertores que eram ex-combatentes de Canudos, religiosos, beatos e beatas, rezadeiras, muitos saíram da condição de dominados e subalternizados trabalhando em regime de escravidão ou semi escravidão, eram a base da pirâmide social de Canudos, mas tinham famílias com posses e dinheiro que fizeram comércio em Canudos, tinham uma condição melhor.

O Sertanejo é um colonizado, pressupondo que a colonização começa pela costa marítima, entra no território adentro pelo interior do Brasil, o que antecede em séculos antes destes eventos. O país já tinha muitas intervenções de fora, na agricultura com cultivos vindo de fora, herança dos povos originários, a exemplo do milho, vindo dos astecas, maias, incas, o cacau da África, cravo da Índia, cana de açúcar nas Antilhas e América central trazido pelos holandeses, o café, chás de especiarias das Índias, o gado e cabras e bodes vindo da Índia, e países árabes, muitas heranças culturais que foi formando a cultura e identidade do povo sertanejo. Testando a sabedoria do povo que, na sua transcendência, vai adaptando à cultura ao clima sol, seca, pouca água, a qualidade da terra.

O sertão de clima quente e seco exige roupas apropriadas, couro de boi e cabra, fonte de renda e de exportação de Canudos para o exterior, inclusive Europa e Estados Unidos. Algodão para suportar o calor, esteiras, redes, cerâmica, além de tudo isto, a cultura vai gerando formas de sobrevivência como alimentos que sustentem o ser humano na sua labuta diária. O modelo das casas, o terreno de altos e baixos, sempre beirando os rios da região, os cactos, plantas medicinais sempre em volta das casas, Euclides da Cunha registra uma enorme quantidade de plantas que fazem parte desse cenário da savana nordestina. Outro aspecto marcante é a fé, que alimenta a mística e dá suporte ao modo de vida dos humildes e não mais humilhados, nem subalternizados. É importante salientar no que se refere ao conteúdo dos manuscritos, “*Tempestade*”, e do outro “*Preceitos*”. Segundo Calasans (2015; p. 49): “O

⁵³ Segundo Professor Dr Patrício Batsikama do ISPT Angola, tinha a presença de angolanos, é sim possível dado que uma das manifestações de matrizes africanas presente no Candomblé na Bahia é “o bate folha” de origem angolana, os negros escravizados que vieram a Salvador em navios negreiros vinham do Benin, antiga Daomé, Angola, Mocambique, Gana, Costa do Marfim, Ruanda.

manuscrito de 95 é simplesmente um registro de conceitos religiosos, enquanto a obra de 97, que em parte é cópia do anterior, consigna idéias políticas e sociais, de combate à República, à escravidão, aos maçons, aos protestantes e judeus”. Também eram impedidos de habitar em Canudos.

Entre os subalternizados destacamos a presença religiosa dos frades e um padre em Canudos e seus papéis frente à comunidade, um religioso por natureza da sua vocação, ele é obediente às autoridades eclesiásticas e humilde na sua condição de viver com austeridade, mas exerce uma função de mensageiro, muitas vezes, buscam o diálogo religioso com a comunidade de Canudos: Conforme Calasans (2015; p.49):

“ Em maio de 1895, tiveram missionando em Canudos Frei João Evangelista do Monte Marciano e seus dois companheiros Frei Caetano e padre Vicente. Os sacerdotes, malogrados nos seus intentos religiosos, saíram do povoado a 21 de maio. Três dias após, Antônio Vicente Mendes Maciel datava seus *Preceitos*. Simples coincidência? Haveria outra intenção? Escrevendo um livro, que se mantinha rigoroso dentro da doutrina católica, pensaria o Conselheiro demonstrar ser desnecessária a presença de outros padres dali por diante no meio da comunidade? Ele próprio não era capaz de ordenar num livro os preceitos religiosos a seguir? Relativamente à datação das *Tempestades*, vale anotar que naquele mesmo janeiro de 1897 estava marchando sobre Canudos a tropa comandada pelo Major Febrônio de Brito, que bateu com os jagunços na travessia do Cambaio. A obra foi “mandada subscrever” quando a força se aproximava do povoado messiânico. ” Canudos estava em guerra. ”

Conselheiro preparou o seu povo para guerrear, e a partida dos religiosos já estava vinculada ao zelo que ele tinha pela religião, até nos últimos momentos ele se preocupava com o outro. A relação com a religião detinha um caráter de forma piedosa, a pregação dos religiosos exigia penitências e sacrifícios, jejum, orações que representavam gestos do catecismo da época, recorte de uma teologia tradicional da igreja e Canudos tinha uma teocracia mesmo governada pelo povo e por seu conselho de segurança administrativa tinha uma autoridade máxima a quem todos obedeciam e se reportavam. Ninguém rompia os laços que vigoravam as ordens tanto faladas como escutadas dados pelo Conselheiro.

Em um espaço da Cartografia de Canudos, aparece uma abordagem sobre a escravidão, onde alguns ex- escravizados são nostálgicos a monarquia, saudosos a da princesa Isabel, eram vistos como “desajustados”, que se ajuntaram a Antonio Conselheiro, em face do novo regime de 15 de novembro de 1889. Calasans aborda sobre o conceito de Euclides da Cunha e a forma como Gilberto Freyre em *Casa Grande e Senzala*, que figura o ex-escravo na sociedade sertaneja “ausente” se quer admite a presença de “treze de maio” como eram chamados, era a

invisibilidade do subalternizado negro no sertão.

Conselheiro agregou em volta de si vários brasileiros humildes de várias partes do Brasil, inclusive muitos ex-escravos. Em sua mensagem sempre a favor da monarquia, falava também sobre a escravidão como um dos dois grandes problemas do seu tempo. Consideravam o sistema métrico decimal. Ao citar Manuel Benício⁵⁴ (1891), correspondente “do Jornal do comércio” do Rio de Janeiro, Calasans fala de um dos sermões de Antônio Conselheiro onde ele denuncia a opressão dos cobradores de impostos (impostos foi uma das bandeiras de lutas dos conselheiristas da época) sobre uma senhora de idade que vendia esteiras. Segundo Calasans (2015; p.173):

“A Feira em questão chegara uma pobre curuca a vender esteira que deitava no chão. O arrematante do imposto exigia cem réis, porção de terreno que a esteira e a pobre velha ocuparam. Esta, que apreciava o valor da esteira em oitenta réis, portanto a escravidão reclamou, queixou-se em voz alta ao povo, chorando, lastimando-se: Juntou-se gente e todos davam razão à velhota, pois como se há de pagar um tosstão de imposto, quando o gênero que se vende vale quatro vinténs diziam. O Conselheiro, na prédica que fez esta noite, referiu-se ao caso da velha alegando: Eis aí o que é a República, o cativo, trabalhar somente para o governo. É a escravidão anunciada pelos mapas que começa. Não viram a tia Benta (nome da velha)? é religiosa e branca, portanto a escravidão não respeita ninguém.”

Aos poucos ao perceber entre esses exemplos os subalternizados como a vendedora de esteiras eram comparados aos novos escravos da Republica. Euclides da Cunha observa essas posições do Conselheiro sobre a Escravidão, como um grande problema social, mesmo tendo sido concedido a abolição, os métodos continuavam por um tempo. Ao mencionar sobre o amigo de infância João Brígido, Antônio Conselheiro cita sua vocação: “Seguirei para onde me chamam os mal-aventurados” e se coloca na postura dionisíaca de questionamento da sua verdadeira vocação. O escravo era para ele “mal-aventurado”, um sofredor que precisa de assistência, ele escolhe evangelizar os escravizados e ex-escravizados, se antes escravos agora pobres, sem nada, um subalternizado que possui uma liberdade de passar fome. Ao citar dona Benta, é vista como uma mulher branca desrespeitada, porque a cor ainda era uma referência.

Ao pregar para mais de duas mil pessoas, no Timbó onde era construída a estrada de ferro, a multidão de escravos o escutava. O barão de Jeremoabo Dr. Cícero Dantas Martins, dono do município de Itapicuru, em uma declaração ao jornal de notícias da Bahia, ed. 5 de março de 1897, “a abolição da escravatura aumentara o número de acompanhantes do Bom

⁵⁴ BENÍCIO, Manuel. O Rei dos dos Jagunços, Rio de Janeiro: Tip.do Jornal do Comércio,1899. p.95

Jesus Conselheiro... E isto falta braços para a lavoura. ” Considerando que toda extensão de terra de Itapicuru a Jaquaripe no Baixo sul da Bahia e praia dos Garcez era terra do Barão de Jeremoabo. Hoje dos herdeiros da família Dantas Tourinho, uma verdadeira capitania hereditária.

No Manuscrito “tempestades que se levantam no coração de Maria por ocasião do mistério da Anunciação” tem palavras do autor em face da Escravidão. Segundo Calasans (2015; p. 178):

“É preciso que não deixe no silêncio a origem do ódio que tendes a Família Real por que sua Alteza e Senhora Dona Izabel libertou a escravidão, que não fez mais que cumprir a ordem do céu; porque estava chegado o tempo marcado por Deus para libertar esse povo de semelhante estado, o mais degradante a que podia ver reduzido o ente humano; a força moral (que tanto horna) com ella procedeu na satisfação da Divina Vontade, constituiu sua confiança que tem a Deus para libertar esse povo, não era motivo suficiente para zoar o brado da indignação que arrancou o o ódio da maior parte daqueles a quem esse povo estava sujeito. Mas os homens não penetram a inspiração divina que moveu o coração da divina e virtuosa princesa para dar semelhante passo; não obstante ella dispor do seu poder, todavia era de supor que ella meditaria antes de o por em execução acerca da perseguição que havia de soffrer da liberdade, um dos Ministros lhe disse: Sua alteza, assigne o decreto da liberdade, olhe a republica como ameassa, o que ella não liga a mínima importância, assignado o decreto com aquella disposição que tanto o caracteriza. A sua disposição, porém, é prova que atesta do modo mais significativo, que era vontade de Deus que libertava esse povo”.

Não é à toa que ele possuía muito conhecimento e sabia expressar para povo como escrever. Quando não conseguia escrever, ditava. Fala do escravo com grande compaixão, mais do que muitos religiosos que consideravam a escravidão como algo natural. Muitas mulheres foram prostitutas durante a guerra, serviam aos soldados, em Monte Santo elas ofereciam seus serviços em cabarés. Mas a Forma como as mulheres são descritas na Cartografia de Canudos e como elas são vistas pelo escritor Euclides da Cunha em “Os Sertões”, chama atenção do escritor e médico Afrânio Peixoto em 1911, Segundo Calasans (2015; p.233): “Não escreveu um regato, de um crepúsculo, canto de pássaro ou capricho de mulher. Jactou-se mesmo, uma vez, de não haver em todos os seus livros uma só dessas criaturas”⁵⁵. O Traço machista do autor de “Os Sertões” fica claro em sua obra, e demonstra na forma de descrever as combatentes de Canudos e seus corpos. Quando fala sobre a visão de Euclides da Cunha a respeito das mulheres aparece a seguinte opinião. Segundo Calasans (2015; p. 238):

⁵⁵Universidade da Bahia,1959, p.7/23.PEIXOTO, Afrânio. Poeira da Estrada. Rio de Janeiro: W.M. Jacksoninc.,1947. p.37

“É na obra famosa que se tornam visíveis aos olhos dos pesquisadores as mulheres de Euclides da Cunha. Causa pena vê-las. Estão terrivelmente marcadas, duramente estigmatizadas. São feias, megeras, bruxas, viragos, zangas. Uma autêntica caqueirada humana, que o autor parece ter sido o prazer de debuxar. Há, todavia, naquele imenso deserto de beleza, um “rosto formosíssimo”, aclarado por “uns olhos grandes e negros” verdadeiro oásis de graça feminina. Documentemos as afirmações. ”

A visão de um escritor cujo pensamento e padrão de beleza ficou na Europa ou Rio de Janeiro, não consegue olhar para além da paisagem, uma mente que capta tantos detalhes tem uma visão tão turva da essência da estética feminina das mulheres sertanejas. Ele consegue vislumbrar, em sua obra, três mulheres conforme Calasans cita na *Cartografia de Canudos*, A primeira Helena Maciel, tia de Antônio Conselheiro, a segunda, a mãe Maria Joaquina de Jesus, a terceira, prima e mulher do chefe carismático do Belo Monte, uma infiel ao marido. Esses apontamentos rápidos derivam das diferentes posições que cada uma ocupava na história. Para entendermos melhor a citação nos ajuda na compreensão. Segundo Calasans (2015; p.238-239):

“A primeira, Helena Maciel, tia do “Santo Conselheiro”, participante direta e ativa nas lutas renhidas que os Maciéis de Quixeramobim sustentaram contra os poderosos Araújo dos Sertões Cearenses. Helena, que um velho cronista da terra de Iracema chamou de Nêmesis da família, era um estranho tipo de mulher, terrível pelo seu espírito de vingança, pela infernal capacidade de urdir tocaias. A segunda, a mãe do Conselheiro, acusada pela tradição popular de ter levado o filho a matar a própria esposa, representava o tipo tão mal compreendido da sogra. Envolvida nas teias de uma lenda arrepiadora, Maria Joaquina de Jesus, falecida quando o futuro milagreiro era ainda uma criança, ficou, nas crônicas de Canudos, injustamente julgada. A terceira, prima e mulher do chefe carismático do Belo Monte, de vida irregular e leviana, afinal abandonada pelo marido em consequência de sua notória infidelidade. A respeito das três mulheres não nos disse Euclides da Cunha nada considerado, porém, na existência singular do peregrino cearense, que a “mulher foi a carga adicionada à tremenda tara hereditária, que desequilibraria uma vida iniciada sob os melhores auspícios.”⁵⁶ Atribuiu, então, ao “Santo Conselheiro,” como resultante da desgraça conjugal, uma atitude de permanente repulsa diante da beleza feminina, identificando-o, neste passo, com os seguidores de Montanus. “A beleza”, escreveu Euclides, “era-lhes a face tentadora de Satã. O Conselheiro extremou-se mesmo no mostrar por ela invencível horror. Nunca mais olhou para uma mulher. Falava de costas mesmo às beatas velhas, feitas para amansarem sátiros”.

Mesmo as mulheres que aparecem nessa narrativa, pela sua condição de gênero e observando a cultura da época, podemos concluir que, além de invisibilizadas, elas são

⁵⁶ CUNHA, Euclides da. Os Sertões. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1946. p.160.

completamente subalternizadas a sua condição humana, antes de qualquer comprovação a acusação a mãe de Conselheiro pelo Matricídio é terrível, uma vez que ela nem figurava na cena, demonstra a teia de diálogos telemáticos da época demonstrando que o poder da fofoca é antigo e terrivelmente destruidor, como a calúnia é uma arte de guerra. Mesmo sem comprovar, foi para as manchetes de jornais e dos principais jornais.

A ideia de que a mulher é diferente do homem na vingança é uma forma de ver como ser inferior, vingança no ser humano é um alimento do caráter de forma igual. Mas, na mulher, soma com um ato amplificado. A infidelidade é sempre foi para mulher como uma atitude condenatória e de graves consequências, para o homem é um ato de descuido, para mulher um pecado mortal, ela é isolada do convívio social, como a antropologia define nas tribos primitivas é uma dissociada do convívio comunitário por carregar um grande fardo de erros irreparáveis, esse comportamento é um elemento em que uma criatura subalternizada abaixo do abaixo convívio que está submetido, é um profundo desprezo.

Não podemos esquecer na *Cartografia de Canudos*, o encontro do escritor com as nove prisioneiras de Canudos, os correspondentes buscavam notícias como aves agourentas que pudessem publicar em seus jornais quase todos censurados ou vigiados, distante da realidade do conflito e notícias que agradassem seus redatores e patrões, que serviam aos políticos e empresários e fazendeiros barões da república e da capital. Eles iam aos hospitais, quartéis, estações de trem, de telégrafo, ou até necrotérios onde pudessem encontrar sobreviventes que pudessem entrevistar. Descreve Calasans sobre as mulheres jagunças, em um periódico de notícias elas são descritas entre as nove prisioneiras. Em 7 de agosto de 1897 Euclides da Cunha permaneceu na capital até o final do mês, depois foi para o teatro da guerra. Segundo Calasans (2015; p. 241) descreve:

“Nove mulheres, algumas mal-encaradas, feias, verdadeiras fúrias. Três ou quatro simpáticas, entre as quais uma Isabel de tal, clara, rosada, e amamentando uma criancinha de cerca de três meses, a que deu à luz por ocasião do célebre combate de Cocorobó. No dia seguinte voltou Lelis Piedade a procurar as míseras mulheres, escrevendo: “Fui ter de novo com as nove prisioneiras. A Isabel (uma que se julgava princesa) é um tipo completo do brasileiro legítimo. Olhar seguro, penetrante e bonito, rosto fino e cor de cobre, cabelos negros e abundantes, dentadura alva e correta, cheia de espírito enfim. As provocações e a imundice, porém, dão-lhe um aspecto singular. Há uma outra Isabel, uma verdadeira desgraçada e digna de dó, muito simpática. Amamenta uma criancinha muito terna. ”

Há uma grande diferença na narrativa de Lelis Piedade e de Euclides da Cunha, olhares diferentes para a mesma realidade. A maneira como os dois encaram as mesmas jagunças de

forma diferente, o modo sensível de cada fala de uma para com a outra. Descreve a perspectiva do olhar. Ao se referir às mulheres que encontra, ele cita “todas as idades, todos os tipos, todas as cores”. E continua: “Grenhas maltratadas de crioulas retinas, cabelos corredios e duros de caboclas; trunfas escandalosas, de africanas; madeixas castanhas e louras de brancas legítimas.” Atesta mais a frente “O perfil judaico”, todas as citações feitas em Calasans (2015; pags. 242-243). Cita ainda que deparou em Monte Santo “com vivandeiras, companheiras de soldados”. Mulheres que vendiam seus serviços.

Em meio a esta quantidade de gente envolvida na Guerra de Canudos, podemos afirmar que, de alguma forma, todos eram subalternizados, seja pela condição de vítima ou de gênero, cor, sexo, religião, todos tinha alguma forma de submissão ao sistema ou modo de vida que abraçou. Os dominantes, na sua lógica de guerra, colocam outros para morrerem em seu lugar. E nem lá vão defender sua posição. Foi uma guerra entre irmãos do mesmo país, por qual razão se massacrrou esse povo? Resta procurar respostas e entender as realidades históricas.

4.1. A relação entre o Dionisiaco e o modo de vida existente nas narrativas da literatura atual

Os gemidos de dor da guerra não podem ser expressados como única forma de enxergar o Sertão, existe glória nos vencidos; a guerra como tragédia tem seu campo de verdades e aparências a ilustrar. Quando mergulhamos na literatura de Canudos ou sobre Canudos, é fundamental ir à origem, perceber nas falas e relatos dos seus descendentes ou ainda sobreviventes um testemunho de caráter existencial, a identidade deste povo é reveladora de conteúdo, ao chão, à terra, aos rios, à caatinga, à cultura, à culinária nordestina, às plantas que curam, à música e , à poesia de cordel ou poesia do povo, elementos que refletem o modo de vida e experiências que precisamos conhecer e provar.

“Dentro do Cocorobó
 Ouviu-se um grito
 Por almas inundadas
 Raquel chorou
 Do horror da terra quente, se escuta
 Gritos de dor
 Das batalhas e massacres
 Milhões de mortos
 Da espora da opressão
 A triste sorte
 Geme o povo dos sertões
 Solta gritos

Gritos de dor
 Salve, salve Canudos
 Roga a Deus, ó Maria
 Benze o povo e eleva
 Cristo é o seu guia
 Do navio e da aldeia
 Nos misturamos
 Índios, negros e roceiros
 A marca herdamos
 Do deserto das três raças
 Deus chama
 A Promissão
 Salve, salve Canudos
 Roga a Deus, ó Maria
 Benze o povo e eleva
 Cristo é o seu guia
 De beatos e missões
 A fé colhemos
 Da escola da enxada
 Partilhamos
 Do conselho dos profetas, ouvimos
 Libertação
 Salve, salve Canudos
 Roga a Deus, ó Maria
 Benze o povo e eleva
 Cristo é o seu guia
 Salve, salve Canudos
 Roga a Deus, ó Maria
 Benze o povo e eleva
 Cristo é o seu guia”⁵⁷

A Canção é um manifesto, mas não é o hino de Canudos que é outra letra e música, traz nesses versos uma loa do movimento popular de Canudos que sempre junto a luta da UNEB, não deixa a história ser apagada. Esse canto ecoa em cada lutador social que não desiste de Canudos, o povo sobreviveu e reergueu a sua história, o Exército sempre desmoralizado pelo seu feito de violência e covardia não podem nem reivindicar qualquer ato de glória.

Mas a pergunta que faço é: De que modo esse povo enfrentou a sua dor por tantas décadas? Qual a dimensão da sua dor? Acredito que as respostas existem nas letras que escutamos ou em livros e manuscritos, documentos e apresentações seja no teatro ou no cinema, versos, rezas, jaculatórias, discursos. Segundo Calasans (2015; p. 183):

“Numa mobilização geral, como no caso em apreço, também são convocados os poetas. A lira é arma de combate em muitas oportunidades. Versejando e cantando, o vate e o cantor contribuem para a vitória do seu grupo, exaltam seus heróis, ferem fundo os adversários, amenizam a desdita da grei. É sempre bom versejar e cantar.”

⁵⁷ Salve Canudos – Composição e Música de Fábio Paes e Jurema Paes.

Havia toda uma mobilização nacional para derrotar Canudo, o povo só tinha uma versão: “fanatismo”, “Um séquito de jagunços”, “reduto monarquista”, “ódio aos impostos”. Mas ninguém se abateu. As referências na cultura e de forma implícita ou explícita nos relatos, o episódio de Canudos ressoa como um ato de traição. Em *Odisseia*, do poeta grego Homero, há uma passagem muito sublime sobre a volta de Ulisses para casa, segundo Homero (2015; p.193), Tradução de Nunes.⁵⁸ No Livro 17 da *Odisseia* cita:

“De carrapatos coberto ali estava aninhado o cão Argos. Ao perceber Odisseu, que passava, entretanto, ao pé dele, a cauda agita de leve, abaixando também as orelhas, sem que possível lhe fosse avançar ao encontro do dono. Este uma lágrima logo enxugou, disfarçando a mirada, para que Eumeu não o notasse, dizendo-lhe logo em seguida: “Que belo cão, caro Eumeu, neste monte de estrume se fina! Forma admirável, de fato, possui; mas ignoro uma coisa: se era veloz na carreira, com ser de exterior tão perfeito, ou se somente era cão de banquetes, como esses que os homens 310 soem criar para gáudio exclusivo dos próprios senhores.” Deste-lhe, Eumeu, em resposta, as seguintes palavras aladas: “Foi este cão de um senhor que morreu muito longe da pátria. Ah, tivesse ele a esbelteza de outrora e correr conseguisse como o fazia, ao partir para Troia Odisseu valoroso, e, certo, espanto sentiras, ao vê-lo tão ágil e forte. Caça nenhuma podia fugir-lhe no espesso das matas, quando se achava a segui-la, que certo era o rasto encontrar-lhe. Ora ele está bem doente e, ainda mal, o amo longe da pátria já faleceu; indolentes criadas do pobre não curam.”

Essa passagem se refere ao retorno de Ulisses que retorna a Ítaca disfarçado de mendigo para não ser reconhecido pelos seus inimigos para assumir o poder após retornar da sua jornada, vindo da Guerra de Tróia, e se perder nos mares de Poseidon justo por desobedecê-lo. A citação refere-se ao cão Argos, o único que reconheceu Odisseu, o velho amigo despreza toda a aparência e ver a verdade, por trás de um disfarce imperceptível. A verdade, em Canudos, era vista e reconhecida pelo seu povo. Os Soldados vieram lutar numa guerra onde só possuíam a aparência nas suas imaginações, construídas pelos seus oficiais superiores, desconheciam o terreno, a seca, a fome, o sol escaldante, a doença e a morte como símbolo, o desespero começa a fazer parte do cotidiano dos que achavam ser fácil vencer Canudos. É através de símbolos, que a sabedoria dionisíaca se expressa⁵⁹. Nietzsche não faz nenhuma menção direta à compreensão de símbolo na tradição filosófica e estética do final do século XVIII e da primeira metade do século XIX, mas se apropria (com muita liberdade) dela para sua própria tarefa de

⁵⁸ Homero *Odisseia* / Homero; tradução e prefácio Carlos Alberto Nunes. - [25. ed.] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

⁵⁹ Cf. NIETZSCHE, 1988, I, p. 108. Cf. também HEMEL SOET et al., 2006, p. 23 ss.

‘simbolizar’ a sabedoria dionisíaca.⁶⁰

Muitas eram as armadilhas construídas pelos jagunços de Conselheiro, assim como o mar revoltado de Odisseu que possuía as artimanhas de Cilas, ou a procela e o tufão, as ninfas de Calipso que acolheu Odisseu, os monstros marinhos, a savana do Sertão era imensa, atrás de cada pedra, morro, rio, tinha a morte de espreita. Com o avanço da tragédia e do Genocídio o quadro pintado pela realidade da dor figura na *Origem da Tragédia*, Segundo Nietzsche (1985; p. 35): “a evolução progressiva da arte resulta do duplo caráter do espírito apolíneo e do espírito dionisíaco, tal como a dualidade dos sexos gera a vida no meio de lutas que são perpetuas e por aproximações que são periódicas.” A racionalidade da Guerra é uma racionalidade apolínea, exige planejar, calcular e pensar muito sobre a realidade de se manterem vivos. É uma realidade dionisíaca, porque a dança da morte enlouquece o soldado, mas cria nos seguidores de Conselheiro uma luta para ganhar o céu, uma guerra santa.

Aparência ou sombras da verdade é o que restou ao povo do país que era mal informado nos jornais censurados da capital, todos os jornais comprados e recheados de notícias falsas, muitos correspondentes nem pisaram em Canudos, cobriam a Guerra de Salvador, Monte Santo ou Queimadas e, na sua grande maioria, nunca pisaram os pés no teatro da Guerra. Em *Odisseia*, o guerreiro, após longa jornada, retorna para casa, para os braços de sua amada, muitos soldados nem retornaram, morreram e foram comidos pelos abutres e urubus na caatinga. Já Conselheiro, após longa caminhada pelo Sertão foi descansar, em sua casa Canudos, onde ofereceu aos que com ele um lar, um repouso, uma terra. Nesta lógica, seus moradores e lutadores dionisíacos pela garantia de suas conquistas, lutavam para manter seu modo de vida. Conforme Nietzsche (1985; p. 50):

“Se da nossa própria realidade nos abstrairmos por um momento, se concebermos a nossa existência empírica, e a do mundo em geral, como representação a todos os instantes suscitada pelo Uno primordial, e compararmos este existir com o sonhar, então o sonho há-de ser para nós aparência da aparência, e nesta qualidade, a satisfação ainda mais perfeita do desejo primordial de aparência.”

O desejo de sonhar não poderia abstrair o povo de Canudos da realidade de resistir, pois a outra forma de vida estava desenhada na destruição da experiência do sonho, o filósofo trás para luz o conflito eterno, país de todas as coisas, presente na arte de *Rafael na Transfiguração*,

⁶⁰ A diferenciação do simbolismo dionisíaco em relação ao apolíneo é de fundamental importância para o processo de criação estético-cosmológico. O que Nietzsche entende por símbolo? “Símbolo (Symbol) é a transposição de uma coisa para uma esfera completamente diferente” (NIETZSCHE, 1988, VII, 3(20)).

onde a parte inferior do quadro, com o rapazinho possesso, portadores desesperados, os discípulos gelados de terror, mostra-nos o espetáculo da eterna dor original, o mundo. Onde os sofrimentos são necessários para que os indivíduos sejam obrigados a criar a visão libertadora. O povo de Canudos sabia que, um dia ou outro, seu modo de vida estava ameaçado, isto era profetizado pelo “Santo Conselheiro”. Assim como o povo grego não se iludia como o paraíso terrestre, viviam a alegria do seu Cardia (kardiá)⁶¹, o destino os conduziam, o direito de sonhar não lhes era tirado. Segundo Nietzsche (1985; p.46):

”agora já a montanha mágica, chamada Olimpo, vai perdendo o encanto a nossos olhos que veem a claro os fundamentos. O Grego conheceu e sentiu as angústias e os horrores da existência: para lhe ser possível viver teve de gerar em sonho o mundo brilhante dos deuses olímpicos. ”

Buscando viver e vencer o povo de Canudos age como os Gregos, construir uma estética que vislumbre cultivar sua fé, guardar sua contrição, como os Gregos cultuavam seus deuses. Mas, assim como um castelo de areia é temporário, a vida na terra é um sopro. As ideias de uma “ingenuidade” respiravam em meio a comunidade, viver em sua própria terra, onde não faltava comida, água, fé vida e trabalho para todos. Esta promessa foi cumprida.

“*Em um bom depoimento*”, José Calasans descreve, na Cartografia de Canudos, a opinião de Almir Martins Horcades, um dos acadêmicos da Bahia que era formado em Farmácia, estudante de medicina, veio servir nos arredores do Belo Monte, no meio tempo, foi correspondente do Jornal de Notícias de Salvador. Ele cita os “degolamentos depois do Conflito” no qual foram vítimas os últimos pobres sertanejos, como o caso de Antônio Beatinho, sacristão do Bom Jesus Conselheiro e foi tema da sua tese “O Beijo”, que tratava sobre os conflitos sangrentos, Calasans (2015, p. 229).

Ainda com referência às mulheres, apesar de não pregar “o amor livre”, também não o condenava. Conselheiro defendia o casamento religioso, refutando o Civil por ser uma instituição da República. Em Canudos, casava-se quem queria, as mulheres que escolhiam ficar solteiras podiam ficar sem constrangimento, ninguém censurava seu comportamento, não havia distinção entre mãe solteira e viúva e que moravam em um lar civilizado.⁶² Filho natural ou legítimos, todos eram iguais, não era tolerado por Antônio Conselheiro a prostituição, já que as

⁶¹ Coração, em Grego καρδιά .

⁶² No Cemitério do Povoado de Mato Grosso, em Rio de Contas -BA, existe uma cova de uma mulher fora dos muros do Cemitério, perguntando ao povo por quê aquela cova está fora? Eles respondem: “ela era uma prostituta, e os cemitérios pertenciam a igreja na época por viver em pecado ela não foi enterrada com os demais. ” Informativo de Turismo da Prefeitura Municipal, 1994 p. 02 a foto não foi possível.

mulheres poderiam viver por conta própria e o estupro era caracterizado como violência, quem cometesse tal façanha era expulso da cidade para sempre, se não fosse castrado. Mas se Antonio Conselheiro não admitia o comércio sexual, aceitava a fraqueza dos que cediam diante das tentações da impulsividade do próprio temperamento. Quando sabiam de uma jovem ainda solteira que praticava e gera-se sem relutância, ele apenas dizia: “seguiu o destino de todas, passou por baixo da árvore do bem e do mal”. Moniz (1981; p. 48). Não havia hipocrisia.

Entre os mais combatentes de Canudos, figuram os Macambiras, filho e pai organizadores de emboscadas, o moço que tentou se apoderar da WithWorth 32 , terrível canhão :” A Matadeira”, burra negra, Quimquim caíam que alcançou a primeira vitória sobre a tropa Legal em Uauá-BA, Chico Ema, dirigia a rede de espionagem no meio das tropas inimigas, João Grande e Estevão guardavam as estradas nas capoeiras, Chiquinho e João Mota guardava as estradas no Cocorobó, Joaquim França, Pés de Chifre do grupo guerrilheiro de Angicos, Pedrão que comandou trinta homens vertentes da Canabrava, Lalau , lugar tenente do Pajeú, alourado dos olhos azuis talvez descendente de holandês com a filha do Capitão Pedro Celeste lutou ao lado de Canudos, essa era a diversidade do Exército de Antônio Conselheiro.

Muitas mulheres como Maria Rita, de 18 anos, “ a imagem das caatingas” , trocou roupa de chita por roupa de couro . A sobrinha de Macambira, esta levou um tiro e andou quilômetros e morreu na porta do Santuário, Santinha organizou um piquenique feminino para socorrer os combatentes de Canudos, as professoras Maria Francisca de Vasconcelos e Marta Figueiras, educada em Salvador, dirigiam duas escolas de crianças, adolescentes, e adultos, durante a guerra, eram enfermeiras e auxiliavam Manuel Quadrado nas feridas. Maria Francisca desfaleceu na Guerra, decapitada pelos soldados, Marta sobreviveu à catástrofe e transferiu-se para Salvador, onde morreu em 1944, aos 78 anos, morava na Calçada segundo Os Relatos de Moniz (1981; p. 48).

4.2. A relação entre o subalternizado e o modo de vida existente nas narrativas da literatura atual.

Muitos são os personagens subalternizados na história da Guerra de Canudos, na Cartografia de Canudos, do início ao fim, eles aparecem de forma identificado ou invisibilizada, conforme a narrativa eles vão construindo um conteúdo e fazendo parte de uma história que, sem eles, seria uma história de grandes heróis e dos grandes feitos. Segundo Cotrim (2025; p. 76-77): “ As evidências precisam se deslocarem para a essência do existir, romperam títulos e se auto afirmarem nos seus espaços. ” , todo esse povo que foi para Canudos saiu de algum

lugar comum e muitos não estavam felizes onde se encontravam, não foram para Canudos para uma aventura, mas para uma nova vida, uma nova liberdade. Muitos sabiam o sentido da verdadeira liberdade e como era difícil conquistar.

O modo de vida se refaz na adaptação, a vida se adapta a tudo, Segundo Guimarães Rosa: (2019; p. 293):

“Sentimento que não espiro; pois eu mesmo nem acerto com o mote disso — o que queria e o que não queria, estória sem final. O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza! Só assim de repente, na horinha em que se quer, de propósito — por coragem. Será? Era o que eu às vezes achava. Ao clarear do dia.”

Através desta confissão o personagem Riobaldo que mergulha na profundidade da existência humana, na natureza estética da vida, o que dar sentido à vida, essa razão de viver conduz os momentos de dificuldades e desafios, frente aos embates e combates de cada lida, a ideia de não perder a esperança e não deixar o desânimo tomar conta daquela gente toda que lutava por uma razão de existir. O que movia esse povo? A coragem? Alguns desistiram de lutar? Sim, os Vila Novas saíram de Canudos levando toda sua fortuna mesmo antes da Guerra começar, mas ninguém os censurou por isso, tudo que esse povo queria era ter irmãos de verdade. Os conflitos no mundo inteiro, que absorvem o entorno de Canudos, continuam a existir. Segundo Cotrim (2025; p.71):

“ Assim, nesse contexto histórico como conflitos nos quais as camadas subalternizadas da população buscam o reconhecimento e o respeito ao seu modo de ser, pensar e agir, repassando pela cultura do escrito, entende-se que é preciso lançar mão do movimento multiculturalista iniciado no final do século XIX nos Estados Unidos da América. Com a ação principal do movimento negro para combater a discriminação racial no país e lutar pelos direitos civis, para compreender a construção social da identidade desses povos marginalizados”.

Ao falar do escrito como forma de resistência, a educação foi privilegiada e todos iam à escola, o mais interessante ao apresentar as duas professoras no subitem do capítulo anterior, mostra como a educação era uma forma de subversão, Calasans (2015) descreve na *Cartografia de Canudos*, o destino das duas professoras, uma queimada, degolada, morta, encontrada em meio ao fogo. Mesmo tendo acabado a escravidão dos escravos, os negros eram tratados como pessoas inferiores, foram dispensados das fazendas sem nada, “uma mão na frente e outra atrás”

não foram indenizados, e ainda enfrentavam uma grande diferença, entre os negros “Brasileiros” e negros “Americanos”, A escravidão no Brasil, que foi o último país das Américas a abolir a escravidão, o primeiro foi o Haiti, Cuba, Estados Unidos. A elite brasileira sempre manteve os subalternizados abaixo das suas botas, só em Canudos os ex-escravizados encontravam: ” Um chão para plantar, uma casa para morar, um colchão de junco, ou uma rede ou uma esteira para dormir com dignidade, livre e com reconhecimento, ainda ter um canto para se divertir ou um lugar para adorar a Deus.

Segundo Almeida (2010; p.11):

“Construindo seu argumento sempre por meio de um viés problematizado pela desconstrução derridariana, a autora rejeita ainda o que ela considera uma errônea apropriação do termo subalterno, que não pode ser usado para se referir a todo e qualquer sujeito marginalizado. Para ela, o termo deve ser resgatado, retomando o significado que Gramsci lhe atribui ao se referir ao "proletariado", ou seja, à que e cuja voz não pode ser ouvida. O termo subalterno, Spivak argumenta, descreve "as camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante. ”

Ao comentar a Obra: *Pode o subalterno falar*, de autoria da escritora indiana Gayatri Chakravorty Spivak⁶³, o termo subalterno não está colocado apenas aos oprimidos e humilhados, mas os que não são sequer escutados. O Estado Brasileiro ao decidir destruir Canudos e matar toda sua gente não agiu com diplomacia da guerra, não houve sequer uma negociação, não houve uma proposta de paz, uma mesa de acordos, mesmo naquele período e, desde a origem do mundo, os povos entre si discutem a Guerra e a Paz. Lá, foi um massacre.

A morada em Canudos, no Arraial do Belo Monte, parte das casas do povo eram assim no período do Conselheiro.

⁶³ Gayatri Chakravorty Spivak nasceu em Calcutá, Índia, em 1942, onde realizou seus estudos de graduação em inglês, na Universidade de Calcutá. A seguir, mudou-se para os Estados Unidos para fazer mestrado e doutorado em literatura comparada na Universidade Cornell. Sua tese de doutorado, desenvolvida sob a orientação do renomado crítico literário Paul de Man, mais tarde um dos expoentes da chamada linha teórica desconstrucionista de Yale.



FIGURA 13 Uma casa em Canudos. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Acervo do Museu da República/Ibram/MinC.

A fotografia retrata uma arquitetura conforme a realidade da região, tem uma aparência de pobreza, mas não é este o sentido, as casas de barro e vara traçadas são arejadas, a palha como telha chove pouco e faz muito calor, o objetivo dessa construção é uma morada arejada e com o mínimo de privacidade. Mas tinham casas de alvenaria, com bonitas madeiras, não eram só casebres de palhas. O modo de vestir do trabalhador e morador é uma roupa simples de algodão, pano leve e adaptável ao clima e sol da região.

Como era Canudos na época, segundo a Cartografia de Canudos de José Calasans: Em 1893 – Depois de peregrinar pelo interior da Bahia e de Sergipe durante duas décadas, Antônio Conselheiro estabelece uma comunidade de milhares de seguidores que vai juntando e se torna com milhares de seguidores, Canudos⁶⁴ Segundo Costa (2017; p. 09)

”. No arraial de Belo Monte a comunidade edifica duas igrejas, armazéns, reservatórios de água, escola e depósito de armas. Há algumas moradias mais sólidas feitas de alvenaria e telhas onde moram comerciantes e muitas ruas com casas mais simples com paredes de barro e telhados cobertos por folhas de icó. A comunidade permite que os recém-chegados possam construir suas casas, e fazer pequenas plantações, pois não existe propriedade privada da terra e no entorno da capela existiam léguas livres para construção. Em caso de necessidade, existe distribuição de alimentos e roupas e há um regime permanente de recebimento de doações que são coletadas pelo sertão em

⁶⁴ Antiga fazenda, no povoado de Canudos, que passa a ser chamado de Belo Monte. Ele localiza-se não vale cercado de colinas, servido por várias estradas, às margens de um rio intermitente – o Vaza-barris – no nordeste da Bahia.

espécie ou numerário. O arraial funciona como uma comunidade autossuficiente, autônoma, independente, sem proprietário, padre e delegado. É um modo alternativo de vida que retira os conselheiristas das esferas de poder da propriedade, da igreja e da justiça representados pelo dono de terras, pelo padre e pelo delegado, segundo as reflexões de Walnice Galvão. (Cunha, 2009:9) ”

O centro do arraial era formado por uma praça quadrada com uma rua principal, a rua das Casas Vermelhas ou do Comércio, com algumas casas de alvenaria e telhas vermelhas pertencentes aos comerciantes Antônio da Mota, Antônio Vilanova e Macambira. As duas igrejas ficam em lados opostos da praça. A igreja de Santo Antônio – a Igreja Velha é restaurada e reinaugurada pelo padre Vicente Sabino dos Santos, da localidade de Cumbe, Hoje, a cidade de Euclides da Cunha –Bahia, em agosto de 1893 com festas e casamentos. O sino do campanário ressoará em todos os finais de tarde, até a destruição da igreja no fim do conflito.

A Igreja do Bom Jesus – a Igreja Nova - é um templo maior com grandes muros e torres e será um baluarte da resistência dos conselheiristas, durante o final da guerra de Canudos. Anteriormente, existia no povoado uma antiga capelinha de Nossa Senhora da Conceição, com altar e imagens de santos que passa a ser chamada de Santuário, onde Antônio Conselheiro mora num quarto anexo. Os canadenses podem assistir a dois ofícios diários, antes do nascer do sol e no final da tarde e ouvir os conselhos e sermões do Conselheiro que, marcados com antecedência, atraem crentes de toda a região que pedem audiência e fazem doações à comunidade. Conselheiro é uma liderança carismática que prega em seus sermões que os crentes com trabalho duro e seguidores dos preceitos da moral cristã ficam sob a proteção espiritual contra o mundo secular em corrupção.



FIGURA 14 Igreja do Bom Jesus (igreja nova). Fotografia de Flávio de Barros⁶⁵. 1897. Acervo do Museu da República/Ibram/MinC.

Hoje os destroços dessa Igreja estão debaixo das águas do Açude do Cocorobó⁶⁶, onde passa o Rio Vaza Barris, em tempos de seca é possível avistar as ruínas da Igreja e das casas de Canudos Velha, esse açude feito por Getúlio Vargas, veio terminar de construir na Ditadura Militar. Conselheiro foi um grande construtor de igrejas, capelas, cemitérios, muitas propriedades que se referiam à fé católica. Segundo Calasans (2015; p.295):

“Um sobrevivente do conflito sertanejo, Manuel Ciriaco, natural de Canudos, homens de boa memória e conversa equilibrada, contou-nos que o Conselheiro, em sua primeira passagem pelo povoado, nos idos de 1880,

⁶⁵ Essas fotografias alcançam seu principal objetivo: construir uma narrativa da guerra de Canudos destinada a legitimar todos os atos da intervenção armada do exército sendo importante perceber essa intencionalidade e destinação dentro do contexto da guerra. Mas fotografias são documentos ambíguos, portadores de significados não explícitos e de omissões e excessos que podem denunciar exatamente aquilo que se pretende ocultar. Entre outras formas de representação, essas fotografias contribuem para romper o silêncio da tragédia que ocorreu em Canudos. As fotografias de Flávio de Barros são documentos estratégicos dado que o incêndio de Canudos pelo exército e depois a inundação da região de Canudos pelo açude de Cocorobó dificultaram a preservação material do local da comunidade, embora centros de pesquisa das universidades regionais estejam estudando o suporte arqueológico e documental de Canudos e de toda região do conflito. Essas fotografias estão abrigadas em dois álbuns no Museu da República (69 fotografias); em um álbum no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (68 fotografias) e em um portfólio na Casa de Euclides da Cunha (23 fotografias).

⁶⁶ A barragem do Cocorobó submergiu a antiga cidade de Canudos, local da Guerra de Canudos, em um esforço para apagar a memória da revolta popular reprimida pelo exército. No entanto, o Parque Estadual de Canudos, criado posteriormente, preserva locais importantes da guerra. O DNOCS, responsável pela construção, utilizou o boqueirão do Cocorobó como o sítio mais indicado para a barragem. A construção envolveu a escavação de 600.000m³ de aterro entre 1951 e 1966, e a barragem atingiu seu volume máximo em 1967, com 650m³, mas o objetivo foi destruir a história.

prometeu a Antonio da Mota, “negociante de couro e balcão”, então homem forte da localidade, que levantaria uma nova capela no arraial do Vaza-Barris. Outro informante, o famoso Pedrão, Pedro Nolasco de Oliveira, disse-nos, por sua vez, que existia, erguida por gente da Torre de Garcia dÁvila, uma igrejinha quase em ruínas, quando o Bom Jesus garantiu que levantaria um pequeno templo... Cumpriu a promessa em março de 1893, segundo carta existente no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia.”

A Igreja Nova⁶⁷, trincheira dos conselheiristas, após benzer a Igreja, e tornar o Belo Monte casa da morada de Conselheiro, ficou conhecido como o Santuário, hoje o padroeiro de canudos é Santo Antonio, todo dia 13 de junho é uma grande festa na cidade.

1897 – 24 de Agosto. O exército bombardeia a igreja de Santo Antônio ou igreja velha com o canhão Whitworth, chamado a Matadeira, do alto do morro da Favela, que fica ao sul de Canudos. Na obra *Os sertões*, Euclides da Cunha (2009:427) relata o acontecimento:

“esfarelando lhe o teto, derrubando os restos do campanário e fazendo saltar pelos ares... o velho sino que chamava ao descer das tardes os combatentes para as rezas. Cita o arbusto favela – “arbusto grande da família das euforbiáceas de flores alvas, dispostas em cimeiras e cujo fruto é cápsula verrucosa, escura, com sementes pardacentas e oleaginosas” – que queima a pele de forma dolorosa e que recobre o morro de onde as tropas lutaram usando canhões que bombardeiam o arraial de Belo Monte.”

A palavra favela será usada pelos soldados que voltam da guerra de Canudos e vão para o centro do Rio de Janeiro, na região perto do ministério da Guerra e da Estrada de Ferro Central do Brasil, no atual morro da Providência, que era habitado por trabalhadores do porto e das pedreiras. Esses soldados e famílias constroem precárias casas de madeira e zinco pelas encostas e chamam o local de Morro da Favela, em lembrança ao homônimo localizado em Canudos. Na segunda década do século XX, o nome favela se estende a todos os morros que possuem a forma geográfica e social e se caracteriza por construções precárias em encostas, traçado irregular e sem infraestrutura urbana.

Outro elemento terrível da Guerra de Canudos foi a distribuição de crianças que perdiam seus pais e eram levadas como “adotadas” por jornalistas e soldados que combatiam na guerra,

⁶⁷ O dia 7 de setembro foi festejado em Canudos com grande bombardeio contra o inimigo. As torres da igreja nova – que nos disseram ser um edifício notável pela solidez pela beleza da arquitetura moderna – foram por terra. Da igreja velha já não se fala; ela está inteiramente destruída. Falta o santuário, onde se acha o Conselheiro entrincheirado, supondo-se talvez imune. Decididamente para os fiéis que restam será completa. Os combates feridos têm sido notáveis, embora abrindo larguíssimos claros no nosso Exército, sacrificado às vezes por imprevidências. Lélis Piedade, *Jornal de Notícias*, Bahia. 12/09/1897. In: Galvão, Walnice Nogueira. *No calor da hora*. São Paulo, Editora Ática. 1994, 3ª ed., p.373.

chamadas de “jaguncinhos”, é o caso de Ludugero Prestes, que Euclides da Cunha recebeu de presente dos oficiais, e foi criado em São Paulo onde se formou em Magistério sendo Mestre Primário, criado por uma família de posses. Segundo Calasans (2015; p.304): “Tratei da vida de Ludugero no meu trabalho *Quase biografias de jagunços*. As notas ali coligidas estão agora enriquecidas com os informes da venerando e ilustre senhora da Paulicéia. ” Ele se refere a Dona Laura Rodrigo, que escreveu sobre a família de Numa Oliveira e Gabriel Prestes que acolheu Ludgero Prestes.

Ao registrar sobre o amigo Dr. Edgard Henrique Albertazzi, que se tornou amigo de Euclides da Cunha e registrou suas memórias em caderno sobre Canudos, anotando e chamando o “Páginas Íntimas”, um pequeno diário de 1932, o médico capitão do Exército chegou a Canudos com o Major Febrônio de Brito, escreve sobre ele José Calasans, um capítulo breve na *Cartografia de Canudos*, com o título “As Memórias do Dr Albertazzi”.

Entre os subalternizados presentes na Cartografia um registro importante feito por Euclides da Cunha em *Os Sertões* e mencionado por José Calasans. Segundo Calasans (2015; p. 317):

“Volto-me para algumas das novidades que deparei nas *Páginas Íntimas*, que não foram poucas. Começo pela presença de índios nas hostes conselheiristas, assunto que precisa ser pesquisado com maior interesse. Eis que lê nas notas em tela: “Índios dos aldeamentos de Rodela e Mirandela, fanatizados, que, em número de cerca de 400, nos haviam assaltados pelas faces do quadro do 9º e da Polícia, ali estavam mortos pelas metralhadoras e carabinas *Comblain* ⁶⁸, da polícia, de arco e punho, mutilados. Também constitui novidade, pelo menos para mim,

As palavras constantes dos patuás⁶⁹ jagunços, onde figura o nome venerando da jagunçada, o do Bom Jesus Conselheiro. “Nenhum cadáver foi insultado”, escreveu Dr Albertazzi, “apenas os soldados retiravam dos pescoços os tais patuás, curioso de ver o que encravam. Sou filho de Bom Jesus Conselheiro, teu tiro vira água, nuns;és vão a tua bala alcanfor, noutros”.

Eis uma constatação importante, os índios fizeram parte da Guerra de Canudos e muitos dos seus descendentes compõem a herança conselheiristas, eles não negaram sua religião e fé,

⁶⁸ A carabina Comblain 9mm é de origem belga. Foi projetada por Hubert-Joseph Comblain, em Liège, e produzida por várias fábricas belgas. O modelo mais conhecido, o M1870, foi usado por vários países, incluindo a Bélgica, Brasil e Chile. No Brasil, a carabina Comblain foi adotada pelo Exército em 1873 e utilizada até o final do século XIX, sendo substituída gradualmente por outros modelos. O modelo utilizado no Brasil é considerado genuíno, apesar de ter sido fabricado por um consórcio de empresas belgas.

⁶⁹ Patuá é um amuleto, benzido pelas orações do Conselheiro em uma cerimônia de iniciação aos soldados da Guarda Católica. Muito utilizado pelos indígenas e nos cultos de matriz africana. Hamsã no Islã, tem o significado de uma proteção para manter o “corpo fechado”.

sua ancestralidade está presente até os dias de hoje, nas celebrações de Canudos. Outro elemento importante é o comportamento dos soldados conselheiristas respeitavam os corpos dos Soldados, ao contrário dos soldados que, além de mutilar os prisioneiros, eram torturados quando vivos, mutilados, violados, empaladas, sem nenhum respeito pela vida e num ato de covardia.

Dr Albertazzi, segundo Euclides da Cunha, em *Os Sertões* é citado por José Calasans na *Cartografia de Canudos*, fala sobre a presença de Negros em Canudos havia em Canudos uma rua. Segundo Calasans (2015; p. 317):

”Vale também lembrar a referência, feita à “rua dos negros” , n o Arraial de Canudos , o que representa interessante achega ao estudo da participação dos negros, possivelmente antigos escravos no movimento sertanejo de Antonio Conselheiro, tema só recentemente aflorado por Gilberto Freyre no seu livro *Ordem e Progresso*. A denominação “rua dos negros, “ que apenas li em Albertazzi, precisa ser esclarecida”.

Ao relatar estas notas de Dr Albertazzi tanto Euclides da Cunha, como José Calasans, suscita uma outra discussão nos dias de hoje que não pode ser apagado da história, o grande genocídio ao povo subalternizado de Canudos, tantos aos negros como aos índios, como aos sertanejos é um novo massacre de violência contra história desses povos. Aos negros herdeiros da perseguição escravagista, morreram aos milhares em canudos, aos índios herdeiros da perseguição colonizadora morreram as centenas em Canudos e ao Povo nordestino massacrado pela história morreram completando a quase totalidade do povoado de quase 25 mil pessoas e mais de 5200 habitações destruídas, saqueadas e incendiadas.

Ao se referir a vontade de desejo de se revoltar Canudos representou uma das diversas vezes que o povo não foi silenciado pelo poder do Estado. Segundo Almeida (2010; p. 23): “O vínculo com a luta dos trabalhadores está localizado no desejo de acabar com o poder em qualquer local de sua aplicação. Esse local se baseia aparentemente em uma simples valorização de qualquer desejo destruidor de qualquer poder. ” Ao citar Marx, o filósofo Walter Benjamin preconiza sobre o desejo da Revolta e como ela é importante para expressar a indignação com a subalternidade. Segundo Benjamin (1983; p.24):

“Marx continua sua descrição dos conspirateurs de profession deste modo: j Eles não têm objetivo algum a não ser derrubar imediatamente o governo existente e desprezam profundamente o Iluminismo mais teórico dos trabalhadores quanto aos seus Interesses de classe. Daí vem sua raiva — não proletária, mas plebeia com relação aos habits noirs (vestes negras), às pessoas com maior ou menor escolaridade que representam vertreten] aquele lado do

movimento e de quem jamais podem se tornar inteiramente independentes, como eles não o são dos representantes oficiais [fiepräsentanten] do partido. Os discernimentos políticos de Baudelaire não vão fundamentalmente além dos discernimentos desses conspiradores profissionais. () Ele talvez pudesse ter feito suas as palavras de Flaubert: "De política, só entendo uma coisa: a revolta."

Os combatentes de Canudos tinham um projeto a defender, ninguém agia por conta própria, ou por fanatismo, ou por vingança ou ódio, subestimar o sertanejo e achar que numa terra tão distante da "civilização" seria fácil, esse foi o grande erro do Estado e Exército Brasileiro, acumulou derrotas sobre derrotas, mesmo vencendo eles foram derrotados. Enquanto a burguesia baiana e carioca calculava ao lado dos políticos e da Igreja, Maçonaria, o fim de Canudos, recebia sempre as notícias de muito sangue, mesmo assim faziam campanhas pelos soldados feridos, para ajudar o Exército, até missas eram organizadas com benção das armas e dos soldados (rito muito tempo usado pela igreja católica). O sertanejo só tinha a coragem e Deus.

Os Soldados de Conselheiro tinham uma arma invencível a fé, a coragem e a alegria, um povo tranquilo e de bom humor, esse modo de reagir diante dos desafios deixavam o inimigo sempre com medo, apreensivo, e muito assustado. Segundo Nietzsche (1985; p.71):

"O Sátiro era algo do sublime e do divino, e assim deveria ter aparecido ao olhar desesperado do homem dionisíaco. Este ficaria mal impressionado com o pastor fictício e petulante: sentia um arrebatamento sublime e contemplar desveladas e inalteradas as feições da natureza; diante da imagem do homem primordial desaparecia a ilusão da cultura; revela-se o homem verdadeiro, o sátiro barbudo, que rejubila quando grita ao seu deus. "

Como desprezar a condição humana que a natureza do Sertão nos apresenta? A cultura, o clima, as desventuras. Para começar a viagem era muito cansativa, sair de trem desde o Rio de Janeiro ou Salvador para o interior da Bahia eram dias de viagens, e transtornos. Para enfrentar o desconhecido. Nietzsche (1985; p. 75) deixa claro: "O Coro da tragédia grega, símbolo de toda multidão exaltada pela embriaguez dionisíaca fica assim claramente explicado", o drama é apolíneo principalmente nas representações, essa dança simbólica da realidade que circunda uma missão é fundamental que os espíritos estejam convencidos e exaltados. A busca de um herói é parte do teatro grego, a exemplo disto que na tragédia grega e seus personagens lutam entre si para serem importantes, na guerra gerais e sempre se sentem invencíveis, no mundo dionisíaco está presente já configura uma vitória.

No percurso da *Cartografia de Canudos*, os primeiros personagens são os seguidores

do Conselheiro, subalternizados pela sua condição humana e de vida, nativos, o pobre que defende o rico, o patrão, o senhor de engenho e de escravos, as autoridades que sempre se posicionam e tem lado, lado da classe dominante e jamais do dominado, o colonizador e o colonizado que possui uma visão eurocêntrica a exemplo dos jornalistas e inclusive de Euclides da Cunha, e os conceitos que possuem os cidadãos “civilizados da época”. A realidade que antecede a Canudos é uma história de sangue e muitos massacres. Começa pelos índios e a tomada de suas terras, depois o negro roubado da África e cativo nesta terra, e por fim o morador o novo escravo branco e pobre.

Figuras como Soldados, funcionários, moradores, ricos da capital, e do interior, políticos, a classe dominante representada pelos fazendeiros, comerciantes ricos, enxergavam em Canudos uma ameaça e sendo eles subalternizados do capital e dos colonizadores de outros países da Europa e América, exigem o fim da guerra. O conceito de extermínio é antigo desde os primeiros conquistadores romanos ou gregos, a ideia de expansão territorial seja pela cultura, comercio, busca de riquezas, domínios, a exemplo do Império Romano, a União Soviética, a Segunda Guerra Mundial o avanço do Nazismo, hoje a expansão do potencias americanas e a nova modalidade o Sionismo de Israel em ameaça ao povo palestino.

Nas literaturas que compreendem as narrativas desta epopeia baiana, “*Os Sertões*” de Euclides da Cunha ou “*A Guerra do fim do mundo*” de Mário Vargas Llosa disputam formas de narrativas, uma com descrição histórica literária de documentário, a outra em forma de novela. A literatura não é apenas uma arte de contar histórias, mas uma via de transformação, de resistência e de entendimento do mundo, que nos desafia a refletir sobre o que significa ser humano. Se compararmos o filósofo francês Gaston Bachelard que fala em literatura tema a capacidade de nos proporcionar “um tempo privilegiado”, ou uma imersão no imaginário do simbolismo, onde podemos acessar realidades múltiplas e subjetivas que não conseguimos expressar pela linguagem do cotidiano.

Comparamos com o Filósofo russo Mikhail Bakhtin , ao ver a literatura como um campo de interação de múltiplas vozes e discursos, que desenvolve uma teoria do polifonismo, que através de sua teoria as obras literárias não se limitam a transmitir a visão de um único autor, mas de uma multiplicidade de perspectivas onde se enriquecem e se confrontam mutuamente. Para Bakhtin, a obra de Vargas Llosa é uma carnavalização da literatura, por exemplo. Já Paul Ricoeur acredita que a literatura pode transformar a memória histórica em narrativas e preservar, como ferramenta, a memória coletiva e fortalece a identidade dos povos e indivíduos ao longo de seu tempo.

O Beato Antônio Conselheiro morreu dentro da sua cidade de Canudos, Arraial do Belo Monte, no altar e no santuário que dedicou a Deus, morreu orando e jejuando, devido ao cerco a Canudos de sede e fome, desidratado. Em sua casa, a igreja, foi sepultado sendo depois desenterrado, sua cova violada e seu corpo vilipendiado.



FIGURA 15- Cadáver de Antônio Conselheiro exumado pelo exército, próximo às ruínas da Igreja do Bom Jesus. Fotografia de Flávio de Barros. 1897. Acervo do Museu da República/Ibram/MinC.

No dia 06 de outubro de 1897. O corpo do Conselheiro é degolado e sua cabeça é enviada para Salvador para ser entregue ao médico e professor Dr. Nina Rodrigues, da Faculdade de Medicina da Bahia, hoje a UFBA, para atestar que seu cérebro é normal, conforme os preceitos da medicina legal ou Antropologia Física da época, os soldados ainda recolhem dois manuscritos junto ao seu corpo. Segundo Galvão (2009; p, 510):

“Jazia num dos casebres anexos à latada... Removida breve camada de terra, apareceu no triste sudário de um lençol imundo, em que mãos piedosas haviam desaparecido algumas flores murchas, e repousando sobre uma esteira velha, de taboa, o corpo do “famigerado e bárbaro” agitador. Estava hediondo. Envolto no velho hábito azul de brim americano, mãos cruzadas ao peito, rosto tumefato e esqualido, olhos fundos cheios de terra – mal o reconheceram os que mais de perto o haviam tratado durante a vida. Desenterraram-no cuidadosamente. Dádiva preciosa – único prêmio, únicos despojos opimos de tal guerra! Fotografaram-no depois. E lavrou-se uma ata rigorosa firmando a sua identidade: importava que o país se convencesse bem de que estava afinal extinto, aquele terrível antagonista. Restituíram-no à cova. Pensaram, porém, depois, em guardar a sua cabeça tantas vezes maldita – e como fora malbaratar o tempo exumando-o de novo, uma faca leitosamente brandida, naquela mesma atitude, cortou-a a; e a face horrenda, empastada de escaras e de sânie, apareceu ainda uma vez ante aqueles triunfadores. Trouxeram depois para o litoral, onde deliravam multidões em festa, aquele crânio. Que a ciência

dissesse a última palavra. Ali estavam, no relevo de circunvoluções expressivas, as linhas essenciais do crime e da loucura... “

Esse ritual nefasto e macabro é uma condição perpetrada pelo Exército Brasileiro, nunca explicado e nem desculpado na história, uma mancha moral na história militar do Brasil que é imperdoável, mas fizeram isso com Frei Caneca, Tiradentes em Minas Gerais, Zumbi dos Palmares, Lampião e Maria Bonita, uma tradição que foi herdada desde os bárbaros, ou Império Romano com as famosas crucificações. Conselheiro deixa de ser apenas um santo do povo para também ser mártir do povo. "Uma voz clama no deserto, preparai o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus." (Isaías 40:3). A voz que clama nos Sertões de Conselheiro por justiça, terra e paz, ecoa em todos os nordestinos.⁷⁰

As personagens Subalternizadas, na sua dimensão dionisíaca, na *Cartografia de Canudos*, nesse belo trabalho do Prof. José Calasans, é um documento histórico que clama no deserto por justiça.⁷¹

⁷⁰

⁷¹ As profecias segundo Ventura (1997: 175) – a profecia das nações e a profecia de Jerusalém – contêm um teor escatológico que anuncia fome e guerras, depois o fim do mundo e finalmente a criação do reino dos céus na terra, um paraíso sem diferenças sociais, sem conflitos políticos com todos os homens submetidos a uma única autoridade divina. A resistência dos conselheiristas que preferem morrer a se entregar às tropas do exército e a migração para o arraial durante o conflito podem ser entendidas segundo a crença da comunidade no milenarismo e messianismo. A morte não é assustadora porque depois do inferno que é a guerra, os eleitos de Deus vão entrar num Paraíso de mil anos. Euclides não teve acesso aos dois manuscritos do Conselheiro, na estadia em Canudos nem durante a escrita do livro *Os Sertões*. Somente em 1909, o escritor Afrânio Peixoto repassa a Euclides um dos manuscritos (1897) que recebera das mãos do médico João Pondé. 1897 – Novembro - O jornal monarquista *O Comércio de São Paulo* publica artigo de Afonso Arinos com acusações ao general Artur Oscar sobre suas ordens de degola dos prisioneiros e de incêndio do arraial de Belo Monte. É o único jornal em toda a imprensa a fazer protestos contra esses atos de barbárie feitos pelas forças militares.



FIGURA 16 Prisioneiras. Os sertões, de Euclides da Cunha as do arraial de Canudos com soldados ao fundo. Foto publicada na 1ª edição de com a legenda "os prisioneiros". Fotografia de Flávio de Barros. 1897. O Acervo Museu da República/Ibram/MinC.

[1] Antoine Meillet foi um linguista francês. Um dos principais nomes da linguística do século XX, iniciou seus estudos na Universidade de Paris, onde foi influenciado pelas ideias de Michel Bréal, Ferdinand de Saussure e dos membros da revista *L'Année Sociologique*.

[2] A tarefa de Saussure na obra *Mémoire* foi a de evidenciar o fato de que na realidade existem quatro termos diferentes e não três; os idiomas do Norte permitiram a fusão de dois fonemas fundamentalmente distintos e ainda distinguidos no sul da Europa: “a”, vogal simples oposta ao “e”, e “o”, vogal reforçada que não é ...

[3] Franz Bopp foi o precursor dos estudos de gramática comparada e linguística. Estudou línguas orientais de 1812 a 1816 em Paris. Em 1816 publicou o importante estudo sobre o sistema das conjunções da língua sânscrita, comparado com o das línguas grega, latina persa e germânica.

[4] August Schleicher foi um linguista alemão. Estudou teologia, filosofia e línguas orientais na Universidade de Leipzig e Tübingen, tendo se especializado em linguística na Universidade de Bonn. Obteve seu doutoramento em 1846, e passou a lecionar em Praga e, a partir de 1857, em Jena

[5] Oswald Ducrot é um linguista francês. Ele era um professor e ex-colega de pesquisa no CNRS. Ele é, atualmente, professor na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris. Ducrot é o autor de uma série de obras, especialmente na enunciação

[6] Três primeiras palestras/conferências na universidade.

[7] Da dupla essência da linguagem

[8] Saussure torna-se reconhecido na Academia em grande parte pela publicação do *Mémoire* em 1879. *Historiografia Linguística*, o contexto e o conteúdo do *Mémoire* de Saussure, ao reconstruir os desenvolvimentos da Linguística Histórica a partir do século XIX e ao traduzir o primeiro capítulo dessa obra, com vistas a recuperar-lhe o sentido do termo sistema, que viria a ser de grande importância para a história da Linguística no século XX.

[9] Poesia: Produção

[10] Roman Jakobson nasceu em 1896 em Moscou, perseguido por ser judeu conheceu muita gente viajando e na linguística foi um dos primeiros a pensar sobre a enunciação suas teorias sobre a função da linguagem.

[11] FAZER – Tecnologia – Estudo do fazer

[12] General que comandou a Guerra de Canudos e morreu no campo de batalha.

[13] Do grego significa 'esvaziar-se'. Utilizando o esquema “humilhação/exaltação” o texto de Filipenses mostra que Jesus, tornando-se semelhante aos homens e reconhecido em seu aspecto como um homem, abaixou-se, tornando-se obediente até a morte, à morte sobre uma cruz.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa propôs conhecer as narrativas por um viés filosófico da História do Povo de Canudos na Bahia, Nordeste do Brasil, analisando as categorias de Narrativas, Subalternidade, O Dionisiaco e as personagens da *Cartografia de Canudos* obra de José Calasans. Essa proposta nasce do desejo de pesquisar o modo de vida e o enfrentamento ocorrido no século passado no Sertão da Bahia. Com a criação de uma Turma Especial de Canudos, onde tivemos contato e convivemos com a comunidade por quatro anos, Entre idas e vindas, conhecendo o povo, a vida do povo, o território e espaço onde o episódio aconteceu.

Ao escolher trabalhar inicialmente com a oralidade, temos, como objetivo principal, compreender e comparar as abordagens do Professor José Calasans e, ao mesmo tempo, explorar a realidade contemporânea desse povo por meio de método bibliográfico através de leitura de livros, textos, documentos, artigos científicos, e teses e dissertações produzidas sobre o autor e a história.

Este empreendimento é desafiador, uma vez que buscou trazer à luz a história de personagens não heroicos, mas com sua voz singular, é essencial na narrativa da região presente no texto escrito ou publicado. A proposta adotou uma abordagem histórico-social no contexto literário. Ela examinou os diferentes personagens que ganham novos significados nas narrativas de Calasans, onde a ênfase recaiu na expressão do povo, não em protagonistas grandiosos. O objetivo foi compreender o modo de vida do povo de Canudos a partir da dimensão dionisiaca dessas personagens subalternizadas na obra de José Calasans.

Apoiado em uma metodologia qualitativa, envolvendo uma pesquisa exploratória em fontes primárias e secundárias, documentos bibliográficos e outras fontes relevantes são utilizados para a coleta de dados. Além disso, esta pesquisa almeja contribuir para o fortalecimento dos movimentos populares e sociais em Canudos e na região do Sertão. Ela busca fornecer subsídios e oportunidades de formação contínua, estabelecendo um diálogo com uma variedade de autores, incluindo Aras (2003), Bosi (2006), Barthes (2012), Cunha (1978), Nietzsche (1960), Carneiro (2018) e, especialmente, Calasans (1997).

No começo da Pandemia da Covid-19, corona vírus, o mundo enfrentou um grande desafio de saúde pública. Os primeiros encontros do programa foram realizados de forma remota, à medida em que a vacina foi oferecida eu tomei as primeiras doses, e as autoridades flexibilizaram a abertura, nós viemos para Canudos e tivemos contato com a história viva, documentos, palestras, atividades de campo, aulas, feiras literárias, festas populares,

depoimentos e testemunhos da comunidade e herdeiros de Conselheiro. Isto motivou nossa jornada de aprendizagem e pesquisa.

Eu enfrentei um tratamento radical de Câncer de Base de Língua, um diagnóstico contra o qual luto desde 2006, mas em 2022, foi agravado, fiz radioterapia, e no final fui obrigado a enfrentar algumas internações, por fim uma laringectomia total, devido às constantes crises de sangramentos. Foram quarenta dias de UTI, umas quatro cirurgias reparadoras e seis meses de hospital, mas eu procurei me concentrar nos estudos, quando podia, lia, e escrevia nos intervalos, a pesquisa foi minha terapia, a solidariedade de todos, meu remédio de amor. Não me dei por vencido, mergulhei no meu estudo, mas ouvindo o conselho do orientador e colegas, abandonei a pesquisa de campo e abracei a pesquisa bibliográfica e procurei em Nietzsche me confortar com os argumentos.

A “Guerra” de Canudos cabe ainda muito que pesquisar, a comunidade local conhece a história, mas devido à labuta do cotidiano de muito trabalho no campo e na cidade pela sobrevivência, a situação social da região em relação ao acesso ao conhecimento e a informação, uma grande parcela dos jovens e adultos não têm conhecimento dos eventos, fatos históricos, como é o que aconteceu ali naquela região. Até recentemente, nas escolas primárias e médias não constava no currículo a história de Canudos, os adultos não alfabetizados, e são muitos, não conhecem nada de concreto ou literário por não ter acesso à leitura e escrita. Existem professores teimosos e lutadores que constroem projetos literários, entidades e movimentos populares, igreja, organizações sociais que divulgam e celebram, em datas, os eventos de Canudos, a exemplo de Feiras e Romarias.

Tive a honra de conhecer e conviver com o Professor José Calasans em 1991, na UNEB, mesmo que alguns encontros e reuniões, ele estava nos ajudando a organizar o CEEC- Centro de Estudos Euclides da Cunha, que se dedicava à pesquisa sobre Canudos, na época, era coordenado pela Pró Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PPG), eu era funcionário técnico da Gerência de Pesquisa onde, através dessa articulação, conheci Canudos.

Investigar a *Cartografia de Canudos* e a *Fortuna Crítica* de José Calasans revela toda uma história de vida com enormes contribuições, mas também contradições de concepções políticas, não era objeto do estudo versar sobre a literatura, a cultura popular, a religiosidade, mas não poderia deixar de lado a linha de pesquisa e as propostas eixo do Programa como a Crítica Cultural, a identidade, os Modos de Vida, mergulhar na teocracia de Canudos, na religião popular e Igreja particular em que a comunidade se converteu onde, por quase toda existência, foi uma comunidade cristã, católica, leiga e com objetivos claros de comunidade de

base, não romana no sentido mais do clerical ou episcopal.

O entendimento de que o dionísio permeou a festa, a cultura, a vivência das liberdades as rupturas, as lutas, a diversidade e de como essa comunidade encarou as regras morais de família e convivência sem choque ou repressão, mas com compreensão e perdão, é notado na forma de dialogar em canudos. Rompidos com a cultura colonial, mesmo tendo uma opção pela monarquia sem se submeter ao regime, e se autogestionaria, tanto na produção como nos impostos, é uma forma de insubordinação à lógica do poder e negação do Estado, mesmo que não aparece decisões ou suas leis locais, mas nos atos de contestação.

A subalternidade foi uma categoria de análise que procurou construir e ser percebido nas personalidades presentes, inteirando assim da condição não de humilhação, mas de vivência concreta e opção kenótica. A opção kenótica, ou kenosis, refere-se a um conceito teológico cristão que descreve o "esvaziamento" de Jesus Cristo de sua própria vontade divina ao se encarnar.⁷² A prática religiosa está presente nos membros da comunidade, a fé era um exercício de piedade de contrição, mas não renunciava a luta e autodefesa de massas.

Canudos continua viva e a memória coletiva presente na comunidade e nos gestos do povo, poder contribuir com essa história, e seguir contribuindo é um ato de resistência e de permanência na solidariedade da causa popular. A nossa cultura e identidade é nordestina, a nossa labuta não termina nunca, sempre buscando o caminho da liberdade. O caminho da Academia é sempre buscar conhecer e apresentar, às comunidades, meios de manter sua memória como forma de resistência, preservar e assegurar as conquistas sociais, melhorar a vida das pessoas do lugar, defender os direitos humanos, o patrimônio, elevar e conquistar o conhecimento, através da presença efetiva da universidade, no meio desta comunidade como aliada, no progresso da ciência.

Uma pesquisa que não devolve a comunidade, o que ela deu ao pesquisador, não serve para nada. Não tem nenhum sentido e valor. Canudos já foi Gaza, Goya, Dresden, Kiev, Hiroshima, Nanquim, Jericó, 36 vezes destruídas. Mas, jamais voltará a ser destruída. SALVE CANUDOS!

⁷² A palavra "kenosis" deriva do grego "kenóō", que significa "esvaziar" ou "aniquilar". Na teologia, a kenosis implica que Jesus, ao se tornar humano, abriu mão de alguns aspectos de sua natureza divina, como o uso ilimitado de seus atributos divinos. Essa renúncia não implica a perda de sua divindade, mas uma forma de se tornar acessível à humanidade

6. REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Martins Fontes, São Paulo, 2007.
- ABNT. **REGRAS GERAIS DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA NORMAS TÉCNICAS – ABNT**. Disponível em: . Acesso em 27 de out de 2022.
- ABRANTES, Pedro. **Para uma teoria da socialização**. *Sociologia*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. XXI, 2011
- ABREU, Martha; SOIHET, Rachel. **Cultura popular, um conceito e várias histórias**. In.
- ABREU, Martha e SOIHET, Rachel. **Ensino de História, Conceitos, Temáticas e Metodologias**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. p. 87-89.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que resta de Auschwitz**. Boitempo Editorial. São Paulo .2008.
- AGAMBEN, Giorgio. “**O que é o Contemporâneo?** ” In: O que é o Contemporâneo? e outros ensaios; [tradução Vinícius Nicastro Honesko]. — Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ALBORNOZ, Suzana. **O que é Trabalho?** São Paulo: Ed Brasiliense. 1992.
- ARAS, José. **No Sertão do Conselheiro**. Salvador: Contexto e arte editorial. 2003.
- ARENDT, Hanna. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.2022
- ARENDT, Hanna. **Da Revolução**. São Paulo. Ática. 1990.
- ARANTES, Antônio Augusto. **O que é Cultura Popular?** nº 36, São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos)
- ARIAS, Patricio Guerrero. **La cultura: estrategias conceptuales para entender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia**. Quito: Abya-Yala, 2002
- ARISTÓTELES. **Os pensadores**. Nova Cultural. São Paulo .2000
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. (Feminismos Plurais. Coordenação: Djamila Ribeiro).
- ARTIÈRES, Philippe. **Estudos Históricos**. Revistas de Estudos Históricos FGV. Vol 11, Rio de Janeiro.1998.
- BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais**. Hucitec . São Paulo .1987.
- BARROS, Aidil J. da Silveira; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos de Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BARTHES, Roland. **Elementos de Semiologia**. São Paulo: Cultrix. 2020.

BARTHES, Roland. *Aula*. Trad. de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1978.

BATAILLE, Georges. **Teoria da Religião**. São Paulo: Ed Ática.1993.

BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221 (Escrito em 1936 sob o título Der Erzähler: Betrachtungen zum Werk Nikolai Lesskows). Notas: Oldimar Cardoso e José Sérgio Fonseca de Carvalho.

BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: Um Poeta Lírico na Era do Alto Capitalismo. Trad. Harry Zohn. Londres • Verso, 1983.

BERNUCCI, Leopoldo. *A imitação dos sentidos: Prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1995.

BITTENCOURT, Circe. **Livro didático e saber escolar: 1810-1970**. Autêntica: Belo Horizonte, MG, 2004. p. 60-61 e 164-168.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Memória Cúmplice**. São Paulo: Editor Cone Sul. 1998.

BOSI, Êclea. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**.13ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.2006.

BOSI, Ecléa. *Cultura de Massa e Cultura Popular. Leitura de Operárias*: Editora Vozes. Petrópolis: 1978

BOSI, Alfredo. **Cultura de Massas e Cultura Popular**: Leituras de Operários, Petrópolis, Vozes,1986.

BOSI, Alfredo. **A dialética da Colonização**. Companhia das Letras.São Paulo:1992

BOSON, Vitor Hugo Criscuolo. **Brasil, outros 500: a Marcha dos 2000 vinte anos depois**. Acervo Online. Brasil. Brasília: 2020.

BORDIEU, Pierre. **Por uma ciência das Obras, in Razões Práticas: sobre a teoria da ação**, Campinas, Papirus, 1996, p. 53-89.

CABRAL, Amílcar. **A Arma da Teoria. Unidade e Luta, volume I**. Fundação Amílcar Cabral, Praia, Cabo Verde, 2013.

CHAUÍ, Marilena. "**Apresentação: cultura política e política cultural**". In: **Id. Cidadania cultural: o direito à cultura**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, p. 7-14, 2006.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo , 2000.

CHAUÍ, Marilena. "**Como superar a dicotomia entre conformismo e resistência?**" In: **Id. Conformismo e resistência**. São Paulo: Brasiliense, p. 159-184, 1987.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil. Mito Fundador e Sociedade Autoritária**. Editora Fundação

Perseu Abramo: São Paulo. 2007.

CANCLINI, Néstor García. *A encenação do popular*. In: **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998. p. 205-254.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto: 2018.

CALASANS, José. **Quase biografias de jagunços: o séquito de Antônio Conselheiro**. Salvador. EDUFBA. 2013.

CALASANS, José. **Cartografia de Canudos**. Assembleia Legislativa da Bahia. Salvador. 2015.

CALASANS, José. **O Estado-Maior de Antônio Conselheiro**. Brasília DF. Ed GRD. 2000

CALASANS, José. **o Tempo de Antônio Conselheiro**. Porto Alegre. RS. Ed. Progresso. 2000.

CALASANS, José. **Cartografia de Canudos**. Salvador: EGBA. 1997.

CALASANS, José. "A guerra de Canudos na poesia popular. Documentário folclórico", Trabalho publicado pelo Centro de Estudos Baianos, No. 14, Salvador, Bahia, 1952. In: José Calasans, *Cartografia de Canudos*, Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo, Conselho Estadual de Cultura, EGBA, 1997.

CALASANS, José. "O sebastianismo no folclore de Canudos", in: José Calasans, *no tempo de Antônio Conselheiro*, Bahia: Publicações da Universidade da Bahia, X-2, 1959, p. 45-55.

CALASANS, José. "Antônio Conselheiro e os "treze de maio", in: *Cadernos Brasileiros*, Rio de Janeiro, Ano X, No. 47, maio/junho, 1968, p. 91-95.

CALASANS, José. **O séquito de Antônio Conselheiro**, Revista da FAEEBA, Ano 2, No. especial, jan./junho, Salvador, 1993, p. 49-54.

CALVET, Louis – Jean Roland Barthes. **Um olhar político sobre o signo**. Vega. Lisboa, 1973.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Fascismo: **Uma idéia que circulou pela América Latina: História em debate: Problemas, Temas e Perspectivas** p. 51-63 *Anais do XVI Simpósio da Associação Nacional de História*. Rio de Janeiro, 1991. 1973.

CARNEIRO, Everton Nery. **Mitologia Grega e Bíblica**. EdUNEB.. Salvador. 2018.

CARVALHO, José Jorge de. 'Espetacularização' e 'canibalização' das culturas populares na América Latina. *Revista ANTHROPOLOGICAS*, Rio de Janeiro, ano 14, vol.21, p. 39-76, 2010. Disponível em: <
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/download/23675/19331> >.
 Acesso em: 12 maio 2019.

CARVALHO, Paula. Paulatinamente #19: "**A Flor Guerreira**", o sati na Índia e o "sacrifício" de viúvas: Existem superstições, e superstições sobre as superstições. <https://paulac.substack.com/p/paulatinamente-19-a-flor-guerreira>. 2024 acesso em 06/03/2025.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar**. Petrópolis. RJ, Vozes, 1996.

CHEDID, Y. A.; HEMAIS, M. W. (2022). **Subalternização de mulheres brasileiras em contextos de turismo: uma análise pós-colonial com base em Spivak**. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo, São Paulo, 16, e-2357. <http://doi.org/10.7784/rbtur.v16.2357>. Acesso em 06/02/2025. 2022

CHÂTELET. Francois. DUHAMEL. Olivier.KOUCHNER-PISIER. Evelyne. **História das Idéias Políticas**. Jorge Zahar Editor.Rio de Janeiro. 2000.

COELHO, Marcelo. **Crítica Cultural: Teoria e Prática**. Publifolha. São Paulo.2006.

COUTINHO, Afrânio. **Os Sertões, obra de ficção**. In: CUNHA, Euclides da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, v. II, p. 57-62. (2ª ed. 1995)

COSTA, Carla , **Cronologia Resumida da Guerra de Canudos**, Rio de Janeiro. 2017.

COTRIM. Edilma da Silva. Silva Costa, Edil. **Oralidade Escrita na construção da identidade dos Gurungueiros do Sertão da Bahia**. Literaturas do Sertão. Salvador: Ed Quarteto.2025.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Edição crítica de Walnice Nogueira Galvão. São Paulo: Ática, 2009;

CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. Edição organizada por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, 2 v. (2ª ed., 1995).

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo. Círculo do Livro.1978.

CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. Martins Claret, São Paulo. 2003.

CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo**. Introdução, notas e comentários de Olímpio de Souza Andrade, São Paulo, Cultrix, pp. 55 e 56. 1975

CUNHA, Euclides da. **Obra completa**. Edição organizada por Afrânio Coutinho. 2 vols., Rio de Janeiro, Aguilar (2ª ed., 1995), vol. II, pp. 77-87. 1966

CUNHA, Euclides da. **Diário de uma expedição**. Introdução de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro, José Olympio, p. 91. 1939

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 1991. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

CRITELLI, Dulce. **Na Memória dos Outros**. São Paulo. Jornal Folha de São Paulo / Equilíbrio / 4 de setembro de 2008 FSP Caderno Equilíbrio p.03. 2008

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal: EDUFRN, 2008

DELORY-MOMBERGER, C. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) biográfica. Salvador**.v.01, N 01. P.133-147.jan/abr. 2016

DELORY-MOMBERGER, C. **A condição biográfica. Ensaios sobre a narrativa de si na modernidade avançada**. Natal: UFRN, 2012 a.

DELORY-MOMBERGER, C. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação, v. 17, n. 51, p. 523-535, set. /dez. 2012b.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1996.

DEMO, Pedro. **Pesquisa Participante: Saber pensar e intervir juntos**. Brasília/DF: Liber Livros, 1982.

DESCARTES, René. **O discurso do método e outros temas**. São Paulo: abril cultural, 1973(os pensadores).

FIGUEIREDO, Carlos Vinícius da Silva. **Estudos Subalternos: uma introdução**. Raído, Dourados, v. 4, n. 7, p. 83-92, jun. 2010.

FIORIN, José Luiz (Org.) **linguística? Que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.

FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento e BARBISAN, Leci Borges (orgs). **Saussure: a invenção da Linguística**. São Paulo: Contexto, 2013.174 p.

FLORES, Valdir do Nascimento; NUNES, Paula Ávila. **Linguística da Enunciação: uma herança Saussuriana? Organon**, Porto Alegre, nº 43, p. 199-209, julho-dezembro, 2007.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (orgs.) **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, p. 45-56, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges (orgs.) **Saussure: a invenção da linguística**. São Paulo: Contexto, p. 45-56, 2007.

FONTES, Oleone Coelho. **O Treme-Terra Moreira César A República de Canudos**. Vozes. Petrópolis, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões**. São Paulo: Ática, 2002.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mocambos**. Rio de Janeiro. Ed Nacional .1938.

- FREYRE, Gilberto. **Ordem e Progresso**. Rio de Janeiro. Ed Nacional .1959
- FREYRE, Gilberto. **Casa Grande e Senzala**. Rio de Janeiro. Ed Nacional.1933
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**. Vozes. Petrópolis .2004
- GALVÃO, Nogueira, Valnice; GALOTTI, Oswaldo. **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: Edusp. 1997.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro.LTC.1986.
- GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. **O Leitor de Nietzsche**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.2022.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. São Paulo, Atlas.2008.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **Os efeitos da frequência na mudança linguística via gramaticalização**. UNESP. São José do Rio Preto .2007
- GREIMAS, A. J. **Semiótica do discurso científico da modalidade**. DIFEL, SBPL, São Paulo 1976
- GUATTARI, Félix. **Cartografia do Desejo**. Petrópolis: Vozes.1986.
- HALL, S. Da diáspora: **identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural nos pós – modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de janeiro: DP&A, 2006.
- HOMERO. Odisseia / Homero; tradução e prefácio Carlos Alberto Nunes. - [25. ed.] - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e Tempo**. 12 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e Conferências**. Vozes ed. Petrópolis, RJ, 2002.
- HOORNAERT, Eduardo. **Os anjos de Canudos: uma revisão histórica**. Vozes Petrópolis. 1997.
- HUSSERL, Edmund, **A Ideia da Fenomenologia. Textos Filosóficos**. Edições 70. São Paulo. 1986.
- JAKOBSON, Roman. **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix .1974
- JOLLES, André. **Formas Simples**. Tradução de Álvaro Cabral. Editora Cultrix: São Paulo, 1976.
- KURY, Mário da Gama. (1990). **Dicionário de Mitologia Grega e Romana**. Jorge Zahar Editor

Ltda. Rio de Janeiro, RJ. pp. 405.

LENIN, Vladimir I. **O Estado e a Revolução**. Haucitec. São Paulo.1970

LAPLANTINE, François. **Antropologia da doença**. Martins Fontes. São Paulo.1991

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **Ética e literatura em Sartre: ensaios introdutórios**. São Paulo: UNESP, 2004.

LEOPOLDO e SILVA, Franklin. **O Outro**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

LEVINE, Robert M. **O Sertão Prometido: O massacre de Canudos no Nordeste Brasileiro**. Tradução de Mônica Dantas. Edusp. São Paulo, 1995.

LLOSA, Mario Vargas. **A Guerra do Fim do Mundo**. Alfaguara. Rio de Janeiro. 2000.

LUPPI, Lúcia. **A questão nacional na primeira República**. São Paulo. Brasiliense.1990.

MACEDO, José Rivair. MAESTRI Mário, Belo Monte **Uma história da Guerra de Canudos**. Expressão popular. São Paulo. 2004

MACEDO, Nertan. **Antonio Conselheiro**., Editores Renes, Rio de Janeiro, 1978.

MACIEL, Antônio Vicente Mendes (Antônio Conselheiro). **Prédicas aos canadenses e um discurso sobre a república**. IN: Nogueira Ataliba. Antônio Conselheiro e Canudos, revisão histórica a obra manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha. Editora Nacional, São Paulo, 1974.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**, São Paulo. Ed.MARX, Karl .1976.

MARX.Karl, ENGELS. Friedrich.LENIN. Vladimir. **Escritos Militares**.Global.São Paulo.1981.

MONTEIRO. Eloisa Helena. **Identidade: Nacionalismo, estereótipos, representação, miscigenação, cultura**. Fast Design. Salvador. 2011

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**. Contexto ed. São Paulo. 1992

MIRANDA, Wander Melo. **Os Olhos de Diadorim**. Cepe Ed. Recife, 2019.

MONIZ, Edmundo. **Canudos: A Luta pela Terra**. Coleção história Popular, vol 1. São Paulo; Ed Parma. 1981.

MONTENEGRO. Antônio Torres. **História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada**. Contexto. São Paulo. 2007.

NASCIMENTO, Jairo Carvalho do. **José Calasans. A História Reconstruída**. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciência Humanas – UFBA. Salvador, 2004.

NIETZSCHE, Frederico. **La Genealogía de la moral**. F Sempere e Cia. Valencia. ES. 1953.

NIETZSCHE, Frederico, **Origem da Tragédia**. Tradução de Álvaro Ribeiro. Guimaraes Editores. Lisboa, 1960.

NIETZSCHE, Frederico, **Origem da Tragédia**. Tradução de Álvaro Ribeiro. Guimarães Editores. Lisboa, 1982.

NORA. Pierre. **Entre memória e história**. Projeto História:Revista do program de Estudos Pós-graduados em História e o Departamento de História , PUC/SP,nº 10,1993.

OLIVEIRA, Raquel; CARRIERI ,Alexandre; ROMAGNOLI , Roberta. Artigo • Cad. EBAPE.BR 18 (1) • Jan-Mar 2020 • <https://doi.org/10.1590/1679-395174655> Scielo Brasil <https://www.scielo.br> <https://www.scielo.br/j/cebape/a/J3Xkzp43F43qC6SxgTgq8nP/>

PEREIRA, Áurea da Silva. **Tempo de plantar, tempo de colher: mulheres idosas, saberes de si e aprendizagens de letramento em Saquinho**. Tese de Doutorado;196fl. UNEB 2014. Disponível em: <http://www.cdi.uneb.br/site/wp-> Pdf consultado em 12/03/2025.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Autêntica São Paulo. 1990.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. Cultrix, São Paulo, 1993.

PIEIDADE. Lelis. **Histórico e relatório do Comitê Patriótico da Bahia, Bahia**, Reis & Cia., 1901.Salvador. (Arquivo Núcleo Sertão, Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia). 2009

PLATÃO. **A república**. Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural. 1987. Pensadores (Coleção). São Paulo: Nova Cultural, 1987

BRASIL. **PCN Parâmetros Curriculares Nacionais**, MEC. Brasil 1998.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1998.

POLLAK, Michael. (Coleção **Os pensadores**). Tradução de Ernildo Stein. São Paulo: abril Cultural, 1996.

POLLAK, Michael, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. In Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, nº 03, 1989

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a História Oral diferente**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e o Departamento de História – PUC/SP nº22 junho 2001.

PORTELLI, Alessandro **História Oral como Gênero**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e o Departamento de História – PUC/SP nº22 junho 2001.

PORTELLI, Alessandro **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v 2, nº03,1989.

PORTELLI, Alessandro **O que faz a História Oral diferente**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e o Departamento de História – PUC/SP nº14 1997.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico**. Universidade de FEEVALE. Novo Hamburgo RS, 2013.

PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de Manual de Metodologia Científica. Universidade de FEEVALE. Novo Hamburgo RS, 1997.

RAMOS. Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro/São Paulo. Ed Record.2019.

RAMOS. Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RABELO, Sílvio. Euclides da Cunha. Rio de Janeiro: CEE, 1948.

REALE, Giovanni, ANTISERI, Dante. **História da Filosofia.Vol. III, Vol I**, Paulus. São Paulo. 2003.

REVEL, Jacques (Org.). **Jogos de escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra Cultural e Retórico do ódio, crônica de um Brasil Pós-Moderno**. Goiânia: Caminhos. 2021.

ROMERO, Silvio. **Estudos sobre a poesia popular no Brasil**, Petrópolis: Editora Vozes,1977.

ROSA GUIMARÃES. Grande Sertão Veredas. Companhia das Letras. São Paulo.2019.

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história e o esquecimento**. Campinas.: Unicamp.2010

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história e o esquecimento**. Campinas.: Unicamp.2007

RICOEUR, Paul. Educación y política. Buenos Aires: Docência. 1994

RICOEUR, Paul. **Caminos Del reconocimiento**. Ciudad de México: EFE 2003.

RICOEUR, Paul. **Finitud y culpabilidad**. Madrid: Trota 2004

RICOEUR, Paul. **História Y Verdad**. Madrid: Encuentro.1990.

RICOEUR, Paul. **Tempo y narración III**.Madrid: Siclo Vente uno.1985

RICOEUR, Paul. **Amor y justicia**. Madrid: Carparós. 2000.

RICOEUR, Paul. **Conferência Memória, história, esquecimento**. Budapeste. Artigo 8/3/2009.

RICOEUR, Paul. **A si mesmo com o outro**.. São Paulo: Martins Fontes .2014.

RICOEUR, Paul. **A si mesmo com o outro**. Papyrus .1991.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **Canudos Cartas Para o Barão**. Edusp. São Paulo. 1999.

SANTOS, Osmar Moreira dos. **Um banquete antropofágico**. Mercado de Letras. Campinas SP. 2021.

SANTOS, O.M. **A luta desarmada dos subalternos** [online]. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2016, 185 p. ISBN 978-85-423-0290-5. Available from: doi: 10.7476/9788542302905. Also available in epub from: <http://books.scielo.org/id/dty2b/epub/santos-9788542302905.epub>.

SANTOS, Osmar Moreira. **Primeiros passos de uma crítica cultural**. Salvador. EDUNEB.2015.

SARTRE, Jean Paul. **O Ser e o Nada**. Vozes.Petrópolis.1997

SCHMIDT, Maria Auxiliadora, CAINELLI, Marlene. **Ensinar História**. Scipione, São Paulo .2004

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas**. Psicologia USP. V. 17, n. 20, p. 11-1, 2007.

SCHMIDT, M. A. **O ensino de História Local e os desafios da formação da consciência histórica**. In: MONTEIRO, A. M. F. C.; GASPARELLO, A. M.; MAGALHÃES, M. S. (org.). **Ensino de História: sujeitos, saberes e práticas**. Rio de Janeiro: Faperj, 2007. p. 187-198.

SEIDEL. Roberto Henrique. **Sobre o papel da crítica cultural: Crítica acadêmica ou debate intelectual**. Cadernos de estudos sociais. V24 N1. Artigo n 2. Fundação Joaquim Nabuco. Recife. 2008.

SENA, Consuelo Pondé. **Discurso sobre José Calasans. IGH-BA**. Salvador. 2005.

VIEIRA, Marcio Ronaldo Rodrigues. **Memória das Mulheres Operárias da CVI**. Paco Editorial. Jundiaí SP. 2014.

SILVA. Carlos. **Canudos 126 anos de uma história que não chega ao fim**. Literatura de cordel. Trimegistus.Salvador.2024

SILVEIRA, Eliane. **O lugar do conceito de fala na produção de Saussure**. In: FIORIN, José Luiz; SAUSSURE. F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix. 2006.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

SAUSSURE. F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix. 2006.

TAVARES. Odorico. **Canudos. Cinquenta anos depois (1947)**, Bahia, Conselho Estadual de Cultura, Academia de Letras da Bahia, Fundação Cultural do Estado, 1993.

VENÂNCIO FILHO. Francisco. **A Glória de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro. Editora

Nacional .1940.

VIVEIROS-DE-CASTRO, Eduardo. **Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena**. Revista O que nos faz pensar Departamento de Filosofia Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. 2018.

VOEGELIN, Eric. **Platão e Aristóteles**. Ordem e História vol .III. Loyola, São Paulo .2015

ZILLY, Berthold Jul.- **A guerra do sertão como evento de mídia na Europa de 1897**. Em Anos 90, revista do Programa de Pós-Graduação em História, no 7, Porto Alegre, UFRGS, pp. 59-87. 1997.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Paz e Terra: São Paulo.2008.

WERNER Jaeger. **A Paidéia**. Formação do Homem Grego. Martins Fontes. São Paulo.2001.

7. ANEXOS

Notas para um vocabulário de Canudos

José Calasans

Aqui e ali, nas minhas andanças pelos caminhos e veredas da história e do folclore de Canudos, tenho encontrado algumas expressões, de significação geral ou específica, que me pareceram merecedoras de registro. Talvez possam servir a estudioso do futuro, que nelas bem poderá respigar alguma coisa aproveitável.

1. - **Boca-de-sino**. Canhão. Termo muito conhecido. Abon.: "A resposta era imediata num formidável ronco das **bôcas-de-sino**", (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 527).
2. - **Burra-Preta**. Nome que os jagunços davam à artilharia. Abon.: "Se esperavam sempre novos ataques do inimigo, para destruir a **burra-preta** ou **fogo-de-rodas**, como denominavam a artilharia". (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 163).
3. - **Caminheira**. Expressão usada por Antonio Beatinho com o significado de disenteria. Abon.: "Morrera a 22 de setembro de uma disenteria, uma **caminheira** - expressão horrendamente cômica que faz repentinamente um borbórinho de risos irreprimidos naquele lance doloroso e grave". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 7ª ed., pág. 603).
4. - **Capitão-jagunço**. Com este título era conhecido Jesuíno Lima, homem que viveu algum tempo entre os conselheiristas e posteriormente guiou as forças legais. Abon.: "Era conhecido entre a soldadesca por **Capitão Jagunço**". (Martins Horcades. **Descrição de uma viagem a Canudos**, pág. 98).
5. - **Chefe do povo**. Título que os jagunços davam a João Abade, um dos principais chefes de Canudos. Abon.: "Entre essa turma desorientada, há vários criminosos, segundo me afirmaram, citando-se até os nomes, alguns dos quais retive, como o de João Abade, que é ali chamado o **chefe do povo**" (Frei João Evangelista. **Relatório**, pág. 5).

6. - **Chineses**. Nome dado aos homens do contingente de engenharia pelos soldados combatentes. Abon.: "A foice mais afiada dos nossos soldados do contingente de engenharia, **chineses** na frase gaiata dos companheiros dos corpos combatentes". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 2ª ed., pág. 387).
7. - **Coluna talentosa**. Denominação com que os canudenses honraram a 2ª Coluna da 4ª Expedição, comandada pelo gen. Savaget. Talentosa no sentido de forte, valente, corajosa, poderosa. Ouvi de um cantador que "Paulo Afonso" é o maior talento hidráulico do Brasil. Abon.: "Quando o General Savaget, ontem, visitou aos seus bravos companheiros da 2ª Coluna - a **coluna talentosa**, segundo a denominação insuspeita dos jagunços". (Euclides da Cunha. **Canudos**, pág. 9).
8. - **Comandante da rua**. Um dos títulos que os jagunços davam a João Abade. Abon.: "**Comandante da rua**, título inexplicável naquele labirinto de bitesgas". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 20ª ed. pág. 319).
9. - **Companhia do Bom Jesus**. Espécie de guarda pessoal do Santo Conselheiro, encarregada de defendê-lo. Seus membros recebiam roupa e comida. Abon.: "os que ainda não se haviam alistado na **Companhia do Bom Jesus**, que não recebiam do Conselheiro a comida e a roupa". (Frei João Evangelista. **Relatório**, pág. 7).
10. - **Conselheirista**. Aquele que seguia Conselheiro.
11. - **Corta-cabeças**. Apelido dado pelos jagunços a Antonio Moreira César, comandante da 2ª Expedição. Abon.: "Deram-lhe um apelido lúgubre: '**Cortacabeças**'". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 7ª, pág. 311).
12. - **Corta-pescoço**. Alcinha que os conselheiristas deram também a Moreira César. Abon.: "Coronel Moreira César/Chama-se **corta-pescoço**/Veio agora nesta guerra. Deixar no sertão o osso. (Afrânio Peixoto. **Missangas**, pág. 58).
13. - **Fogo-de-rodas**. Canhão, segundo os homens de Canudos. Abon.: "**Fogo-de-rodas**, como denominavam a artilharia" (Macedo Soares. **A guerra de Canudos**, pág. 163).

14. - **Fraqueza do governo.** Denominação escarnecedora com que os jagunços procuravam atingir os soldados. Abon.: "entre outras, uma frase desafiadora que no decorrer da campanha seria invariável como estribilho irônico 'avança, **fraqueza do governo**'" (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 20ª ed., pág. 269).
15. - **Goiva.** Barrete usado por alguns dos principais "apóstolos" de Antonio Conselheiro. Abon.: "Macambira e João Venâncio usavam jaqueta e calça de algodão azul e Beatinho, eram estas peças ou uma camisola igual a do Conselheiro, porém amarrada na cintura por cordão. Os três usavam barrete que chamavam "goiva". (Manuel Benício. **O Rei dos jagunços**, pág. 167).
16. - **Gravata Vermelha.** Degolamento. Abon.: "A hora que partimos, vimo-los seguir a caatinga, a fim de receberem a gravata-vermelha. O leitor sabe o que significa essa **gravata-vermelha**? A morte. (Lélis Piedade. **Relatório**, pág. XLVIII).
17. - **Guarda católica** - A guarda do Conselheiro. O mesmo que Companhia do Bom Jesus e Santa Companhia. Abon.: "A essa força denominavam **guarda católica**". (Macedo Soares. **A guerra de Canudos**, pág. 38).
18. - **Imundície do governo.** Os soldados do governo, conforme os jagunços. Abon.: "Qualificativo afrontoso com que os jagunços denominavam os soldados, quer individual quer coletivamente. (Manuel Benício. **O Rei dos jagunços**, pág. 265).
19. - **Jacarés.** Assim eram chamados, pelos jovens oficiais da 4ª Expedição, os generais Artur Oscar, Cláudio Amaral Savaget e João da Silva Barbosa. Abon.: "Os três generais, no acampamento quando eles não estão presentes a jovem oficialidade diz respeitosamente: os três **jacarés**". (Constantino Néri. **A Quarta Expedição Contra Canudos**, pág. 104) .
20. - **Jagunço.** Expressão incluída nos dicionários antes da campanha de Canudos, porém que foi, nesta época, espalhada por todo o Brasil com o sentido de valente, destemido, fanático (Luiz da Câmara Cascudo. **Dicionário do Folclore Brasileiro**, pág. 321).
21. - **Levar para a caatinga.** Degolar. Abon.: "Nessa campanha querem passar por heróis indivíduos cujo mérito constitui em **levar para a caatinga** os desgraçados que caíam

prisioneiros. Nem todos compreenderão bem estas palavras. Os do Rio Grande do Sul explicá-las-ão porém com facilidade desde que dissermos: levar para a caatinga equivale a fazer o papel de João Francisco". (Wolsey. **Libelo Republicano**, pág. 34).

22. - **Linha negra**. Designava determinado entrincheiramento onde estavam alguns batalhões que sitiavam Canudos. Abon.: "Aquela provocação não demoravam os jagunços responder despejando os bacamartes sobre a **linha negra**, vigilante e lesta". (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 257) .
23. - **Matadeira**. Como os jagunços chamavam um dos canhões da 4ª Expedição.
Abon.: "Pai, quero destruir a **matadeira**. Sob tal denominação indicam os jagunços o canhão Krupp, 32, que tem feito entre eles estragos consideráveis".
(Euclides da Cunha. **Canudos**, pág. 33) .
24. - **Mimosa**. Nome que os antigos soldados deram à Brigada Girard, chegada ao teatro da luta, em agosto de 1897, muito desfalcado com o afastamento de diversos oficiais por motivos nem sempre justificáveis. Abon.: "Deu uma carga de baionetas, em que não perdeu um soldado, entrando afinal em Canudos, onde os enrijados campeadores, que ali estavam sob a disciplina tirânica dos tiroteios diuturnos, a acolheram com a denominação de **mimosa**, nome, que, entretanto, mais tarde seus bravos oficiais fizeram que se apagasse, a exemplo do primeiro título". (Euclides da Cunha. **Os Sertões**, 2ª ed., pág. 501).
25. - **Poeira**. Designava, em Canudos, o lugar onde ficaram os presos. Era a cadeia dos jagunços. Abon.: "Conheci muito. Era um preto danado de valente. Estava preso na **poeira**. Pediu para ser solto. Queria lutar a nosso favor". (Paulo Dantas. **Viagem definitiva a Canudos**. "Revista Brasiliense", vol. XXI, pág. 151).
26. - **Rompe-nuvens**. Denominação pela qual era conhecido o 5º Batalhão de Polícia da Bahia, tropa que muito se destacou durante a campanha. Abon.: "O coronel tais cousas tem feito que a canalha apelidou o batalhão – devido à rapidez com que forma e as marchas que faz – de **rompe-nuvens**" (**Diário de Notícias**, Bahia, 26 jun. 97).

27. - **Saias-encarnadas**. Nome dado aos soldados do exército, por causa da calça garance. Abon.: "Vinte ou trinta pessoas, rodeavam o Santo. Em dado momento recendendo o tiroteio dos **saias-encarnadas**, resmungou Antonio Conselheiro, de mau humor". (Silva Campos. **Tradições Baianas**, pág. 422).
28. - **Santa Companhia**. Outra denominação da Companhia do Bom Jesus, isto é, da guarda pessoal do Conselheiro. Abon.: "Mas correndo grandes riscos entre eles o de serem algum dia inesperadamente saqueados os seus bens em proveito da **Santa Companhia**". (Frei João Evangelista. **Relatório**, pág. 8).
29. - **Treme-terra**. Era assim conhecido, desde a Guerra do Paraguai, o 12 de Infantaria. Abon.: "O seu natural ardor bélico não mais podia revigorar as fileiras do legendário 12, o **treme-terra**, antonomásia conquistada nas pugnas do Paraguai e que altivamente mantinha em todas as refregas até ali galhardamente sustentadas". (Macedo Soares. **A Guerra de Canudos**, pág. 110).